

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**IMIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E ITALIANIDADE:  
Um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS**

**BEATRIZ RODRIGUES KANAAN**

**Dissertação de mestrado**

**Porto Alegre, abril de 2008.**

**Beatriz Rodrigues Kanaan**

**IMIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E ITALIANIDADE:**

**Um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Denise Fagundes Jardim

**Porto Alegre  
2008**

**IMIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E ITALIANIDADE:**  
**Um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS**

**Beatriz Rodrigues Kanaan**

Dissertação de mestrado  
submetida ao Programa de Pós-  
Graduação em Antropologia  
Social da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul sob orientação  
da Profa. Dra. Denise Fagundes  
Jardim.

Aprovada em 20.06.2008

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini  
Universidade Federal de Santa Maria

---

Prof. Dr. Ari Oro  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Bernardo Lewgoy  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre  
Junho de 2008

## AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho é resultado da (inter)ação de muitas pessoas . A começar pelo pessoal das equipes dos postos de saúde que me acolheu para que eu desenvolvesse meu trabalho de campo. Em especial as agentes de saúde, estas tornaram esta pesquisa muito mais rica ao me inserirem em seus grupos comunitários a partir dos quais teci as redes em busca de significados.

E o que dizer dos meus informantes/interlocutores que ao compartilharam comigo suas trajetórias e suas visões de mundo são esqueleto, carne e sangue, e espírito de tudo isto.

A Sílvia e a Valesca, naturais de Farroupilha, também participaram enquanto indicavam caminhos, forneciam materiais e cediam suas próprias histórias de vida, além de suas amizades.

Porém, nada disso estaria sob um olhar antropológico se eu não tivesse passado pela formação competente dos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS. Destaco os professores Ruben Oliven e Arlei Damo que pacientemente me ouviram e sugeriram possibilidades de análise para as minhas observações. Destaco também a importância das sugestões trazidas pelo professor Ari Oro e que apontaram alguns focos que espero ter desenvolvido no decorrer da pesquisa.

A antropologia, no entanto, começou a fazer parte dos meus projetos bem antes, quando ainda na graduação em História, a professora Maria Clara Mocellin despertou em mim o interesse pelo fazer etnográfico, e para minha satisfação, esteve presente norteando o processo deste trabalho.

Acredito, desta forma, que a construção do conhecimento é coletivo e por isso tenho certeza que este estudo traz, através das muitas leituras compartilhadas a voz de todos os colegas da Pós graduação. Como, por exemplo, Fanny que diversas vezes acorreu a mim – e eu a ela - com questionamentos e sugestões. Isso, sem falar de colegas que se tornaram amigos e compartilhamos muitos momentos extra-

acadêmicos. Como a Marta que além de tudo isso também ajudou na formatação do texto. E a Ana Luíza? A Ana prontificou-se e fez uma leitura bastante crítica de trechos da dissertação que certamente influenciaram na versão final do texto.

Bom, cabe lembrar que se não fosse o interesse da Denise Jardim por este estudo e suas orientações enriquecedoras, este estudo não teria a complexidade e a forma que tem.

Ainda quero lembrar aqui a colaboração dos funcionários da secretaria do PPGAS, em especial a Rose que sempre me tranqüilizou diante dos processos burocráticos inerentes às instituições.

A bolsa do CNPQ foi de fundamental importância para que durante um ano eu pudesse me licenciar de meu emprego e dedicar-me somente à realização do trabalho de campo e posteriormente à elaboração do texto.

De uma forma ou de outra, meus amigos também interagiram na concretização deste trabalho. Incentivando, dialogando ou ainda, deixando que eu extravasasse minhas ansiedades relacionadas a pesquisa mesmo nos momentos de lazer.

O Gui foi outro colaborador, como representante de uma nova geração que habilmente resolve “problemas insolúveis” que surgem na frente do computador.

A todos estes quero deixar aqui meu agradecimento por terem estado comigo na realização deste trabalho.

Finalmente quero agradecer - e para estes não encontrei palavras à altura do que sinto – à Júlia e ao Fefa. Por terem lido inúmeras vezes, por terem sugerido, criticado, corrigido o texto. Por terem me incentivado diariamente. Por terem me acompanhado nestes últimos 20 anos.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I – Noções de italianidade .....</b>	<b>15</b>
1.1. As italianidades aqui entre “nós” .....	16
1.2. “Colona é a nonna” .....	18
1.3. “Nós, os ítalo-gaúchos” .....	22
1.4. A imigração em terra de imigrantes .....	26
1.5. Nem tudo é perfeito .....	29
1.6. A presença do outro .....	32
1.7. Os jogos identitários .....	35
1.8. Considerações antropológicas sobre jogos identitários e identidade étnica .....	42
<b>Capítulo II – Imigração e a construção de fronteiras simbólicas .....</b>	<b>45</b>
2.1. A porta de entrada .....	52
2.2. A aproximação com os moradores .....	54
2.3. “Colocar casa” .....	59
2.4. Migrar em busca do trabalho e reorganizar a vida familiar .....	63
2.5. O “sistema daqui”: reflexões sobre a vida no bairro e os valores morais .....	66
2.5.1. Preconceito .....	69
2.5.2. Trabalho .....	73
2.5.3. Avareza .....	76
2.5.4. Inveja .....	77
2.5.5. O valor do dinheiro .....	79
2.5.6. Lazer .....	82
2.5.6.1. Festas comunitárias .....	86
2.5.6.2. Festa junina .....	89
<b>Capítulo III – As negociações identitárias .....</b>	<b>94</b>
3.1. A rede da “boa vizinhança” .....	94
3.2. A gente vem “falhado” .....	99
3.3. As negociações identitárias de outro ponto de vista .....	100
3.3.1. Tomar o “trabalho como costume de vida” .....	104
3.4. os males que vem dos “outros” .....	110
3.4.1. “Às vezes é difícil” .....	116
<b>Capítulo IV – O mundo vivido e o mundo imaginado : a Gincana .....</b>	<b>120</b>
4.1. A Gincana e a teoria : o ir e o vir do trabalho antropológico .....	124
4.2. As origens da festa .....	126
4.3. A preparação da festa .....	128
4.4. As equipes .....	131
4.5. A construção do desfile .....	135
4.6. O desfile .....	137
4.7. As tarefas .....	142
4.8. O encerramento .....	146
4.9. Os significados da festa .....	149
<b>Considerações finais .....</b>	<b>156</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>169</b>

## RESUMO

Este estudo é resultado de uma pesquisa etnográfica sobre as relações e as negociações de valores entre os descendentes de imigrantes italianos e imigrantes recentes. As maneiras como cada um dos grupos vem elaborando uma representação do outro e de si próprio frente ao outro evidenciaram de que forma um conjunto de valores identificados como “italiano” consegue ser partilhado e reinterpretado pelos recém chegados. O estudo demonstra que um contexto aparentemente estruturado em “italianos” e “brasileiros” comporta também poros de permeabilidade. Aqui as fronteiras simbólicas entre os grupos mostraram-se bem mais fluídas e negociáveis.

O universo de pesquisa desta dissertação centra-se nos moradores do bairro operário Primeiro de Maio, na cidade de Farroupilha. Estes sujeitos constituem a nova leva de imigrantes, desta vez, não exclusivamente de origem italiana, que a partir dos anos 70, vieram atender a necessidade de mão-de-obra resultante do crescimento industrial da região.

Este estudo se insere nos debates sobre a imigração e a experiência de alteridade ao focalizar as relações entre os indivíduos da nova imigração com a italianidade. Compreendo italianidade como referências simbólicas que acionam repertórios que permitem explicitar novos jogos identitários e disputas simbólicas travados entre distintos protagonistas que referem a qualidades morais que versam sobre o “bom” trabalhador, o “bom” operário e a identidade de origem.

Palavras-chave: identidade, migrações, etnicidade.

## ABSTRACT

This study resulted from a piece of ethnographic research on relations and value negotiation between Italian-descendant immigrants and just-arrived immigrants. The ways each of the groups has elaborated a representation of the other one and of itself faced to each other have shown how a number of values identified as “Italian values” is shared and reinterpreted by just-arrived immigrants. The study shows that an apparently well-structured context composed of “Italian” and “Brazilian” people also has permeability pores. Here, symbolic borders between groups appeared to be much more fluid and negotiable.

The investigation universe of this piece of research was centered in people living in “1º de maio” workers’ quarter, in the town of Farroupilha. These subjects constitute the new wave of immigrants, not exclusively of Italian origin, who came, from the seventies on, to fulfill the need of labor, as a result of industrial growth in this region.

This study is inserted in the debates about immigration and the experience of otherness focusing on relationships between just-arrived immigrants and “italianity”. I understand “italianity” as symbolic references encouraging repertoires which allow explaining new identity games and symbolical disputes arisen among different protagonists referring to moral qualities regarding the “good” worker, the “good” factory worker, and origin identity.

Key words: identity, migrations, ethnicity



## INTRODUÇÃO

Este estudo é resultado de uma pesquisa etnográfica sobre as relações e as negociações de valores entre os descendentes italianos e imigrantes recentes. As maneiras como cada um dos grupos vem elaborando uma representação do outro e de si próprio frente ao outro evidenciaram de que forma um conjunto de valores identificados como “italiano” consegue ser partilhado e reinterpretado pelos recém chegados. O estudo demonstra que um contexto aparentemente estruturado em “italianos” e “brasileiros” comporta também poros de permeabilidade. As fronteiras simbólicas entre os grupos mostraram-se bem mais fluídas e negociáveis.

Meu interesse no contato entre grupos que se consideram distintos está estreitamente relacionado à minha experiência pessoal. Em 1997, passei a morar em Farroupilha, cidade localizada na região conhecida como Serra Gaúcha, distante 14 quilômetros de Caxias do Sul. Frente a uma melhor oferta de trabalho, minha família e eu resolvemos nos mudar. Foram várias as idas e vindas até a mudança definitiva. Os acertos no emprego, a escolha da moradia, a procura de uma vaga na escola para minha filha, faziam com que a aproximação com o novo ambiente fosse se dando paulatinamente. Para mim, era tudo novidade. Eu sentia uma enorme diferença já quando tomava a RS122, estrada que dá acesso às cidades da Serra, a partir da região metropolitana de Porto Alegre. Trata-se de uma rodovia ampla, de mão dupla, muita bem sinalizada, dotada de modernos equipamentos de fiscalização de velocidade. O largo canteiro central sempre florido e bem cuidado fornecia um cenário bem diferente a quem, até então, esteve percorrendo rodovias da metade sul do Estado, bem mais simples e descuidadas.

Aos poucos, a temperatura vai diminuindo, o frio fica mais intenso, não deixando dúvidas sobre os 700 metros de altitude transpostos nos cerca de 100 quilômetros que separam a região da capital do Estado.

Na medida em que se avança em direção à Serra, pode-se observar a diversidade da agricultura nas diferentes colorações das plantações que, como

retalhos, cobrem os morros. As matas nativas já são poucas. Entretanto, ainda é possível enxergar de quando em quando a árvore mais característica da região, a araucária, entre angicos e erva-mate; vegetações em extinção e que compunham até pouco tempo a flora do lugar.

### FIGURA 1 – ENTORNO DA RODOVIA



Enquanto aprecio a mudança da paisagem, vou pensando sobre as tantas publicações que li sobre este lugar onde foram assentadas as Antigas Colônias Italianas - Caxias, Conde D'Eu e Dona Isabel - que deram origem atualmente a dezenas municípios. Colonizada em fins do século XIX, a região desenvolveu-se de tal forma que, cem anos depois, tornou-se o segundo pólo econômico e industrial do Estado do Rio Grande do Sul. Jornais, televisão e prospectos turísticos salientam as diferenças da região frente ao resto do país. Em expressões recorrentes, dizem que aqui está construído um pedaço da Europa, pelo esforço e pioneirismo, ímpeto ao trabalho e espírito empreendedor do imigrante italiano e seus descendentes.

As cidades deste lugar, hoje, destacam-se pelo desenvolvimento econômico industrial, o que pode ser constatado através dos traçados das grandes vias, pela

presença de fábricas e pela arquitetura predominantemente vertical dos prédios. Os moradores da cidade freqüentemente dizem que “o importante é o progresso”. O ritmo acelerado da expansão urbana, proporcionada pelo crescimento significativo da industrialização na região, vai transformando rapidamente as características arquitetônicas dos momentos iniciais de implantação dos imigrantes italianos. Os característicos chalés de madeira, adornados com seus artísticos lambrequins e com porão de pedra, praticamente só existem em reconstruções dirigidas à exploração turística. Em 130 anos, as cidades da região passaram a acompanhar o modelo urbanístico de tantas outras localidades brasileiras. Por outro lado, se diferenciaram com bastante força de outras tantas cidades gaúchas do entorno, que permanecem com um modelo econômico assentado em atividades agrárias de características monocultoras e latifundiárias. Tomada desse olhar comparativo, cheguei a Farroupilha estranhando o que via à minha volta. Ao mesmo tempo, esta experiência me dotava de um olhar que me levava a estranhar o que até então me era familiar.

FIGURA 2 – CIDADE DE FARROUPILHA



Hoje moro na área central de Farroupilha <sup>1</sup> que, além dos edifícios de moradia, conta com muitas casas comerciais e prédios administrativos. Estas modernas

---

<sup>1</sup> O território que hoje corresponde à cidade de Farroupilha inicialmente integrava o território da antiga Colônia Caxias. Denominou-se Nova Vicenza até 1934, data da sua emancipação. A área territorial do município é de 372,80 km<sup>2</sup> e está 760m acima do nível do mar. O clima subtropical temperado apresenta temperaturas mínimas

construções são orgulhosamente descritas pelos moradores que, ao indicarem um endereço, sempre se referem ao nome dos prédios, indicando mais que uma valorização, uma verdadeira personalização destes. “É no Bender”, dizem, para fornecer o endereço. Ou ainda, “eu moro no Portal do Sol, aquele mais alto”.<sup>2</sup>

Há um *anel viário* todo asfaltado que permite um escoamento mais fácil de um trânsito que por vezes é intenso – se levada em conta a população urbana de cerca de 50 mil habitantes.<sup>3</sup> As ruas centrais apresentam-se engarrafadas nos horários de entrada e saída de escolas e trabalho. Câmeras de vigilância estão espalhadas em quase todo o trajeto desse anel. Nas calçadas, entretanto, não se pode afirmar que o movimento de pedestres seja intenso em algum momento, porque “*aqui ninguém anda a pé*” costumam dizer os moradores da cidade. Farroupilha tem uma projeção urbana francamente orientada ao automóvel. A valorização deste aparece em muitos elementos como: a existência de muitas revendedoras, a quantidade de postos de gasolina na cidade, as inúmeras lavadoras de carros, mecânicas, enfim. O *site* do Jornal “O Farroupilha” tem como segundo dado informativo da cidade, depois de colocar a área do município, o número de veículos e a densidade pessoas/automóveis que é de 1,6 automóveis por pessoa. Duas vezes maior que a relação existente em São Borja, para citar outra cidade gaúcha que tem o mesmo número de habitantes.

Inicialmente, os 110 Km que separam esta região da cidade de Porto Alegre não me pareciam distância significativa para que eu tivesse transposto uma fronteira importante, uma vez que não saíra do país, sequer do Estado. Entretanto, aos poucos eu percebia estar num lugar bastante diferente de onde havia vivido até então. Não obstante, logo descobri ser considerada pelos moradores da cidade como uma “estrangeira” entre eles. Sou naturalmente tratada como “brasileira”, nesta terra de

---

em torno de 1°C no inverno e máximas de 32° no verão. A topografia confere-lhe o estatuto de divisor de águas com importantes nascentes que se dirigem ao rio das Antas, no norte, e para o rio Caí, ao sul.

<sup>2</sup> Teixeira comenta a dimensão simbólica da presença de arranha-céus em pequenas cidades onde essas construções verticais encontram-se associadas a “progresso, modernidade, atualização no tempo histórico;” que ao mesmo tempo em que vincula seus moradores ao progresso os afasta da condição de atraso. (TEIXEIRA, 1988,19)

<sup>3</sup> Diante do crescimento populacional houve uma reorientação do planejamento da cidade de Farroupilha a partir da década de 70. Este planejamento seguiu, de alguma forma, a vertente progressista do urbanismo modernista que se assenta nas propostas de Le Corbusier. Nesse período, igualmente a outras cidades brasileiras, assim como todas as cidades dos países subdesenvolvidos, Farroupilha acata as idéias de progresso sugeridas por esse urbanista que salientava a necessidade de ordenar e organizar logicamente a cidade em crescimento demográfico. (NYGAARD,2005).

“italianos”. As diferenças notadas na construção do território passaram daí por diante a serem vividas como uma diferença cultural também. A diferença não se deu só na minha relação com este espaço, como também na relação com as pessoas. Fui aos poucos conhecendo a história do lugar e as histórias das pessoas do lugar.

A convivência com as pessoas deste lugar constitui-se numa experiência que me permitia apreender os princípios e valores que permeiam as relações nesta sociedade. Essa experiência de estranhamento não representou para mim somente a vivência de novas perspectivas frente às diferentes maneiras de viver e pensar desse grupo. Representou igualmente meu estranhamento frente a instâncias sociais até então tomadas como elementos naturais. O desequilíbrio causado pelo deslocamento para este outro lugar, conferiu-me um olhar que me proporcionou estranhar o meu próprio mundo. A partir da minha experiência de deslocamento e reinserção, fui construindo minhas questões de pesquisa.

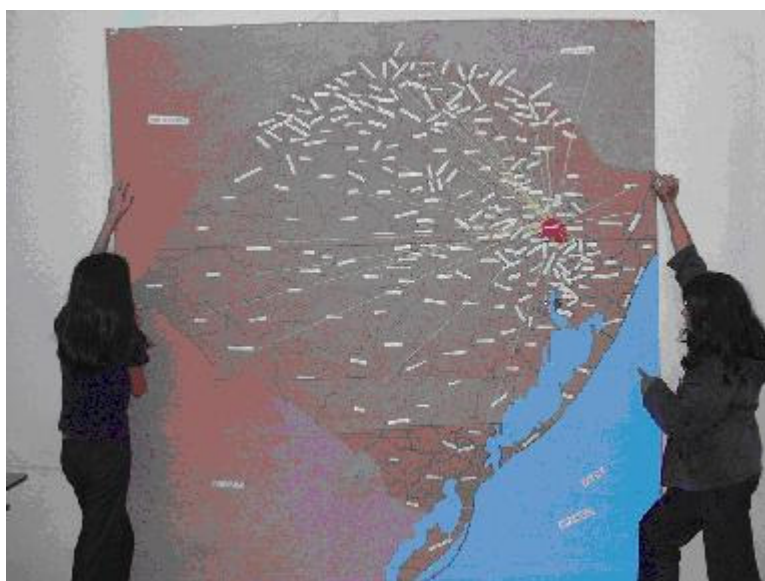
## **A DESCOBERTA DOS NÃO ITALIANOS E DE FRONTEIRAS SIMBÓLICAS**

Em 2002, como professora de História e Geografia da rede municipal de Farroupilha, fui chamada a uma das escolas para participar da solenidade programada para dar início ao ano letivo. Fiquei atenta à chamada geral dos alunos, à maneira como a diretora indicava a distribuição dos duzentos e trinta estudantes em suas respectivas turmas. Sabendo que durante todo o ano teríamos inúmeras festividades a cumprir no sentido de resgatar a memória dos imigrantes italianos que fizeram este lugar – expressão muito utilizada entre as pessoas do lugar -, foi-me surpreendente escutar nessa chamada muitos sobrenomes – na verdade uma grande maioria – que revelavam não ter relação nenhuma com a ascendência italiana.

A partir dessa observação, passei a elaborar alguns projetos no nível interno dessa escola que, posteriormente, foi adaptado e estendido a toda rede municipal. Um desses projetos procurava trazer dos familiares dos alunos narrativas que evidenciassem a recorrência do tema da imigração em suas múltiplas trajetórias. Ao fim do trabalho, constatou-se que todos os envolvidos se identificaram como imigrantes, mas vindos de diferentes lugares, em diferentes momentos, e todos, em

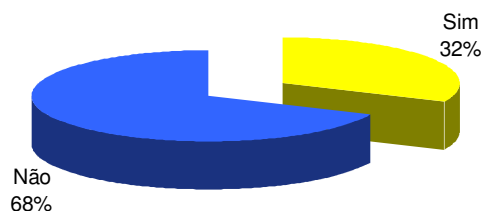
algum momento, tinham na história da família o deslocamento que os trouxe para Farroupilha.

FIGURA 3 - O MAPEAMENTO DAS CIDADES DE PROVENIÊNCIA DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE FARROUPILHA



Abaixo reproduzo um gráfico - retirado de uma pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Educação de Farroupilha -, representando em amarelo as famílias de estudantes da rede municipal naturais de Farroupilha e em azul os novos imigrantes.

## GRÁFICO 1 – ESTUDANTES DA REDE MUNICIPAL NATURAIS E NÃO NATURAIS DE FARROUPILHA



TOTAL: 3523 entrevistados

FONTE: Prefeitura Municipal de Farroupilha/SMED,2006.

Então, por que a Escola insistiria em falar da região como local unicamente de imigração italiana? Afinal, uma outra imigração, posterior, também importante para a conformação sócio-cultural e econômica da região, estava invisibilizada pelo discurso da oficialidade italiana dominante na cidade. O exercício proposto em sala de aula transbordou para fora dos muros da escola e foi nesse momento que percebi que a investigação a que me propunha não seria esgotada pelas ferramentas do estudo histórico. Através de uma perspectiva de que a “história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos”. (ELIAS,1994,45) passei a abordar o tema das imigrações problematizando-o no cotidiano desses sujeitos.

O deslocamento da minha abordagem foi feito no sentido de privilegiar a observação dos indivíduos que em suas práticas e significados compartilhados compõem as suas singularidades e tecem a rede do social. Para tanto, tomei a sugestão de Geertz (2001), que afirma que: “Para a imaginação histórica, o ‘nós’ é um momento em uma genealogia cultural, e o ‘aqui’ é uma herança. Para a imaginação antropológica, o ‘nós’ é um verbete num dicionário geográfico cultural, e o ‘aqui’ é a nossa casa.” (GEERTZ, 2001,114).

Inicialmente, para tentar identificar a origem dos imigrantes que eu havia detectado na abertura das atividades escolares, fui buscar entre os antigos moradores da cidade de Farroupilha – sujeitos identificados com a “italianidade” – alguns esclarecimentos. Ou seja, se aquela minha percepção inicial, de multiplicidade de procedências, era também percebida por outros sujeitos naturais desta região. Descobri entre os moradores naturais de Farroupilha a idéia de que houve um verdadeiro “divisor de águas” que então transformou a conhecida “comuna vêneta” em uma “dinâmica cidade” em que se expressam inúmeras fronteiras simbólicas.<sup>4</sup>

Este marco da transformação da cidade está oficializado na inauguração do primeiro Distrito Industrial do Rio Grande do Sul, em 1971, que às vezes é por aqui chamado de “Revolução Industrial” de Farroupilha. O Distrito Industrial, criado pela lei municipal número 810-69 e assinado pelo então prefeito Avelino Maggione, era espaço destinado a assentar indústrias que através de incentivos oferecidos aqui viessem se instalar. Um farroupilhense que na época era vereador fornece o contexto do momento.

*Eu participei do início do processo... não por uma visão de futuro ou coisa parecida, a minha preocupação era imediata. Eu via os meus amigos. Eu estava empregado em Farroupilha. Todavia, meus amigos quando chegava a hora de trabalhar tinham que ir embora de Farroupilha. Porto Alegre, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Caxias, porque nós não tínhamos uma base industrial que absorvesse a mão de obra local. (...) Quando o prefeito me chamou pra saber o que eu achava do projeto de industrialização dele, que embasado num anterior ele faria um distrito novo, planejado, o primeiro do Rio Grande do Sul, eu disse: Prefeito pode contar comigo e com minha bancada, afinal é para Farroupilha desenvolver! Gerar emprego e renda.” (Ex-prefeito e ex-vereador do município, natural de Farroupilha e descendente de imigrantes italianos, em entrevista gravada. Dez/2006)*

Três foram as primeiras indústrias que vieram de outras localidades e conservam-se até hoje instaladas nesse parque. Uma indústria farroupilhense foi a quarta a instalar-se no Distrito nessa mesma época. Começou como fabricante de embalagem plástica de garrações de vinhos e veio a ser nacionalmente conhecida quando passou a utilizar a mesma matéria prima das embalagens para criar calçados.

---

<sup>4</sup> As expressões entre aspas foram tomadas do deputado Victor Faccione, que as utilizou em um jornal local, sobre as transformações ocorridas na cidade de Farroupilha. (O Farroupilha de 31/maio/1996.)



Esta indústria, em especial, teve papel fundamental no processo de origem e desenvolvimento da indústria na cidade. No entanto, hoje as unidades produtivas da empresa estão fora de Farroupilha.

A cidade passou de 20 mil habitantes na década de 70 a 50 mil habitantes na década de 90. A sensação expressa pelos moradores do núcleo urbano inicial é de uma verdadeira “invasão”.

*Foi horrível, antes a gente conhecia todo mundo. Nossas casas não tinham muros, se dormia de janela aberta. Aí veio esse monte de gente e Farroupilha nunca mais foi a mesma. Hoje é uma cidade de desconhecidos! Nem mesmo aquelas famílias que se conhecia de tempos a gente conhece mais.* (Proprietária do primeiro lote urbano do município, natural de Farroupilha e descendente de imigrantes italianos. Entrevista concedida em dez/2007)

Os números divulgados pelo jornal “O Farroupilha” em 31/05/1996 - diferentemente do que pude encontrar nos dados fornecidos pelo IBGE -, fazendo uma retrospectiva dos 25 anos da “Revolução Industrial” da cidade demonstram como as pessoas da cidade tentam expressar quantitativamente a transformação econômica e demográfica que envolveu as interações entre os indivíduos que passaram a compartilhar o mesmo território.

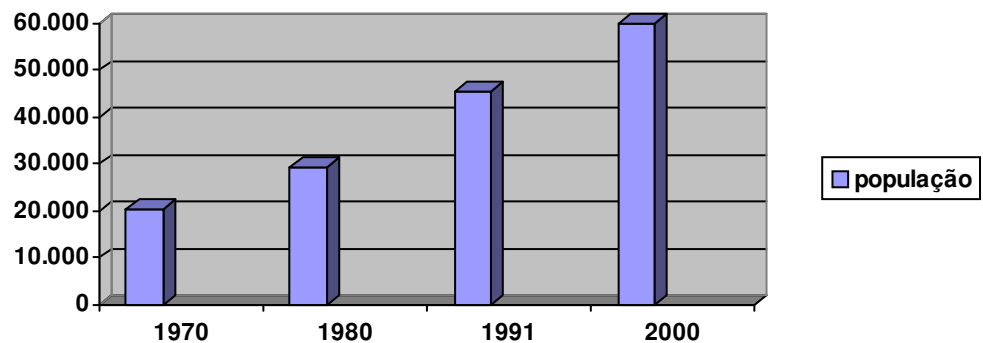
TABELA 1 – EVOLUÇÃO POPULACIONAL E ECONÔMICA NA CIDADE DE FARROUPILHA

	1971	1995
<b>INDÚSTRIAS</b>	<b>199</b>	<b>673</b>
<b>PIB</b>	<b>45.957.12,00</b>	<b>572.432.869,00</b>
<b>RENDA PER CAPTA</b>	<b>476,76</b>	<b>12.732,02</b>
<b>Orçamento municipal</b>	<b>356.015,00</b>	<b>21.000.000,00</b>
<b>POPULAÇÃO</b>	<b>20.408 mil</b>	<b>60.000mil</b>

Fonte: Jornal O Farroupilha, Edição especial - 25 anos, 1995.

A estimativa trazida por esta publicação local fornecida pela Prefeitura Municipal, excede o número de habitantes da cidade de Farroupilha se comparados aos dados encontrados no IBGE. Isto pode estar evidenciando a intensidade com que a população local vivencia esse fluxo migracional.

GRÁFICO 2 – CRESCIMENTO POPULACIONAL DE FARROUPILHA



Fonte:IBGE

Quando se fala em industrialização, o processo de mudança em sociedades agrárias para o modelo industrial é similar em muitas localidades ocidentais. Todavia, neste caso específico, o sentimento de “invasão” da população que até então vivia seus valores rurais não se traduz somente no aumento populacional. Encontra-se somada à urbanização e industrialização da sociedade, a utilização de uma identidade acionada frente aos sujeitos que imigram para Farroupilha para trabalhar.

Desta forma, liga-se às transformações urbanas decorrentes da industrialização e seus problemas sociais e econômicos em Farroupilha, o fator de identidade. Os sujeitos que chegam à cidade para trabalhar na indústria não são somente operários ou mesmo trabalhadores tidos e vistos como “desqualificados” que permanecem à margem da oferta de empregos. Estas pessoas são oriundas de regiões não pertencentes à zona de imigração italiana e estão, portanto, excluídos do grupo identificado com a italianidade.

É neste contexto, do encontro de diferentes grupos, que o meu objeto de estudo se constrói. As questões que primeiro me instigam são no sentido de compreender de

que maneira essa população que vem depois de instalados os primeiros imigrantes<sup>5</sup> colonizadores está interagindo com essa cultura hegemônica. Que lhes significa essa italianidade, da qual têm que fazer parte (ou não) dentro da oficialidade da sociedade em que atualmente vivem?

Que especificidades podem ser apreendidas e podem estar envolvidas neste contato entre indivíduos descendentes de imigrantes italianos que aqui chegaram no final do século XIX e os indivíduos que para cá se dirigiram a partir da década de 70 do século XX?

Tomo inicialmente o modelo sugerido por Elias (2000), para considerar este como um contato entre “estabelecidos” e “outsiders” (ELIAS, 2000). Porém, tendo em vista que os sujeitos do grupo estabelecido se atribuem uma identidade étnica e são assim reconhecidos por outros sujeitos, passo, a seguir, a caracterizar este encontro como um contato interétnico entre aqueles que se identificam com a italianidade e os que vêm “de fora”.

Mas, o que é afinal, a “italianidade” reivindicada pelos moradores naturais de Farroupilha? Como os “de fora” se apropriam ou apreendem esses jogos identitários e essa construção identitária? De que maneira os imigrantes do fluxo contemporâneo interagem com a italianidade? Quais são os elementos que estão sendo acionados pelos indivíduos dos diferentes grupos para estabelecerem as fronteiras? De que forma a classificação étnica expressa relações sociais entre grupos e indivíduos e estabelece relações de poder? Que mecanismos simbólicos estão sendo utilizados para a reconstrução da vida dos novos imigrantes diante das novas condições sociais encontradas? Enfim, quais as maneiras como cada um dos “grupos” elabora uma representação do outro e de si próprio frente ao outro?<sup>6</sup>

A fim de compreender as relações entre os grupos que estão em contato, nesta pesquisa antropológica utilizei o método etnográfico, tal como proposto por

---

<sup>5</sup> Durante o texto a utilização dos termos imigração/imigrante aparece indistintamente, sem explorar a diferenciação entre imigração (internacional) e migração (interna). O uso mais flexível dos termos sugere que mais do que fronteiras físicas ou burocráticas estou atenta aos efeitos do deslocamento nas relações sociais e experiências dos sujeitos.

<sup>6</sup> “Da perspectiva antropológica importa, isso sim, descobrir quais são as categorias de pensamento, as representações mentais que fazem com que indivíduos de uma sociedade percebem o mundo e os outros que povoam este mundo de um modo específico e ajam movidos por esta percepção peculiar.” (NOVAES, 1993,56)

Malinowski (1976), ou seja, voltado a um intenso trabalho de campo, que me proporcionou a observação e a participação nas práticas sociais do grupo. Entendo que este método aponta para uma prática fundamental no sentido da interação e da participação que possibilita ao antropólogo, a partir do encontro etnográfico, uma aproximação do objeto, no caso deste estudo, das estratégias que estão em jogo no contato dos sujeitos identificados com diferentes grupos.

Procurei contemplar diferentes níveis de discursos e práticas nesse contexto de imigração e contato interétnico, focando o lócus das significações diretamente na interação dos sujeitos que estão a construir, re-construir e des-construir suas práticas e significados. Busquei compreender o contato dos novos imigrantes com a “italianidade” na interação face a face. Para isso, tomei a proposta metodológica de observação minuciosa de Goffman (2005), privilegiando no meu convívio com os recém chegados moradores do bairro operário Primeiro de Maio <sup>7</sup> além de entrevistas, a observação participativa em muitos diferentes contextos e eventos para que eu também pudesse observar meus observados sob a observação uns dos outros.

Durante todo o ano de 2007, convivi com os novos imigrantes em um bairro da cidade construído para abrigar os recém chegados. Concomitantemente a este trabalho, procurei resgatar, através de entrevistas, o olhar privilegiado de alguns descendentes de imigrantes italianos, naturais de Farroupilha. Todos moradores do centro da cidade, mas que de alguma forma mantêm relações com os sujeitos provenientes de outras localidades. Empresários, funcionários públicos ligados à Secretaria de Habitação, à Secretaria da Saúde e à Secretaria de Educação, pessoal responsável pela segurança pública, vereadores e prefeitos que exerceram ou ainda exercem seus cargos foram os meus depoentes. Estes trouxeram as informações que aqui constam sobre as noções da identidade “italiana” e também as significações que estão sendo construídas nas relações com os recém chegados.

É importante dar atenção ao fato de que o pesquisador, nessa interação com os investigados, é parte da própria pesquisa, pois o observador colhe dados na relação de “face-a-face” com os observados, participando da vida deles no seu cenário de

---

<sup>7</sup> Para nós é óbvio que o nome “Primeiro de Maio” já explicita uma expectativa de quem são ou serão os residentes – o Dia do Trabalhador – nomeia e singulariza o bairro de antemão.

relações sociais. “Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo, modificando e sendo modificado por este contexto” (CICOUREL,1990,89). Mais do que parte do contexto intersubjetivo, é preciso, como salienta Rabinow (1999), pensar que o encontro etnográfico está inserido num contexto histórico o qual norteia as perguntas do antropólogo, como é o caso desta pesquisa, que traz seu escopo orientado pelas angústias da pesquisadora inserida na realidade do campo.

O meu olhar como pesquisadora e autora deste texto evidencia-se como uma das várias camadas interpretativas mencionadas por Geertz (1989). A partir da seleção dos informantes, da ordem como suas falas são apresentadas, os recortes de situações, a inserção de cenários, organizo uma linha de raciocínio para o leitor. Ao transcrever a fala do outro, registro-a a partir da minha subjetividade.

E não somente isso: cabe esclarecer que o texto produzido a partir das minhas observações e participações foi produzido “aqui”, uma vez que eu estou inserida em campo, por ser também uma nova imigrante. O texto que antropologicamente deveria reportar-se a um “estar lá”, no meu caso revela o “estar aqui”. O distanciamento necessário para olhar, ver e ouvir se constrói por um ponto de vista epistemológico que me afasta de meus observados. Como nos recorda Cardoso de Oliveira (2000), o escrever está associado ao pensamento, uma vez que é na escrita que ocorre a reflexão e a sistematização de toda a experiência vivida no trabalho de campo. É neste sentido que o afastamento acontece. Aparto-me de meu objeto para refleti-lo, sem, no entanto, estar concretamente longe. O meu longe é “aqui”, para onde procuro trazer meu leitor.

Para a melhor compreensão do que pode estar em jogo quando os novos imigrantes se defrontam com a italianidade acionada pelos descendentes de imigrantes italianos naturais de Farroupilha, eu trago no primeiro capítulo um mapeamento da construção dessa identidade, através de várias fontes como bibliografia, material de divulgação da região, relatos e depoimentos. Exploro os sentidos e modos de atualização dessa identidade étnica. Logo a seguir busco, nos depoimentos dos descendentes, as representações que fazem sobre os recém chegados.

No segundo capítulo, a partir do trabalho etnográfico, resgatei alguns aspectos da trajetória dos novos imigrantes no processo de imigração e reconstrução da vida na cidade de Farroupilha. Aqui aparecem alguns elementos que surgem contrastando e

pondo em oposição os grupos que estão a negociar suas diferentes identidades sob a reivindicação de uma etnicidade.

No capítulo três, descrevo a maneira como os sujeitos no processo de inserção interacionam com os demarcadores de diferenças, construindo, des-construindo e re-construindo a organização social entre eles no bairro. Sob a diferenciação étnica, aparecem outras identidades sendo negociadas, que revelam a complexidade destes jogos identitários. Aparece também a silenciada assimilação de comportamentos e valores da sociedade de acolhimento por parte dos recém chegados.

O último capítulo pretende fazer um comentário metassocial das relações sociais na cidade de Farroupilha, tal como Geertz (1979). Através da Gincana, serão evidenciadas algumas resoluções possíveis nas relações “interétnicas” que deixam transparecer a porosidade das fronteiras simbólicas aparentemente estruturadas de modo tão evidentemente em “italianos” e “brasileiros”.

## CAPÍTULO I

### NOÇÕES DE ITALIANIDADE

Os descendentes de imigrantes italianos que vivem aqui acionam constantemente, através de alguns sinais característicos, a sua identidade de “origem”. Passa-se o tempo todo a se defrontar com a presença de elementos que reforçam a idéia de uma identidade “italiana”. Do pórtico de entrada da cidade às vitrines das lojas comerciais, tudo está constituído de forma a lembrar que se está num local de colonização italiana. No contato com as pessoas locais, também se é levado com freqüência a lembrar a diferença de identidade. Eles insistem em demarcar as suas origens na imigração italiana, diferenciando-se dos grupos nacionais que vivem no entorno. É oportuno comentar aqui a evidência de que os descendentes de italianos da cidade de Farroupilha estão elegendo alguns sinais para ancorar a identidade, enquanto outros estão sendo eliminados. Dessa forma, exibem elementos retirados da vida rural - que os identifica com um passado agricultor -, contextualizando-os no cenário da modernização da cidade. Isto aponta para uma identidade que se quer atualizada no progresso.<sup>8</sup>

A Escola, a Prefeitura, o Centro da Indústria e Comércio, nas propagandas turísticas, nas feiras e nas comemorações que realizam, têm grande preocupação em promover juntamente a estes eventos situações que exaltem a “cultura italiana”. Essa iniciativa em resgatar elementos culturais que indicam a origem comum do grupo de descendentes de imigrantes tanto é importante para a manutenção das fronteiras, face ao contato com os “de fora”, quanto para a manutenção do próprio grupo. No entanto, o sentimento de pertencer à “italianidade” não apresenta a mesma forma de expressão entre os moradores da cidade.

---

<sup>8</sup> No início deste texto eu descrevia a arquitetura do lugar quase sem resquícios dos chalés típicos do momento da imigração em virtude da construção de grandes prédios modernos.

Afinal, o que vem a ser a “cultura italiana” de que os descendentes de imigrantes italianos na cidade de Farroupilha dizem fazer parte? Que noção identitária está sendo utilizada em toda a região de colonização italiana, que hoje compreende dezenas de municípios, somente na Serra Gaúcha? <sup>9</sup> De que forma os indivíduos expressam, alimentam ou articulam-se a essa identidade? Para além do discurso hegemônico que informa sobre a identidade dos descendentes de imigração italiana da região, pude perceber algumas variações no que diz respeito a como percebem a si mesmos nesse contexto social marcado pela etnicidade.

Tomei diferentes expressões trazidas pelos descendentes de imigrantes italianos na cidade de Farroupilha para referirem-se a sua “italianidade” e relacionei-as a diferentes momentos do processo histórico local. Uma abordagem histórica foi inicialmente importante, na medida em que possibilitou correlacionar as oscilações do equilíbrio de poder desses grupos que foram se construindo nas “diferenças de status” entre os “italianos” e os “brasileiros” e assim melhor compreender as interações contemporâneas (ELIAS, 2000). A construção das italianidades, hoje sob o discurso hegemônico que coloca valores e dispositivos éticos e morais como sistemas dominantes, percorreu um caminho onde, dependendo, dentre outros fatores, da maior ou menor aproximação com a cultura do entorno, acionou diferentes reivindicações identitárias.

Desta maneira, procurei colocar a construção da identidade dos imigrantes sob dois focos: sob uma perspectiva diacrônica, mapeando as diferentes reivindicações ao longo do tempo; e sob uma perspectiva sincrônica, evidenciando, através das simultaneidades das diversas noções identitárias, as clivagens que existem sob a idéia de uma italianidade homogênea e hegemônica.

---

<sup>9</sup> No Rio Grande do Sul houve também colonização italiana na região de Santa Maria, denominada Colônia Imperial Silveira Martins.



## 1.1. AS “ITALIANIDADES” AQUI ENTRE “NÓS”

A cidade de Farroupilha é considerada, historicamente, o “Berço da Imigração Italiana”.<sup>10</sup> No distrito de Nova Milano, que hoje integra o município, foi construído, em 1875, um barracão que abrigou os primeiros imigrantes italianos que subiram a serra. Ali ficavam até se dirigirem aos seus lotes em meio à mata nativa. A construção do barracão não existe mais. No entanto, o momento em que esses imigrantes vindos das regiões que hoje constituem a Itália fizeram seu desembarque definitivo em terras gaúchas parece ter um significado importante, referido pelos historiadores e difundido amplamente por esta população.<sup>11</sup>

Hoje, nesse local, há um parque comemorativo ao centenário da chegada dos imigrantes. Uma reprodução, em placa de bronze, dos passaportes das três primeiras famílias que aqui chegaram também faz parte das alusões a este momento. Há pouco tempo, descobri que havia um projeto para a construção de um santuário dentro desse parque, onde além da imagem de uma santa, seriam instalados três nichos com os restos mortais dos casais pioneiros. Sacralizar-se-ia assim, nas cinzas das famílias que primeiro chegaram, a fundação do grupo. Estas tentativas de valorizar o momento da chegada dos primeiros indivíduos do grupo por si só já demonstram o quanto é significativo este fato para os descendentes de imigrantes de Farroupilha. No entanto, o momento da chegada pode ser evidenciado também no dia-a-dia da população,

---

<sup>10</sup> No final do século XIX, o processo de expansão do capitalismo na Europa pressionou a emigração de numerosa população, principalmente para a América. Este foi o caso de muitos camponeses de regiões do norte da península itálica que se dirigiram para o Brasil. O Rio Grande do Sul, depois de frustrada iniciativa do governo provincial, contou com o empenho do governo Imperial, para colonizar as terras consideradas devolutas na Encosta Superior do Nordeste. Este projeto da colonização envolvia propósitos como o povoamento – para assegurar a integridade do território nacional –; a formação da mão de obra livre; o branqueamento e a elevação civilizatória do povo brasileiro.

<sup>11</sup> Entre 1875 e 1914 entraram no Rio Grande do Sul cerca de 100 mil imigrantes (DE BONI,1981) provenientes de diferentes regiões do norte da Itália – vênnetos, lombardos, trentinos e friulanos. Como a distribuição de lotes nas colônias obedecia à ordem de chegada, não houve formação de núcleos que agregassem grupos de mesma procedência (FROSI;MIORANZA,1975). Dessa forma, fica evidente a relativa heterogeneidade entre os primeiros imigrantes que colonizaram a região, levando Azevedo(1975) a afirmar que as colônias em seu período inicial são “minúsculas ilhas culturais”. A identidade dos “italianos”, portanto, começa a ser construída no momento da chegada do grupo às colônias. Azevedo (1975) é um dos autores que afirma que a italianidade não pré-existiu à imigração. Os imigrantes se tornaram italianos aqui. Provindos de diferentes regiões do norte da península itálica tornaram-se italianos quando assim foram chamados pela primeira vez, pelos brasileiros. As diferenças identitárias trazidas das regiões ou *paese* de origem dos imigrantes foram inicialmente negociadas entre ele próprios, que dessa forma, isolados nas colônias, foram re-significando suas identidades regionais no novo ambiente, ao mesmo tempo que ia se construindo uma identidade contrastiva em relação à sociedade nacional.

quando colocam em disputa a sua legitimidade de pertencimento ao grupo. Existe, para os moradores de Farroupilha, nuances de “italianidade”, segundo as quais uns se consideram e são considerados mais puros que outros. Essa escala valorativa está alicerçada na maior ou menor proximidade de seus ancestrais com os primeiros indivíduos a chegarem aqui. É comum ouvir entre os farroupilhenses diálogos nos quais eles se empenham em argumentar sua “italianidade”, relacionando-a à ordem de chegada. Por exemplo, certa vez, eu ouvi de uma senhora descendente de imigrantes italianos, querendo valorizar a história de seu marido já falecido, que os familiares dele são italianos mais puros que os da sua própria família, uma vez que eles chegaram aqui antes dos seus.

Esta “italianidade”, portanto, fundada no fato da chegada, não remete diretamente a uma origem em outro continente, levando alguns descendentes de imigrantes italianos daqui a considerarem “italianos” somente estes imigrantes e familiares que aqui se estabeleceram.<sup>12</sup> Os indivíduos nascidos na Itália e que vivem na Itália, são por eles chamados de “italianos estrangeiros”, ou seja, italianos de fora do grupo.

## 1.2. “COLONA É A NONNA”

Para outros desses descendentes de imigrantes, que hoje vivem na cidade de Farroupilha, a noção da “italianidade” está ligada a valores e práticas da vida colonial, remetendo aos hábitos e costumes vividos pelos “colonos”<sup>13</sup> na zona rural da região.

A zona rural constitui-se de pequenas propriedades derivadas dos lotes distribuídos entre os imigrantes que aqui chegaram no final do século XIX. Esses lotes situavam-se dentro das Linhas ou Travessões que inicialmente não eram mais que simples picadas no meio do mato, abertas pelos próprios imigrantes.

<sup>12</sup> Essa idéia trazida pelos descendentes de imigrantes italianos, de uma origem fundada em antepassados reais, leva Lewgoy (1992) a classificá-la, em termos de mito, diferentemente dos mitos cosmogônicos ou antropogônicos das sociedades simples, uma vez que sua origem encontra-se relacionada às genealogias de famílias que se diferenciam etnicamente - o autor toma-o, neste caso, como um mito etnogônico.

<sup>13</sup> Cf. Teixeira (1988) o termo colono está ligado ao contexto da colonização por imigrantes europeus que aqui se assentaram em pequenas propriedades e dedicaram-se à agricultura familiar. Seyferth (1993) lembra que essa identidade tem duplo significado. Além da condição camponesa já mencionada a autora traz ainda um conteúdo étnico que aparece quando se intensifica o contato dos imigrantes com os grupos nacionais.

Assentados em suas pequenas propriedades rurais os imigrantes agricultores desenvolviam suas atividades agrárias juntamente com os membros da família. A produção era diversificada, plantavam trigo, milho e logo o cultivo da uva e a produção do vinho se tornaram as atividades mais características entre os imigrantes. Trabalhavam durante a semana ao lado dos familiares e aos domingos dirigiam-se aos núcleos de convívio onde haviam construído a Capela, centro da vida social e administrativa nesses primeiros tempos. Essa organização característica dos imigrantes italianos na Serra Gaúcha, na qual a autoridade máxima ficava a cargo do padre, ficou conhecida como Comunidade de Capela.<sup>14</sup>

Quando D. Dalva,<sup>15</sup> uma senhora de 78 anos de idade que atualmente mora no centro da cidade, diz que “hoje em dia ninguém mais é italiano de verdade”, está se referindo às transformações que a região sofreu com o crescimento urbano. A possibilidade de confortos proporcionados pelo acesso a novas tecnologias, como por exemplo, o uso de eletrodomésticos, a televisão, desviou o eixo da família e da religião, o que para ela é a perda da identidade étnica. Ela então descreve com o sotaque característico dos descendentes de italianos – o “r” palato-lingual, o “z” no lugar do “g” e o “c” no lugar do “x” -, como era a vida dos pioneiros nas colônias, para desta forma identificar os elementos que considera autênticos constituintes de uma “cultura italiana”.

*Italiano era nós, lá na colônia. Minha ‘nonna’ veio da Itália, veio pequena para cá. Para um lugar chamado Mato Perso. Interior aqui de Faropilha. A zente vivia uma trabalhadeira danada. Se cuidava da horta, dos animal: porco, galinha... Tinha até vaca de leite. Domingo é que a zente saía, encontrava outras pessoas. Era uma festa, quando se ia até a Capela. A zente ia até a porta da igreja com os sapatos – só se tinha um -, em baço do braço. Uma porque se fosse até lá com ele calçado, çegava que era só baro, as estradas erom no meio do mato, nom existia asfalto como hoze. Outra porque como a zente nom era acostumado a andar calçado,*

<sup>14</sup> Comunidade de Capela é como passou a ser chamada a maneira como os primeiros imigrantes criaram a sua organização social nas colônias da Serra Gaúcha. Similar aos *paese* de onde provinham, construíram o espaço para o convívio coletivo em torno da igreja. A Igreja, o cemitério, o salão comunitário com um espaço para a prática de esportes e uma casa de comércio. Muitos autores (BATTISTEL; COSTA, 1983; DE BONI; COSTA, 1984) afirmam que a capela era o ponto de convergência de toda a vida coletiva, cristalizando dessa forma ao redor da vida religiosa todos os outros domínios da vida social. Ainda hoje, ao passar pelas estradas vicinais da região, pode-se observar ao longo do trajeto muitos vilarejos que se constituem ainda da mesma forma originária, com os prédios em torno da Capela.

<sup>15</sup> Os nomes utilizados nesta dissertação são todos nomes fictícios. Resolvi, assim, preservar a identidade de meus informantes.

*doía muito os pé. A missa era bonita! Eu nom entendia nada da missa, mas aquelas voz, aqueles canto, eu gostava muito. As pessoa erom muito mais reliziosa antigamente, o italiano já foi mais relizioso, também era mais apegado à família. É como te digo, ta tudo diferente, ninguém mais é o mesmo italiano, aço que ton ficando misturado. (Aposentada, natural da zona rural de Farroupilha, descendente de imigrantes italianos. Depoimento tomado em mar/2007)*

As lembranças da vida nesses tempos iniciais das colônias onde não havia estradas, água encanada, luz elétrica, estão sendo cada vez mais valorizadas pelos descendentes. Essas histórias foram contadas de geração a geração e hoje são repetidas com orgulho, por se considerarem vencedores. Os relatos relacionam a religiosidade, o apego à família e a perseverança no trabalho da vida rural com a identidade “italiana” e com o desenvolvimento econômico atual.<sup>16</sup> Ao valorizarem o início vivido na pobreza e na dificuldade, exaltam ainda mais o momento atual de desenvolvimento econômico.

No entanto, dentre esses descendentes de imigrantes italianos que hoje se orgulham das suas trajetórias, alguns lembram que naquela época não era tão fácil assim “ser colono”.<sup>17</sup> Enquanto os indivíduos que ascenderam socialmente enchem de virtudes as experiências vividas nas colônias, outros somam a essas lembranças as muitas humilhações que sofreram por parte dos “gaúchos” e dos outros descendentes de imigrantes que já viviam na cidade.

A urbanização da região produziu a clássica dicotomia entre o indivíduo do campo e o da cidade, que pode ser evidenciada ainda hoje. O descendente de imigrante que permanece trabalhando na agricultura, no meio rural, sofre a discriminação por parte do descendente urbano. Este último diferencia-se do “colono”, que passa a representar para ele, agora morador da cidade, uma categoria social inferior.<sup>18</sup> Da

---

<sup>16</sup> As representações atuais sobre os colonos, que segundo Seyferth (1993) resgatam a imagem dos pioneiros que a partir do trabalho familiar construíram uma “civilização” sobre florestas virgens, acabam transformando um *ethos* camponês de trabalho em virtude étnica. (SEYFERTH,1993,47)

<sup>17</sup> Além de designar os imigrantes agricultores como já foi comentado em nota anterior, o termo colono significava também a falta de atributos considerados positivos pelos grupos nacionais. “Colono remetia à noção de pessoa com carência de ambição, de traquejo social, de elegância, de postura corporal e comportamental, de senso de oportunidade e de progresso, de arrojo, de perspicácia, de sagacidade.” (TEIXEIRA,1988,54). Singer (1977) compreende a estigmatização do colono – pequeno agricultor, pobre - num contexto de hegemonia econômica do latifúndio pecuarista e de relações ainda escassas entre os gaúchos e os imigrantes.

<sup>18</sup> MOCELLIN (2001) comenta a posição de distinção que o descendente de imigrante adquire, em relação ao seu capital cultural, ao migrar para as sedes urbanas da colônia dizendo que “os deserdados da terra passam a ser

mesma forma, os colonos que ascendem social e economicamente, ao instalar-se na cidade, suscitam críticas por parte dos moradores urbanos. Minha professora de italiano trabalha com o resgate da memória oral entre idosos e gosta de comentar, entre suas aulas, elementos para ela característicos da inserção do colono na cidade. De maneira muito crítica (autocrítica uma vez que em síntese reportava-se a ela mesma) e cheia de humor falava entre o português e o dialeto para que os não familiarizados com o idioma pudessem entender sem, no entanto, perder o sotaque da narrativa. Assim ela descrevia os novos hábitos dos colonos descendentes de italianos ao chegarem à cidade:

*Çeios de dinheiro. Fazem a casa. Na frente o son é todo de lazota. Tera, nem pensar, suzeira, isso é coisa lá do tempo nas colônia. Às vezes fazem um canteirinho que é pro roseiral. A casa enorme! Non sei pra que. Só usam a garazem. Pra non suzar... e pra non gastar os móvel que ficon tapados com um lençol pra non pegar poeira. O dia todo na garazem. Só pra dormir sobem pros quartos. Ah! Banheiro tem cinco! Isso pra non lembrar que até ontem tudo cagavam no mato. (Professora de italiano, natural da zona rural de Caxias e descendente de imigrantes italianos. Relato presenciado por mim durante aula ministrada pela professora.)*

Estas diferenças também são observadas no relato de Sílvia, uma mulher de meia idade, de um porte altivo, muito bonita com uma risada contagiante, conta que nasceu na colônia. Quando chegou à idade de freqüentar a escola, ela veio com a família morar na cidade, deixando os avós lá na linha Cafundó, na casa da colônia. Sobre a escola, ela conta que

*hoje, olhando pra trás é que me dou conta... Mas, tinha uma turma no colégio que era só pros filhos das famílias da cidade. Os filhos do dono da farmácia, do dono do armazém, das professoras... A outra turma, era a nossa, dos filhos dos "colonos". Era só pra os que tinham vindo do interior. Eu lembro que na hora do intervalo, às vezes quando a gente brigava... Discutia, sei lá, por qualquer coisa. Aí começavam os xingamentos. O maior insulto que se podia fazer era chamar a outra de "colona". A resposta sempre era "colona é a nonna". [Ela ri muito.] Sim, né. Quem não tinha uma nonna na colônia? (Professora, natural da zona rural de Caxias, descendente de imigrantes italianos. Relato colhido de uma conversa casual.)*

Dessa forma a aparente homogeneização da identidade de imigrantes italianos, na lembrança dos descendentes dos primeiros colonos deixa, às vezes, transparecer as suas clivagens internas.

### 1.3. “NÓS OS ÍTALO-GAÚCHOS”

Ainda hoje, pode-se observar, entre os descendentes de imigrantes italianos que tiveram um comerciante como antepassado, a distinção com que se referem a esse fato. O dono da casa de negócios, do armazém, da casa de comércio ou bodega era o responsável pelas trocas comerciais entre os produtos coloniais e as mercadorias dos centros urbanos. Os agricultores entregavam sua produção ao negociante – uma vez que era impossível transportá-la até os centros consumidores -, e abasteciam-se de mercadorias trazidas das cidades. A casa de comércio era o ponto mais importante da economia colonial.

O comerciante era quem realizava as transações comerciais entre a colônia e os centros urbanos. Muitas vezes era ele próprio quem fazia o transporte dos produtos. Este homem era considerado com distinção entre os agricultores por manter contatos fora da colônia. O negociante, além de abastecer o pequeno núcleo com mantimentos, trazia até os colonos as últimas notícias que circulavam em outras localidades. Nesse trânsito, o dono do armazém demonstrava sua habilidade em lidar com distintos grupos e assim foi conquistando poder econômico e prestígio social.<sup>19</sup>

Nesse processo de trocas, a produção dos colonos ficava sob controle do comerciante. Era este quem determinava os preços, armazenava os produtos, fornecia o transporte, monopolizava o crédito e proporcionava o fornecimento das mercadorias

---

<sup>19</sup> Negociar, fazer comércio é uma atividade altamente valorizada entre os descendentes ainda hoje. Costa (1998), como descendente de imigrantes italianos, se inclui na seguinte definição: “Investir, fazer negócios, ganhar dinheiro, nisto nos julgamos mestres insuperáveis.” Não é em vão que a grande maioria dos moradores naturais de Farroupilha, além de seus empregos, mantém um “negócio”, onde prazerosamente praticam o jogo do comércio. Pude perceber que ao me dirigir às pessoas de Farroupilha, estendendo o simples ‘bom dia’ a um trivial comentário sobre o clima, geralmente, prolongava uma resposta relativa à produção local, aos negócios. Negócio para eles é sempre um assunto central. Assim é que os diálogos, como os que trago a seguir, retirados de meus relatórios de campo, foram muito freqüentes: “Esfriou, hoje, hein?” Ao que prontamente responde: “Isto é ótimo para a venda de malhas.” Ou ainda em outra ocasião: “Que chuvinha chata!” a resposta foi: “Ta bom! Tá na hora de chover... pra safra da uva.”

não existentes nas colônias.<sup>20</sup> A caderneta era o livro de contabilidade do armazém, no qual o comerciante creditava os valores alcançados pela safra entregue pelos agricultores. Posteriormente aí eram anotados os débitos referentes às compras que os colonos iam fazendo durante o ano. Anotações que todos contam que sempre favorecia o dono do estabelecimento.<sup>21</sup>

Nas lembranças dos moradores de Farroupilha descendentes dos imigrantes italianos aparecem essas duas imagens ao falarem do comerciante: a imagem do homem de grande prestígio social, padrinho de muitas crianças filhas de colonos clientes seus, e a imagem de uma pessoa avarenta que enriqueceu a despeito da apropriação indevida do dinheiro dos agricultores.

Positiva ou negativamente, a figura do negociante é referida com distintividade ainda hoje. Ele era o dono do lugar para onde confluía o dinheiro, as pessoas. E mais, lembram que por aí transitavam viajantes que traziam além de mercadorias e notícias, os costumes da cidade grande.

Assim, o dono do armazém, através da sua atividade comercial, passou a acumular capital econômico e simbólico. O comerciante, nesse período, era símbolo de uma vida abastada e moderna almejada entre os colonos. Um grande empresário de Farroupilha – dono de uma rede de lojas - conta como desejava abraçar a profissão de comerciante quando ainda morava na colônia, evidenciando a representação que esta atividade tinha entre os agricultores da região.

*Eu vinha sempre à cidade com minha mãe. Eu ficava vendo aqueles moços trabalhando nas casas de comércio. Eu achava lindo aquilo. Um dia disse à minha mãe que meu sonho era um dia trabalhar em balcão. Tu não imagina, quando fiz 17 anos, ela me conseguiu pra trabalhar de ajudante num armazém aqui em Farroupilha. Pra mim foi uma grande felicidade. (Empresário*

---

<sup>20</sup> Cf. GIRON(1994) o tamanho do lote, a situação topográfica, o número de filhos, foram alguns elementos decisivos para a renda das famílias. Os colonos que já não chegaram com iguais condições econômicas, tiveram que exercer outras atividades além da agricultura para sobreviverem. Dentre essas outras profissões a de comerciante foi a mais rentável. (GIRON,1994,32)

<sup>21</sup> Em GIRON (1994) aparecem essas mesmas informações que obtive entre os moradores da cidade de Farroupilha, quando diz que a “revenda dos produtos coloniais na capital trouxe para os comerciantes significativos ganhos (...) As vendas eram realizadas a vista e as compras a prazo. Em contrapartida, o comerciante possibilitava a compra em suas casas de comércio pelos colonos através de cadernetas. No final do mês (ou por ocasião das safras) eram realizados os acertos, que sempre favoreciam os comerciantes.”(GIRON,1994,34-35) Ítalo Balen (1981) evidenciava entre os primeiros comerciantes da região um “abandono da moral católica quando de transações econômicas” desenvolvendo duas éticas distintas: “uma em relação a Deus , e outra, com relação ao próximo.”(DEBONI, IN:BALEN,1981,21)

descendente de imigrantes italianos, natural de Farroupilha, depoimento concedido em outubro de 2006.)

Trabalhar com comércio significava para muitos, abandonar a agricultura, deixar de ser colono. Uma vez detentor de poder econômico, o comerciante passou a adotar sinais característicos da cultura do entorno. Desta forma aproximou-se dos seus interlocutores econômicos e políticos regionais ao mesmo tempo em que se distinguiu dos descendentes de imigrantes italianos estigmatizados como “colonos” que continuam em suas atividades agrárias na zona rural.<sup>22</sup>

A hibridização do descendente de imigrantes italianos com a cultura do entorno, “gaúcha”, se dá a partir desta categoria economicamente bem sucedida. A elite colonial deixa de ser “colona” e passa se identificar com as elites regionais gaúchas.<sup>23</sup>

Essa identidade hifenizada é mais frequentemente lembrada do que acionada no presente. Os moradores naturais de Farroupilha recordam que “houve uma época” em que nos momentos festivos ou oficiais, o prato típico servido para as autoridades em visita ao município era o churrasco. Lembram também as noites em que a elite local deliciava-se com a degustação de um “legítimo carreteiro de charque”. Estes são elementos da cultura gaúcha que aparecem agregados à identidade “italiana”, ou melhor, a um segmento da sociedade que está ascendendo econômica e politicamente. Pude constatar em jornais da década de 70 prefeitos e demais autoridades locais fazendo-se fotografar tomando chimarrão para veicularem, através dos meios de comunicação, uma imagem ligada a um elemento que é lembrado como típico do gaúcho. Assim redefinem-se, nesse momento, as elites econômicas e políticas dos descendentes de imigrantes italianos em Farroupilha. Na tentativa de se afastarem da imagem do colono imigrante pobre e estigmatizado, buscam distinção em elementos

---

<sup>22</sup> Seyferth (1993), ao analisar as colônias de imigração alemã no sul do Brasil, comenta que nas colônias a classe burguesa é que aparentemente se “assimila” primeiro. A autora percebe nessa elite um discurso assimilacionista que a afasta da imagem do colono buscando proximidade nos valores da elite brasileira. No entanto, ao mesmo tempo, mantém uma identidade própria, distinta também da brasileira.

<sup>23</sup> O agenciamento dessa nova identidade hifenizada, quando o imigrante italiano deixa de ser colono e passa a acionar características regionais buscando sua inserção na sociedade do entorno, lembra o modelo sugerido por Cardoso de Oliveira para tratar da mestiçagem do caboclo como a própria negação da etnia, por um lado, enquanto a sua própria afirmação em oposição ao outro. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1964,196)



da cultura gaúcha do entorno, reivindicando uma identidade hifenizada: ítalo-gaúchos.<sup>24</sup>

Hoje, muitos são os indivíduos naturais de Farroupilha, descendentes de imigrantes italianos que fazem parte dos Centros de Tradições Gaúchas.<sup>25</sup> A cidade possui três desses centros, que fazem muitos eventos trazendo elementos da tradição gaúcha, como a dança, a música ou a comida em festivais, bailes, reuniões e mateadas. Entretanto, estes mesmos espaços elegem datas para então promoverem a cultura italiana. Um diretor de um dos Centros me confessou que “sempre se dá uma escapadinha e toca uma música que outra da cultura italiana, afinal, nós somos italianos e gaúchos”.<sup>26</sup>

A busca de uma identificação com o gaúcho perde sua força no momento em que os descendentes de imigrantes italianos de Farroupilha ascendem econômica e politicamente. A partir daí passam a positivar sua própria identidade distinguindo-se dos grupos do entorno. As mesmas características que antes os estigmatizavam passam a ser os elementos que agora os enaltecem e os diferenciam na identidade étnica “italiana”.

#### **1.4. A IMIGRAÇÃO EM TERRA DE IMIGRANTES**

A maior parte dos descendentes de imigrantes italianos, moradores da cidade de Farroupilha, hoje, autodenomina-se “italiano”. Pode-se perceber o quanto de valor agregado eles trazem quando dizem: “Eu sou italiano”, devido ao orgulho com que expressam isso. O processo histórico da região proporcionou a estes sujeitos diferentes momentos vividos em relação ao grupo do entorno. O desenvolvimento econômico

---

<sup>24</sup> SANTOS (2004,18) chama a atenção para a identidade reivindicada pelos descendentes de imigrantes italianos na Serra Gaúcha ser hifenizada pela cultura regional, ítalo-gaúchos, e não pela nacional, ítalo-brasileiros. Segundo a autora “muitos dos descendentes que reivindicam a identidade ítalo-gaúcha hoje, fazem-no por acreditar que esta identidade lhes agrega valor e contribui para a sua diferenciação social.”

<sup>25</sup> Os CTGs, conforme Oliven (1992) recriam um modelo de vida campeiro valorizando a figura do gaúcho - peão de estância, um tipo social livre e corajoso sempre associado à montaria. Estes Centros vêm recuperar valores rurais que até o final do século XIX detinham o poder econômico regional, através da pecuária. A partir da metade do século XX a região de Colonização Italiana adere ao movimento tradicionalista gaúcho na ânsia de integração à cultura regional, tomando o gaúcho como um tipo social superior.

<sup>26</sup> Ver Oliven (1992) sobre o ingresso dos italianos no espaço tradicionalista gaúcho.

atual que levou a região colonial, de economia basicamente agrícola, a segundo pólo econômico do Estado foi fundamental para a ressignificação da noção de identidade do grupo.<sup>27</sup> Os descendentes de imigrantes italianos, moradores de Farroupilha, hoje, não mais se consideram colonos. E não mais acionam conscientemente elementos da cultura gaúcha que até então lhes parecia necessário para agregar valor simbólico. O imigrante, nos discursos atuais, tornou-se progressista, desenvolvido economicamente, numa trajetória marcada pela transformação da imagem do colono pioneiro em empresário bem-sucedido.<sup>28</sup> A idéia de uma “cultura italiana” que demonstrou capacidade de ascensão econômica e social, hoje torna a “italianidade” francamente positivada dentro e fora do grupo.<sup>29</sup>

Atualmente, a possibilidade da dupla cidadania para os descendentes de imigrantes italianos tem impulsionado muito destes indivíduos a buscarem suas origens. Aumentou dessa forma para eles o valor e a preservação de documentos e juntamente com estes, objetos, fotografias, enfim, tudo o que lhes comprove a origem. Os mais abastados inclusive viajam até a Itália para conhecerem a aldeia de onde vieram os antepassados.

O descendente Silvestrino é um empresário bem sucedido do município de Farroupilha que estabeleceu negócios comerciais com algumas empresas italianas. Ele vai seguidamente para a Itália e refere que “lá é uma maravilha, tudo funciona, progride...Eu, lá, me sinto como se estivesse em casa.” Conta que já providenciou a documentação de pedido de dupla cidadania pra toda a família. A atitude do empresário, assim como de muitos outros moradores de Farroupilha com quem conversei, leva a se concluir que a busca das origens da família representa não só a busca pelo passado, mas também a possibilidade de um futuro mais próspero. Todos

---

<sup>27</sup> Cf. Oro (1986,622): a posição de destaque conquistada pela região de colonização italiana na Serra Gaúcha forneceu “condições favoráveis para preservar seus valores e sustentar uma identidade étnica própria.”

<sup>28</sup> Essa trajetória do colono, tida como ascendente, e a produção das representações referentes à identidade italiana, no contexto do progresso e modernização foi objeto de pesquisa de Mocellin.(2008)

<sup>29</sup> Cabe aqui salientar, através do comentário de Santos (2004), que no momento em que os descendentes de imigrantes italianos ascenderam economicamente, passaram a se orgulhar de suas origens e mais que isto, “passaram a considerar-se superiores aos demais brasileiros.”

os que procuram documentar a dupla cidadania estão pensando na possibilidade de estudos e trabalho para os filhos uma vez que o “Brasil oferece muitas incertezas”.<sup>30</sup>

Através dessas pesquisas sobre a origem de nomes de família que os descendentes fazem para comprovar a ancestralidade e daí providenciar sua dupla cidadania, acabam descobrindo-se inseridos em identidades regionais anteriores à noção de Itália. No entanto, saberem-se friulinos, trentinos ou vênetsos, o que não diminui em nada a força com que se auto-reconhecem “italianos”.

Essa “italianidade” começa a ser vista como algo positivo na década de 70. Muitos descendentes já haviam conquistado poder econômico e prestígio político ou social. Os discursos produzidos nesse período buscavam então, valorizar as trajetórias dos imigrantes italianos que de pobres colonos, estigmatizados, haviam se transformado em grandes empresários devido aos valores inerentes à etnicidade. A tríade trabalho, família e religião, como virtude inata, que está no “sangue”, explica a trajetória dos heróis pioneiros que transformaram a região colonial em importante pólo industrial.

As comemorações do Centenário da Imigração, em 1975, num cenário de grande desenvolvimento industrial, suscitaram o aparecimento de uma vasta produção escrita. Textos literários – por exemplo a edição de obras do início do século como Nanetto Pipetta -, assim como estudos sobre a imigração italiana se multiplicaram. Essas obras retomam as histórias da chegada dos primeiros imigrantes dando foco às dificuldades e sofrimento pelos quais passaram.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Neste aspecto, os relatos colhidos por Zanini (2006) entre os descendentes de imigrantes italianos da região de Santa Maria são muito similares aos que pude obter entre os moradores naturais de Farroupilha. Os interesses em adquirir dupla cidadania são os mesmos: possibilidade de trabalho no exterior, bolsas de estudos, assegurar o futuro das novas gerações, todas as justificativas evidenciam a busca de ascensão social. Os empresários de Farroupilha ainda evidenciam não só o desejo de futuramente travar relações comerciais com a Itália, como muitos já o fazem.

<sup>31</sup> AZEVEDO (1975); BATTISTEL; COSTA (1983); MANFROI (1975) e DE BONI (1981) são alguns autores que participam da produção intelectual datada nesse período. Os autores recuperam, a partir de relatos, relatórios oficiais e diários pessoais trechos nos quais são narradas as adversidades iniciais da colonização em território ainda selvagem. Seyferth (2000) alerta para o fato da exaltação das adversidades ter o propósito de chamar a atenção para as situações concretas que deram respaldo ao discurso étnico sobre o “pioneirismo”, colocando o colono na situação de verdadeiro herói anônimo que frente à “natureza bravia” construiu uma trajetória ascendente.

Na trajetória que separa o pioneiro do final do século XIX do grande empresário vencedor de um século depois, estão imputados alguns valores tomados como os responsáveis pela ascensão econômica da região. Representam verdadeiros resgates ufanistas que homogeneizaram as trajetórias dos imigrantes como saga, desde os primeiros colonos que após muitas adversidades sofridas, venceram pela fé, pelo amor à família e pelo trabalho.<sup>32</sup>

A ascensão social conquistada na evidência concreta da construção de riquezas da região traz, desta forma, uma relação muito estreita com os valores que informam o comportamento do grupo nesse sentido. Ou seja, o desenvolvimento do lugar deve-se, na concepção dos descendentes de imigrantes da cidade de Farroupilha, à dedicação ao trabalho, à vida sem excessos, sem gastos e, segundo muitos moradores naturais de Farroupilha à uma “rivalidade boa” que impulsionou e segue impulsionando a região em direção ao progresso.

*Nós os italianos somos trabalhadores, muito trabalhadores, nossa vida é trabalhar. Foi assim que a gente chegou até onde chegou. Tu sabes, né? O italiano tem isso de querer ter a mesma coisa que o vizinho. A mesma não. A gente quando vê o vizinho com uma coisa nova a gente tem que ter uma outra melhor que a dele. É a nossa sagrada inveja, é o motor que impulsiona nossa cidade pra frente, rumo ao progresso! É trabalhando que se cresce. (Depoimento de um empresário natural de Farroupilha, descendente de imigrantes italianos.)<sup>33</sup>*

O discurso oficial que informa os descendentes de imigrantes italianos, agora moradores na cidade industrializada, está assentado na tríade da religiosidade, do apego à família e do impulso ao trabalho. Os valores constantemente repetidos pelos

<sup>32</sup> Manfrói (1975), em sua premiada monografia, após transcrever trechos documentais pergunta: “Como puderam sobreviver no meio de tantos sofrimentos? Como puderam construir essa obra colonizadora cujos méritos e glórias todo o Estado se prepara para celebrar? Qual foi a força que permitiu vencer o isolamento, o abandono? Como reagiram diante da transplantação brutal a que foram submetidos?” Ao que mais adiante o próprio autor responde: “Pelo trabalho de sol-a-sol de toda a família. O imigrante italiano foi um trabalhador incansável, rude e persistente. É essa uma das qualidades, por todos reconhecida, do imigrante italiano e que constitui sua glória.” (MANFROI;1975,120-121) Esta monografia reflete os anos 70 e se refere ao imigrante vencedor distanciando-se da imagem do “colono”, agricultor pobre.

<sup>33</sup> A maioria dos autores que estudam o comportamento dos descendentes de italianos tomam a ethos do trabalho na centralidade de suas reflexões. Poucos autores valorizam a rivalidade ou mesmo a inveja, como atitude que pela emulação social que provoca possa ser incluída como elemento do desenvolvimento econômico da região. No entanto, a rivalidade é referida por muitos descendentes, naturais de Farroupilha como a mola propulsora do desenvolvimento econômico da região. Costa (1998), ao definir os descendentes de imigrantes italianos, em “Nós os gringos”, salienta a insuperável habilidade destes em investir, fazer negócios, ganhar dinheiro. Santin (1990), resgatando a vida rural dos pioneiros, refere-se a projetos individuais e à rivalidade dos colonos dizendo que “em muitos casos nada mais foi que fazer de tudo para que o outro não progredisse. (SANTIN,1990,460)

indivíduos naturais de Farroupilha - que se consideram todos detentores de muita fé, muito amor e respeito à família e verdadeiros ‘cultuadores’ do trabalho - encontram-se sobrepostos a uma *práxis* competitiva que nem sempre se conforma às virtudes exaltadas.<sup>34</sup>

### 1.5. NEM TUDO É PERFEITO

Estes mesmos sujeitos, entretanto, ao mesmo tempo em que se orgulham das virtudes que dizem naturais do grupo, apreciam enormemente comentarem-se de maneira muito diversa, haja vista a grande penetração que tem entre os descendentes de imigrantes italianos a figura do Radicci.

Radicci<sup>35</sup> é o personagem criado em 1983 pelo cartunista Iotti. É um anti-herói, amante do vinho



<sup>34</sup> Costa (1998), ao lado de muitos atributos que ressaltam a religiosidade, o apego à família e o impulso ao trabalho, soma outras virtudes nem tão difundidas para definir os “gringos”. Admite por exemplo, “com toda a franqueza que nossos métodos nem sempre são os mais honestos, ou melhor, que a gente, para vencer na vida, tem que ser “furbo” (astuto): descobrir o furo da lei, sonegar, sempre que possível, pedir concordata na hora certa, “ciavar i baùchi” (enganar os tolos), que podem ser nossos familiares ou sócios.” (COSTA,1998,20) Logo a seguir o autor complementa: “Além de ‘furbo’ deve ser trabalhador e econômico.” (idem) Grifei o além para salientar o que para o próprio autor vem a ser a virtude primeira.

<sup>35</sup> Radicci é publicado diariamente em forma de tirinhas em jornais como Zero Hora (Porto Alegre) e O Pioneiro (Caxias do Sul). Existem álbuns publicados pela editora da Universidade de Caxias do Sul. O próprio autor incorpora o personagem para fazer programas de rádio e TV.

e do ócio,



machista



que freqüentemente está blasfemando contra os ícones da catolicidade,



ou seja, bem diferente do imigrante idealizado nos discursos que circulam para a divulgação do *ethos*<sup>36</sup> do descendente do imigrante italiano.

<sup>36</sup> Neste estudo tomei a idéia de *ethos* a partir do significado trazido por Geertz (1989). Para o autor, *ethos* compreende os aspectos morais e estéticos de uma dada cultura, sua visão de mundo, o conceito de si, da natureza e da sociedade.

Este personagem desmistifica, desta forma, a ideologia dominante que informa às memórias do grupo de que a retidão de caráter e o gosto pelo trabalho estariam no “sangue” dos descendentes de italianos (SANTOS, 2004). Ao desviar-se do paradigma oficial compartilhado entre os descendentes de imigrantes italianos, a transgressão do personagem provoca o riso e torna-o um herói cômico.<sup>37</sup>

Caracterizam, portanto, o Radicci, atitudes opostas àquelas que são consideradas as atitudes inerentes ao colonizador italiano que prosperou. Pouco afeito ao trabalho, obsessivo por um copo de vinho e por um “rabo-de-saia”, Radicci contrapõe-se aos valores mais caros do grupo, ao mesmo tempo em que reafirma os valores de simplicidade, seduzindo o público pela espontaneidade dos sujeitos autênticos (GOLIN, 2003).

Não vou me ater a uma análise do anti-herói, muito bem trabalhada em Golim. Mas cabe lembrar a entusiasmada circular do quadrinho nas atividades escolares que demonstrou as formas como, concretamente, as imagens variadas da italianidade circulam. As escolas de Farroupilha freqüentemente promovem eventos que focalizam o personagem. Realizam concursos literários, incentivam a criação artística através de produção gráfica, encenações teatrais tematizadas no Radicci. Muitas vezes esses momentos inclusive contam com a presença do autor, Iotti. Desta forma, lado a lado, a instituição traz como conteúdo pedagógico, duas imagens antagônicas para comentarem o grupo local, os descendentes de imigrantes italianos, sem que isto se torne polemizado ou problematizado.

Enfim, esta é mais uma forma de demonstrar que entre os moradores naturais de Farroupilha, descendentes de imigrantes italianos, convivem sob e com a construção hegemônica de uma noção de italianidade, várias possíveis significações, as quais procurei até aqui demonstrar. Estas pessoas que se pensam diferentemente frente à noção mais abrangente de italianidade, no entanto, encontram-se identificadas no discurso de pertencimento a valores como da família, da religião e do trabalho.

---

<sup>37</sup> Bérghson (1962) argumenta que “nuestra risa es siempre la risa de um grupo”. Neste caso, do Radicci, que comenta a identidade italiana jocosamente, penso que o riso se origina na percepção de comportamentos fora dos padrões admitidos pela sociedade, ou seja, na incongruência. Mas também pode ser analisado como um alívio pois permite, liberar, através do riso, comportamentos que lhes estão interditos na vida social. (LE GOFF, 2000) O riso, neste contexto, pode ser visto como uma reação que surge da tensão provocada pela exposição exagerada daquilo que se encontra reprimido no grupo para a exaltação das virtudes.

Antes de tudo ressaltam, porém, “somos muito fechados” reforçando assim uma exclusividade que lhes assegura a identidade diante do fluxo imigratório atual.

## 1. 6. A PRESENÇA DO OUTRO

A industrialização, evidência do desenvolvimento econômico <sup>38</sup> que colaborou para a posituação da identidade dos descendentes de imigrantes italianos, trouxe um outro elemento, também muito importante, para se pensar a intensificação dessa “italianidade”: a presença de numerosa população provinda de outras regiões. As empresas criadas pelos descendentes de imigrantes italianos necessitaram de força de trabalho, que não existia em número suficiente entre os habitantes da região. Foi necessário então, trazer grandes levas de novos imigrantes para sustentar as iniciativas empresariais. A proximidade dos novos imigrantes faz com que os indivíduos pertencentes à “italianidade” fortaleçam suas singularidades, no sentido de manterem as fronteiras simbólicas que os diferenciem frente aos outros. <sup>39</sup>

Esses operários e operárias que atenderam à demanda da indústria de Farroupilha vieram de regiões próximas, a grande maioria do próprio estado do Rio Grande do Sul. <sup>40</sup> O deslocamento desses novos imigrantes em direção a Farroupilha proporcionou interações entre grupos até então em relativo afastamento geográfico e

---

<sup>38</sup> O crescimento da região encontra-se inserido no contexto da economia brasileira que na década de 1970 se beneficiou do expressivo crescimento do comércio mundial e dos fluxos financeiros internacionais, que desencadearam um ciclo expansivo de resultados positivos em quase todos os setores.

<sup>39</sup> Cabe aqui lembrar a posição de Vermeulen e Grovers (2004). Estes autores afirmam que a aproximação de diferentes grupos pode gerar um temor pela perda das identidades. Isto os leva a fortalecerem seus sinais diacríticos ao entrarem em contato, para sentirem-se fortalecidos na sua noção de pertencimento. Desta maneira, passo a pensar que a intensificação da reivindicação da “italianidade” está relacionada a esse temor provocado pela possibilidade da perda de suas singularidades devido ao estreito contato com o “outro”. Da mesma forma, Seyferth (1993) observa entre os imigrantes alemães em Santa Catarina a importância que o desenvolvimento econômico dessas colônias trouxe para a formação da identidade étnica do grupo. Haja vista que a oferta de mão-de-obra atraiu um grande contingente de brasileiros, fornecendo um contexto de relações onde emergem as etnicidades. (SEYFERTH, 1986, 59 )

<sup>40</sup> A migração interna no Rio Grande do Sul é fruto da estrutura fundiária excludente do Estado. O ciclo do trigo e da soja, no sul do país, com seu “pacote tecnológico de modernização”, deslocou muitos trabalhadores para outras regiões. Nas últimas décadas, entretanto, os fluxos, até então de grandes distâncias, passam a ser substituídos por “migrações de curtas distâncias” (ZAMBERLAM,2004), como é o caso da imigração atual em direção à região da Serra Gaúcha.



histórico, intensificando suas relações e caracterizando, assim, uma situação de contato.<sup>41</sup>

Os descendentes dos primeiros imigrantes que aqui chegaram, na situação de estrangeiros, há um século atrás, hoje percebem-se naturais deste lugar. Inicialmente, os colonos assentados neste território foram estigmatizados, como agricultores pobres, atrasados. Ao ascender, social, política, e economicamente, o grupo passou a reivindicar o reconhecimento de uma superioridade. A superioridade de poder do grupo dos descendentes de imigrantes italianos em Farroupilha não se atém a evidentes vantagens materiais ou econômicas.<sup>42</sup> A supremacia do grupo estabelecido frente aos novos imigrantes também não está assentada somente no fato da maior permanência ou mesmo na idéia de fundação do lugar. Além desses fatores mencionados, a superioridade dos primeiros imigrantes sobre os últimos, recém chegados, está sendo mantida através do acionamento de virtudes auto-atribuídas pelos indivíduos do primeiro grupo e que estão presumidas como ausentes nos grupos recém chegados.

Neste caso, a superioridade está relacionada ao fato de serem “italianos”. Pois, segundo eles, foram os atributos inerentes à sua identidade étnica, como o trabalho, a religião e a família que possibilitaram a construção deste “pedaço de Europa” em solo brasileiro. Os imigrantes que chegaram mais recentemente, procedentes de outras regiões do próprio estado, gaúchos, são vistos como pessoas “de fora” e passam a ser considerados, pelos mais antigos, que se consideram “italianos”, como estrangeiros.<sup>43</sup>

Os indivíduos do grupo estabelecido há mais tempo na cidade utilizam intensamente a idéia de que possuem características que consideram positivas para

---

<sup>41</sup> Hall (2003) caracteriza como “zona de contato” aquele contexto em que estão em cruzamento sujeitos anteriormente isolados.

<sup>42</sup> Evidente que estou vislumbrando um “grupo” em termos gerais, nos capítulos seguintes se poderá ter mais elementos sobre os interlocutores e os modos como se percebem como um “grupo”.

<sup>43</sup> Neste sentido tem-se aqui a mesma configuração encontrada por ELIAS (2000) em Winston Parva. Todos os grupos são constituídos por imigrantes, no entanto, a diferença está em que um grupo é composto por antigos residentes na quarta geração de descendentes de imigrantes e outro grupo que é constituído de imigrantes recém-chegados. Delgado (2003) também comenta a tendência que os habitantes mais antigos de uma cidade têm de considerar como imigrantes somente os que chegam por último e pergunta “Afiml, quem é imigrante na cidade?”, mostrando que a classificação é volátil e acaba revelando estruturas de subordinação que diferem e desigualam o “inglês” e o “colombiano” na Espanha.

contrastá-las frente aos recém chegados.<sup>44</sup> Essas características que buscam afirmar um “nós” diante dos “outros”, identificando-as com a “italianidade”, demarcam fronteiras simbólicas nas quais se classificam em “nós, os italianos”, frente aos recém chegados, os “de fora”.<sup>45</sup>

Os antigos moradores do lugar, portanto, recebem os novos imigrantes vivenciando diferenças e estabelecendo fronteiras simbólicas. Ou seja, trazem elementos culturais que em oposição aos recém chegados delimitam as distinções. Fica claro, desta forma, quem somos “nós”, os “italianos” e quem são “eles”, os “de fora”, destituídos das qualidades pessoais necessárias para serem vistos como iguais. Está configurada uma identidade étnica – calcada nos valores que singularizam uma “origem”.<sup>46</sup>

Pode-se dizer que a veiculação – na escola, nos atendimentos públicos, nos eventos festivos – de uma vasta literatura exaltando a imigração e reafirmando o valor do “colono” fundamenta as noções mais comuns encontradas nos debates informais e nas compreensões manejadas corriqueiramente sobre a italianidade.

Este discurso circula na sociedade regional como um conjunto de idéias que informa os sujeitos sobre seus atributos e papéis sociais fundamentando os jogos identitários entre as pessoas de “origem” e os “outros”. Assim, valores importantes à comunidade, como a religiosidade, o apego à família, o impulso ao trabalho, e no caso deste estudo em Farroupilha, a competitividade, são constantemente lembrados como atitudes imprescindíveis ao sucesso dos empreendimentos da cidade. Estas atitudes, por estarem relacionadas à construção da riqueza do lugar, são atitudes a serem copiadas por todos que desejam ascensão econômica. Os novos imigrantes, atraídos

---

<sup>44</sup> Cf. Elias (2000) o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características “ruins” de sua porção “pior” – de sua minoria anômica. “Em contraste, a auto-imagem do grupo estabelecido tende a manter a se modelar em seu setor exemplar mais “nômico” ou normativo – na minoria de seus “melhores” membros.” Isso facilita ao grupo estabelecido provar suas afirmações a si mesmos e aos outros. (ELIAS,2000,23)

<sup>45</sup> Como salientam Poutignat; Etreiff-Frenat (1998), a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento. É na interação que as identidades étnicas se salientam. Logo, não é a diferença cultural que está na origem da etnicidade, mas a comunicação cultural que permite estabelecer fronteiras entre os grupos por meio de símbolos que tenham significado para ambos os grupos da interação.

<sup>46</sup> “Há que convir, com Barth, que a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores.” (POUTIGNAT,P.;STREIFF-FENART, 1998,125)

pela oferta de trabalho, desta forma, são chamados a se inserirem nesse contexto social.

Após esta retomada de alguns aspectos da construção da “italianidade” entre os moradores naturais de Farroupilha, descendentes de imigrantes italianos, pode-se a partir daqui entender mais claramente os elementos que estarão sendo manejados na relação destes sujeitos com os novos imigrantes, recém chegados.

## 1.7. OS JOGOS IDENTITÁRIOS

Para melhor compreender como se dá a recepção aos novos imigrantes por parte dos moradores naturais de Farroupilha, tentei entrar em contato com as pessoas que de alguma forma estivessem envolvidas em serviços prestados a essa população. Dirigi-me então, às pessoas que identificadas com o grupo de descendentes de imigrantes italianos, ocupam ou ocuparam os cargos de prefeito, secretários municipais e vereadores. Dialoguei também com empresários que considerei chaves para o entendimento do significado da nova imigração para o grupo estabelecido. Em entrevistas gravadas, em conversas casuais e através de leituras de relatórios, fui aos poucos descortinando possibilidades de entendimento deste processo. Passei da “periferia” – da italianidade – ao “centro”, aproximando-me dos que a manejam como atributo de sua origem.

A seguir, procurei contatar a equipe de saúde dos Postos Municipais, para me aproximar dos profissionais, descendentes de imigrantes italianos em contato direto e cotidiano com os recém chegados. Uma pessoa responsável pelo Programa de Saúde de Farroupilha me informou que “os nossos trabalham no centro, têm consultórios particulares ou fazem parte do quadro do Hospital”. Fiquei então sabendo que esses profissionais do atendimento primário em saúde, localizado nos bairros, também fazem parte deste fluxo migratório contemporâneo, são, portanto, igualmente vistos como “de fora”.<sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> Este depoimento lembra a observação de Weber (2003) sobre a correlação entre etnicidade e emprego, onde a etnização das categorias profissionais garante a colocação da força de trabalho diferenciadamente por seu

A quase totalidade das autoridades com as quais mantive contato durante esta pesquisa, considera a imigração um problema para a cidade. A chegada de um volumoso número de pessoas após a implementação do Distrito Industrial de Farroupilha traz aos administradores inúmeras questões urbanas de superpopulação a serem resolvidas. Um representante do poder público apresentou-me com orgulho alguns números que indicam a situação atual de Farroupilha, como renda per capita, e fala que a “situação do município já foi melhor. Hoje, há muitos problemas sociais: famílias desestruturadas, problemas com drogas. Violência!” E conclui dizendo que “os problemas do município começaram com a chegada dos migrantes que vieram trabalhar nas nossas indústrias”.

Os depoimentos que obtive dentre estas pessoas ligadas à administração da cidade revelam a dificuldade que a pequena cidade tem tido para absorver a grande leva de imigrantes que chega ao município e a preocupação de que esse fato não venha a interferir nos índices de desenvolvimento humano local. Há uma verdadeira situação de acusações entre os representantes do poder público e os empreendedores privados, procurando responsabilizar alguém pelas dificuldades enfrentadas. A idéia entre os administradores públicos é de que os empresários trouxeram os trabalhadores para melhorarem suas produções, deixando o ônus para a prefeitura. No entanto, em minhas entrevistas detectei que os sujeitos responsáveis pela administração pública muitas vezes são os mesmos sujeitos que estão à frente dos empreendimentos fabris que transformaram a cidade. Um funcionário do primeiro escalão da prefeitura me disse que:

*“Eles [os empresários] é que começaram tudo isto. Iam lá. Caçavam operários. Agora o problema é nosso. A prefeitura é que tem que fazer tudo. O município encontra-se sobrecarregado. Como atender toda essa população? Habitação, saúde, educação, algumas empresas ajudam, mas nem todas.”* (Funcionário da Prefeitura Municipal de Farroupilha, natural de Farroupilha, descendente de imigrantes italianos. Entrevista concedida em abril/2007)

---

próprio grupo social. Elias (2000) vê na distinção dos grupos através da etnicidade um “ato ideológico de evitação”. Explica que a etnicidade é acionada de maneira a escamotear as relações de poder implícitas nas interações como, por exemplo, a exclusão do grupo menos poderoso de cargos considerados mais importantes ou simbolicamente mais significativos.

Estes problemas são comuns aos problemas enfrentados em outras cidades brasileiras no processo de industrialização. Os governos inicialmente oferecem facilidades fiscais às empresas para que se instalem em seus municípios, deixando de arrecadar os impostos necessários para cobrir os gastos sociais provenientes do aumento populacional gerado pela própria empresa.<sup>48</sup>

Os relatos que ouvi destas pessoas que representam a elite dirigente da cidade, ao mesmo tempo em que evidenciam o orgulho de estarem construindo o progresso de Farroupilha, não deixam de lembrar com nostalgia o quanto a cidade era “ótima”, antes que o crescimento industrial necessitasse trazer imigrantes para cá.<sup>49</sup> Um grande empresário, ao me conceder entrevista - interrompida constantemente por muitos telefonemas e pelos seus funcionários que entravam na sala com questões a serem resolvidas -, me refere exatamente isso:

*Com a indústria começamos a ter inúmeros problemas, por causa do tipo de pessoas que vieram para cá. Eu se pudesse só tinha funcionários de origem italiana. Eles são muito mais trabalhadores. Esse pessoal que vem de fora, os brasileiros, é de cultura diferente. Não estão nem aí pro trabalho. Quer ver? Ganham um pouquinho e já ficam satisfeitos. Aí querem descansar, ou então vão beber. Pronto! No dia seguinte já nem se lembram que têm trabalho. Outros vêm mas não tendo qualificação ficam por aí, viram assaltantes, drogados... (Empresário natural de Farroupilha, descendente de imigrantes italianos. Entrevista concedida em outubro de 2006)*

Já houve uma época em que a prefeitura se empenhava em tentar conter a vinda dos imigrantes regionais, enviando-os de volta aos seus municípios de origem. Um ex-prefeito da cidade conta que

*Teve momentos que a solução era interceptar as pessoas que chegavam para morar aqui. Eram muitos chegando todo o dia. Alpestre, Ronda Alta, Planalto, Nonoai, foi toda uma região...De lá veio os primeiros, e é um chamativo, uns chamam os outros. Um atrai o outro. Eu era prefeito [nessa época]. Chega um caminhão, um dia aqui na frente. Uma mudança, um casal em cima da carroceria uma tombeira e cinco crianças. E uma carta de recomendação pro prefeito (eu) do prefeito de Lagoa Vermelha. Muito bem, chamei a TV, filmamos aquilo, etc e tal. Que o prefeito de lá tava*

<sup>48</sup> Cf.(SINGER,1998)

<sup>49</sup> Como lembra Elias, os outsiders são sempre vistos como anômicos, o contato com eles, portanto, é “sentido como desagradável”, uma vez que não compartilham das normas e tabus seguidos pelos estabelecidos. Dessa forma, os outsiders representam uma ameaça à ordem do grupo estabelecido.

*fazendo isso. Em vez de dar guarida a sua gente manda embora. Muito fácil administrar assim. Deu uma repercussão danada na época. Eu mandei de volta a família. A família! Foi de volta no mesmo caminhão. Aí o motorista não queria. “não eu tenho que carregar laje em Nova Prata, pra levar de volta. Aahahahah! Ele vinha trazer[a família] aqui mas aproveitava pra levar basalto...”* (Ex-prefeito, natural de Farroupilha, descendente de imigrantes italianos. Entrevista concedida em dez/2006)

Os recém chegados freqüentemente são mencionados, pelas autoridades locais, como pessoas usuárias de drogas e violentas. As viaturas da Brigada Militar estão diariamente na entrada dos bairros, algumas inclusive fazendo blitz.<sup>50</sup> Há um controle policial ostensivo na cidade, principalmente nos bairros, porque como me explica um responsável por esse setor:

*São muitas as ocorrências policiais nos bairros. O Primeiro de Maio, por exemplo, é um verdadeiro gueto. Só gente de fora. E não é porque eu seja de origem italiana, mas os brasileiros são de outra cultura. É cultura diferente. Não têm educação, não têm disciplina. Eles não respeitam autoridade. Não é porque eu ando armado (mostra a arma, puxando sutilmente o paletó) que eles têm que me respeitar. Eles têm que me respeitar porque eu represento a ordem nesta cidade. Mas esse pessoal de fora vem com outra cultura, aí a nossa cidade fica desse jeito, aliás, vai ficando igual ao resto do Brasil.* (Funcionário da segurança pública descendente de imigrantes italianos, em conversa em seu ambiente de trabalho, jun/2007)

Alguns empresários reconhecem a importância da vinda destes imigrantes para suprirem a força de trabalho que a industrialização por eles planejada demandou. Entretanto, não deixam de ressaltar o fato de que os novos imigrantes representam um ônus ao município, pois são pessoas “de nível cultural baixo que eram até então peões de fazenda, viviam de bois, vêm de famílias desestruturadas, muitas vezes até com problemas nutricionais.” (Empresário do setor calçadista, descendente de imigrantes italianos, natural de Farroupilha.) Uma autoridade inclusive me aconselhou a me certificar com as agentes de saúde o fato desses “forasteiros” serem muito preguiçosos.

---

<sup>50</sup> Elias constata que os “outsiders são vistos pelo grupo estabelecido como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros.” (ELIAS,2000,27)

*É um costume da fronteira, dormem de manhã, dormem de tarde. Diferentemente de nós, os italianos, que fizemos e estamos fazendo a riqueza deste lugar. Desde nossos antepassados quando eles botaram a mata abaixo e trouxeram vigor e luz ao lugar com muita persistência e trabalho. (Funcionário do programa de saúde do município em entrevista no seu ambiente trabalho. Mai/2007)*

Outra queixa constante sobre os novos imigrantes por parte dos responsáveis pela administração municipal, diz respeito à falta de vínculos que estes têm em relação às coisas da cidade.<sup>51</sup> Frequentemente eu ouvi reclamações sobre a falta de engajamento em iniciativas que requerem a participação do povo.

*Como eles não são daqui, não fazem parte da nossa história não acham importante ver a cidade crescer e progredir. Não respeitam o patrimônio público, picham as paredes, depredam orelhões. São pessoas sem cultura, sem raízes. Saíram das suas cidade, mas parece que não estão aqui também. Eu não sei se tu já perguntaste pra eles. **Mas a grande maioria nem trouxe o título pra cá.** Continuam mantendo o título eleitoral no lugar em que nasceram! Pra que, lá eles não voltam pra votar, a maioria não tem dinheiro pra isso. E aqui também não votam. Não se preocupam com nada! (Vereador, natural de Farroupilha, descendente de imigrantes italianos. Em conversa casual, abril/2007)*

Encontrei, no entanto, um empresário, natural de Farroupilha, proprietário de uma indústria de calçados, que ao contrário da maioria dos outros empreendedores da cidade, me disse que prefere ter como operários os novos imigrantes. Ele me explicou que “esse pessoal que vem de fora, vem com vontade de dar certo. Já apostou tudo ao sair de sua cidade. Chega aqui e quer é trabalhar, quer ganhar dinheiro e por isso é mais responsável e disciplinado”.

Os novos imigrantes que aqui chegam são chamados pelos descendentes de imigrantes italianos de “pretos” sem que necessariamente sejam indivíduos de pele negra. Os “pretos” são todos aqueles que não apresentam tom de pele claro, olhos claros e cabelos loiros. Essa distinção feita pelo aspecto físico das pessoas, já delimita a diferença através de um simples olhar. Outra forma de os descendentes de imigrantes italianos de Farroupilha se dirigirem a estes sujeitos, recém chegados de outras regiões do Rio Grande do Sul, é chamando-os de “brasileiros” ou de sujeitos

---

<sup>51</sup> Ou seja, há também uma “transitoriedade incômoda” à elite dirigente da cidade.

“da fronteira”, referindo-se à metade sul do Rio Grande do Sul.<sup>52</sup> Os moradores, naturais de Farroupilha que se autodenominam “italianos”, ao acionarem aspectos da aparência física, já deixam claro que pertencem a grupos distintos.

Os moradores naturais de Farroupilha ao mesmo tempo em que homogêizam os novos imigrantes tomando-os indistintamente como “pretos” ou “brasileiros”, por outro lado referem-se a eles como pessoas provindas de muitos lugares diferentes e, portanto, representantes de “culturas muito diferentes”. Referem-se à falta de unidade desses indivíduos e deixam transparecer aí uma outra ordem de dificuldades que é a de “como lidar com essa gente de diferentes culturas?” Em outras palavras, entendem que se trata de uma “outra cultura” aquilo que desqualificam como “próprio” do grupo.

Nesse jogo, as diferenças sociais do grupo estabelecido são neutralizadas. A princípio, o discurso da “italianidade” elimina as divergências intrínsecas, tais referências ingressam em um cenário de conflitos a fim de colocar-se em interação – pela distintividade - com os recém-chegados e pela exclusividade de deterem qualidades morais.

A elaboração das ações a serem dirigidas, através do poder público, aos novos imigrantes, assim como as práticas sociais das relações cotidianas, estão visivelmente informadas pelo discurso da “italianidade”. Este discurso, como já foi anteriormente mencionado, ressalta virtudes e valores inerentes à origem comum do grupo estabelecido. A dedicação ao trabalho, a vida ordeira de resguardo na família e a devoção à religião católica são valores naturalizados pelos e aos descendentes dos imigrantes italianos.

Os novos imigrantes, quando chegam, são vistos exatamente pela ausência destes valores como sujeitos de nenhuma ou poucas virtudes. Estes passam, então, a serem considerados humanamente inferiores, pois os sinais diacríticos auto-atribuídos pelos descendentes de imigrantes não se encontram presentes entre os sujeitos que estão chegando.

---

<sup>52</sup> Isto não é uma peculiaridade deste contexto. Situação muito semelhante é encontrada por Weber (2002) entre os colonos europeus de Ijuí e por de Mello (2006) entre os colonos descendentes de imigrantes alemães em Panambi. Esses descendentes também se referem da mesma maneira aos sujeitos provenientes de cidades do entorno e identificados com os grupos nacionais.



O sucesso da riqueza na região é considerado como resultado de um impulso ao trabalho inerente aos italianos. A força de trabalho dos operários, resgatada entre os “de fora”, encontra-se subtraída dos discursos oficiais. Estes estigmatizam o novo imigrante, construindo representações coletivas que acabam por se tornar realidade, enquanto o depoimento direto do indivíduo que migrou é fala ausente, é discurso silenciado. Suas atividades estão obscurecidas, anônimas ou implícitas nos relatos ouvidos. O trabalho do migrante lhe é roubado, uma vez que toda a riqueza é considerada como produto da sociedade de imigração.<sup>53</sup> A presença dos novos imigrantes é, na maioria das vezes, referida como problema social.

## **1.8. CONSIDERAÇÕES ANTROPOLÓGICAS SOBRE JOGOS IDENTITÁRIOS E IDENTIDADE ÉTNICA**

Neste capítulo procurei evidenciar, inicialmente, as distintas noções de “italianidade” entre os descendentes de imigrantes italianos naturais de Farroupilha. Essa multiplicidade, no entanto, converge em um discurso oficial, hegemônico, que informa os sujeitos sobre suas virtudes e valores a serem seguidos. Assim, não pretendo ignorar que a “construção cultural (...) não é monolítica.” (BARTH, 2000,123), mas concordo com Cardoso de Oliveira quando diz que as sociedades estabelecidas, dominantes, ficam propensas, em determinadas situações, a eliminar suas clivagens internas, a fim de se antepor aos recém chegados. (OLIVEIRA, 1964).

A identidade étnica aqui considerada como uma das possíveis identidades destes descendentes de imigrantes italianos está baseada na visão interacionista de Barth (2003). Segundo este autor, um grupo étnico é uma categoria êmica, na qual os próprios indivíduos dos grupos se diferenciam, se reconhecem e são reconhecidos nessa diferença (BARTH, 2003), como é o caso dos descendentes de imigrantes

---

<sup>53</sup> Quanto ao fato do trabalho dos novos imigrantes como operários das indústrias farroupilhenses não se encontrar mencionado nos discursos que exaltam o trabalhador descendente do pioneiro italiano, lembra as observações feitas por SAYAD(1998) entre os imigrantes argelinos na França. O autor constata que o mérito da riqueza construída na sociedade de imigração é sempre atribuído aos indivíduos da sociedade de recepção, nunca do imigrante.

italianos que se identificam com uma origem e com trajetórias partilhadas, ao mesmo tempo em que são reconhecidos por essa identificação.

Barth observa que os grupos étnicos constituem uma forma de organização social ao classificarem seus membros em pertencentes e não pertencentes. Esta classificação ocorre em relação a elementos culturais que os próprios indivíduos acionam. Se o grupo étnico se constitui ao acionar elementos que o diferencie, então sua identidade se constrói em oposição ao grupo com o qual está em interação. Cardoso de Oliveira (1976) propõe a identidade étnica como contrastiva, afirmando que “é uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. (...) ela se afirma ‘negando’ a outra identidade, ‘etnocentricamente’ por ela visualizada.” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, 5-6)

Desta forma, a identidade, além de ser construída na oposição ao outro, carrega juntamente um componente ideológico. Ou seja, assim como Cardoso de Oliveira, penso que nas relações interétnicas que observei entre os “italianos” e “brasileiros” a contrastividade se dá com a preponderância da “italianidade” inerente à negação dos sujeitos vindos “de fora”. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, 40-45)

Como sugere Barth, o foco das diferenças não deve se dirigir ao patrimônio cultural do grupo (perspectiva essencialista), e sim às características que cada grupo aciona para, na presença do outro, se diferenciar. A isto Barth chamou fronteira étnica. Neste sentido, o autor enfatiza a noção do “limite étnico” e alerta para que o interesse no estudo dos grupos étnicos não se situe nas especificidades dos conteúdos culturais, mas antes, se volte para as fronteiras que o grupo se impõe ou que lhes são impostas pelo outro. Os “italianos” se identificam através de alguns elementos, os quais consideram “naturalmente” pertencentes à etnicidade. É o caso da religiosidade, do apego à família, do impulso ao trabalho e do empreendedorismo ressaltados em oposição ao grupo de recém chegados, com suas “famílias desestruturadas”, “menos trabalhadores”, “preguiçosos” e sem ambição.

Para contemplar os diferentes níveis de discursos e práticas nesse contexto de imigração e contato interétnico, foi tomada, para a estruturação do estudo, uma abordagem dos três níveis analíticos sugeridos por Barth (2004). Um nível macro: histórico, econômico e político, que deu o cenário das situações que proporcionaram

aos sujeitos, na cidade de Farroupilha, a situação de estarem vivendo num mesmo território nas condições em que estão, ou seja, a abordagem das motivações nacionais e internacionais que levaram o Império brasileiro a planejar a imigração européia no século XIX, incluindo aqui o aspecto demográfico, econômico e racial que no processo histórico sobrepor-se-á à conjuntura histórica e econômica que oportunizaram a industrialização da região da Serra Gaúcha e a conseqüente imigração interna; um nível meso: no qual são observadas as estratégias criadas pelos grupos para negociarem suas identidades; e, finalmente um nível micro, que tomarei no seguinte capítulo quando privilegiarei como foco, o lócus das significações diretamente na interação dos sujeitos que estão a construir, re-construir e des-construir suas práticas e significados. Cabe lembrar que são níveis analíticos, pois Barth (2004) nos mostra que os jogos identitários em “um nível” podem resultar e ocasionar negociações identitárias e tensões de ordem inesperada no “outro nível”.

Geertz (2001) propõe que o foco das interpretações advenha do nível das interações entre indivíduos, das suas construções a partir da intersecção do eu com o social. O foco das observações que constituem este trabalho encontra-se nas experiências vivenciadas cotidianamente, na interação dos imigrantes recém-chegados face à uma identidade construída pelos moradores naturais de Farroupilha, através de uma abordagem que atente às construções que surgem das reatualizações desses significados exigidos na relação entre esses sujeitos.

As palavras, imagens, gestos, marcas corporais e terminologias, assim como as histórias, ritos, costumes, sermões, melodias e conversas, não são meros veículos de sentimentos alojados em outro lugar, como um punhado de reflexos, sintomas e transpirações. São o *locus* e o maquinário da coisa em si. (GEERTZ, 2001,183)

## CAPÍTULO II

### IMIGRAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE FRONTEIRAS SIMBÓLICAS

Para a realização desta pesquisa foi necessário eleger um local onde eu pudesse encontrar os novos imigrantes e observá-los participativamente em seu cotidiano. Não poderia ser uma das 817 fábricas existentes no município, idéia que me ocorreu inicialmente, porque eu concluí que este espaço urbano me forneceria um universo demasiadamente formatado pela ordem fabril. Eu procurava um local onde pudesse contemplar vários momentos da vida social, como o trabalho, a rua, o lazer, a vida em família, enfim, o dia-a-dia. Dirigi então meu olhar aos bairros da cidade, pensando serem estes lugares onde as relações interpessoais apareceriam de maneira mais espontânea e diversificada.

Existem 22 bairros na cidade. A partir de pesquisas em dados oficiais e informações obtidas entre funcionários públicos ligados aos serviços prestados aos bairros e entre moradores do centro da cidade, descendentes de imigrantes italianos, eu descobri que todos os bairros, em maior ou menor escala, apresentam a característica de abrigar pessoas “de fora” de Farroupilha. Entretanto, os mais lembrados foram os bairros São José, Industrial e Primeiro de Maio, todos os três surgidos de loteamentos destinados aos novos imigrantes.<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> Todos os três são bairros operários e trazem isso emblematizado no nome. Os bairros são assim denominados, como os moradores naturais de Farroupilha fizeram questão de me falar: “Industrial, como o nome já diz, homenagem aos que trabalham na indústria; Primeiro de Maio, uma homenagem referindo-se ao dia do trabalhador e São José, o padroeiro dos trabalhadores.”



simbolicamente do núcleo central. O bairro São José, o mais afastado do centro, encontra-se separado do resto da cidade pela linha férrea. O bairro Industrial situa-se do outro lado da RS122 – rodovia bastante movimentada que liga Porto Alegre à região da Serra. O Primeiro de Maio situa-se em terreno muito próximo ao centro da cidade, todavia conta com um profundo vale a separá-lo.

O bairro São José foi o primeiro a ser construído em 1978. Atualmente possui uma população de cerca de 4000 habitantes. Os moradores de Farroupilha referem-se a este como “o bairro mais problemático” da cidade ao associarem seus moradores ao uso e ao tráfico de drogas. Este lugar também é lembrado pela sua extrema pobreza e pela presença de muitas pessoas negras, o que até pouco tempo era pouco comum na região.<sup>55</sup> Isto faz com que alguns moradores expressem-se de maneira a dizer que este é “o bairro dos negros”.

O bairro Industrial, outro bairro bastante mencionado pelos moradores naturais de Farroupilha, foi traçado próximo ao Distrito Industrial e igualmente destinado a alojar os trabalhadores recrutados para atenderem a demanda de mão-de-obra das empresas farroupilhenses. Estimativas atuais conferem cerca de cinco mil moradores ao bairro. Dizem que está assentado sobre um antigo lixão e por isso vive a constante ameaça de uma explosão. Entre os moradores deste loteamento, muitos são papeleiros, e isto, às vezes, aparece nas descrições das pessoas, que o identificam como o “bairro dos papeleiros”. Entretanto, os habitantes naturais de Farroupilha trazem mais fortemente a idéia deste bairro como um lugar de extrema violência.

Já o bairro Primeiro de Maio, também construído para dar conta do grande fluxo imigratório de operários a partir da década de 70, ao ser lembrado pelos farroupilhenses traz imediata e exclusivamente a imagem de uma população constituída por pessoas vindas “de fora”. Ou seja, os moradores naturais de Farroupilha buscam esse elemento para caracterizar a população do bairro, não aparecendo, inicialmente, outras representações como violência, drogas ou raça utilizadas para falarem sobre os outros bairros. Isto me chamou a atenção e me influenciou no sentido de pensar que no Primeiro de Maio eu poderia observar as

---

<sup>55</sup> Nas colônias de imigração italiana não foi permitida a utilização da mão-de-obra escrava, o que retardou a presença negra na região.

relações interétnicas sendo construídas sem a anteposição de outros elementos. Como refere Elias (2000) quanto menor a desigualdade econômica – o que é uma realidade neste bairro – mais aparecem as desigualdades simbólicas. O Primeiro de Maio foi, então, escolhido para a realização desta pesquisa, uma vez que este era o bairro que delineava mais diretamente a idéia de pessoas “de fora”, e não um problema social e econômico como acontecia quando as pessoas referiam-se aos outros dois bairros.<sup>56</sup>

Definido o universo da minha pesquisa, agora chegava o momento de eu entrar em campo, conhecer pessoalmente o lugar onde desenvolveria minhas observações junto aos novos imigrantes, “os de fora”. Como entrar num lugar completamente desconhecido para começar a fazer parte do dia-a-dia de seus moradores? Elegi como porta de entrada o Posto de Saúde. A cidade de Farroupilha, assim como tantas cidades brasileiras, também conta com o Programa de Saúde da Família organizado pela Secretaria Municipal de Saúde. Este é um serviço de atendimento primário em saúde, que procura atender as necessidades básicas de saúde da população, inclusive com visitas domiciliares periódicas a todas as famílias dos bairros. Foi, portanto, com o apoio na rede estabelecida pelo programa das equipes do PSF que me inseri no cotidiano das pessoas desse bairro.

Diferentemente dos outros bairros que estão assentados em áreas mais afastadas da área central de Farroupilha, o Primeiro de Maio é muito próximo e facilmente avistado do centro da cidade. Localizado na encosta de um morro, suas casas aparecem como que “penduradas”, devido à situação íngreme em que se encontram construídas. Essa paisagem já me instigava mesmo antes do meu interesse como pesquisadora em relação à sua população, **ao vê-lo de longe, tão perto. Ou tão perto, de longe.** Ou seja, trata-se de um vale bastante acentuado com vegetação densa que proporciona uma cisão geográfica abrupta, tornando visualmente muito simbólica a separação entre o que há entre o centro e o bairro.<sup>57</sup> Percebi que a manutenção dessa

---

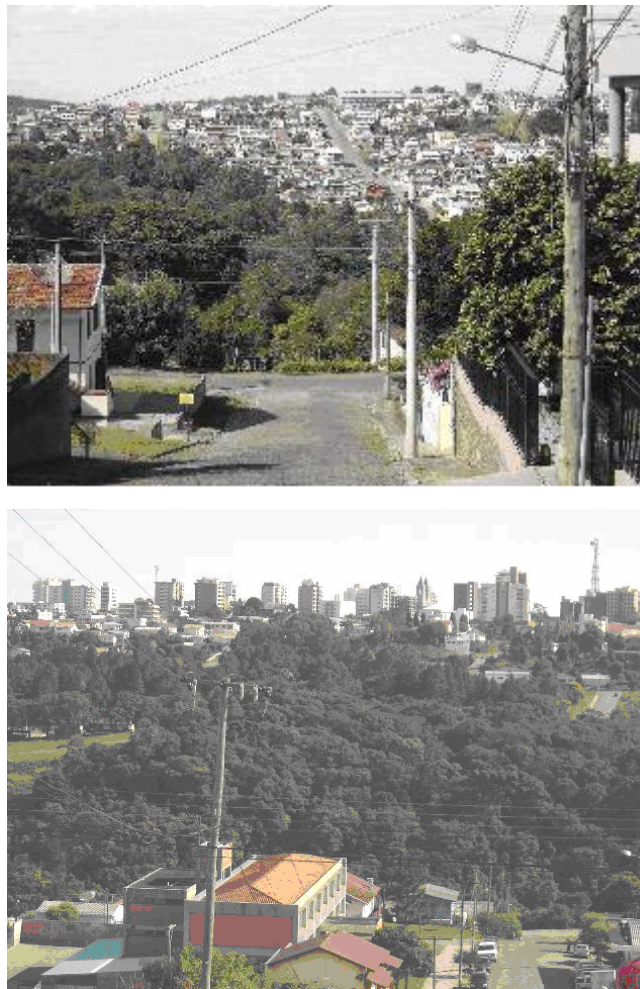
<sup>56</sup> Inicialmente, meu objetivo era fazer a pesquisa de campo nestes três ambientes: nos bairros São José, Industrial e Primeiro de Maio, que contam com o PSF. Entretanto, o prazo para a conclusão de mestrado, trouxe-me a certeza de que o tempo de convivência para uma observação participativa não deveria ser diluído e isto me levou a escolher somente um deles.

<sup>57</sup> Este espaço também é referido por muitos farroupilhenses como um lugar onde se escondem os “bandidos”, ou o local que drogados usam para se drogarem e as prostitutas para atraírem homens, enfim, “terra de ninguém, lugar do perigo, preferido por figuras liminares”. (MAGNANI,2003,s/p) Trata-se de um espaço de vazio urbano, coberto por intensa vegetação que configura uma “passagem” a qual Magnani chama de “pórtico”. Ou seja, um



barreira natural pode estar significando também a delimitação entre o território destinado aos habitantes naturais de Farroupilha, descendentes de imigrantes italianos, e o território destinado aos “de fora”, novos imigrantes advindos de várias regiões do Estado. A distribuição territorial ente lugares “nobres” e lugares “ermos” não é ocasional nas cidades, revela uma história de ocupação e hierarquias entre seus ocupantes.

**FIGURA 6. O bairro visto do centro e o centro visto do bairro.**



---

local que não pertence nem ao bairro dos “de fora”, nem ao centro onde moram os “descendentes de imigrantes italianos”. É um lugar que se encaixa nos lugares que segundo o autor “escapam aos sistemas de classificação de um e outro, e como tal apresentam a ‘maldição dos vazios fronteiriços’”. (MAGNANI,2003,s/p)



O Primeiro de Maio é, sem dúvida, o maior bairro de Farroupilha. Todos por aqui têm uma opinião do que pensam ser o número exato para quantificarem a sua população. Alguns chegam a afirmar que há 15 mil habitantes. Outros ainda ressaltam que é impossível saber, ao certo, quantas pessoas vivem no lugar, uma vez que “todo o dia está chegando mais gente”, dizem. Por causa da numerosa população, não só moradores do Primeiro de Maio como de toda Farroupilha, se orgulham em dizer: “Há tantos habitantes que bem poderia ser uma cidade”. Certa vez um senhor, enquanto comentávamos sobre este assunto, me mostrou uma lista, que ele mesmo fez, contendo o nome de todos os municípios do Rio Grande do Sul que possuem população inferior à do Primeiro de Maio. Isto, segundo ele, comprova a importância do bairro. Entretanto, o censo do número de famílias atendidas pelo PSF aproxima a população em torno dos 8 mil habitantes. Se os números por um lado revelam certo exagero, por outro evidenciam a representação de magnitude que o bairro tem entre os farroupilhenses.

As pessoas que integram essa grande população são lembradas e se autodenominam como “de fora”. Em minhas conversas iniciais, no posto de saúde, com o médico, as enfermeiras e as agentes de saúde do PSF, os quais têm contato diário com as famílias do bairro, perguntei-lhes sobre a origem dessas famílias. Eles não conseguiram lembrar alguém que morasse no bairro e tivesse nascido aqui em Farroupilha. “Só crianças ou adolescentes.” A informação pode logo ser constatada nos meus primeiros encontros com os moradores. Após eu me apresentar e expor os objetivos de conversar com pessoas vindas de outras cidades, todos prontamente respondiam: “Aqui!? Aqui todo mundo é de fora!”

Quando me aproximei do Primeiro de Maio a minha expectativa era a de encontrar um lugar de características diferentes do centro de Farroupilha. Ao dirigir-me pela primeira vez ao bairro, imaginava encontrar nas ruas muitas pessoas transitando, vizinhas conversando por cima dos muros, crianças correndo, som de música, cadeiras nas calçadas. Enfim, a vida cotidiana transbordando para o lado de fora. Eu, através da minha vivência, esperava encontrar aqui, as características dos bairros das cidades do interior do estado onde as pessoas costumam manter relações pessoais muito próximas. Afinal, neste bairro vivem muitas pessoas que chegaram

dessas outras cidades e esta era a imagem que eu carregava para pensar um bairro operário brasileiro de periferia.<sup>58</sup>

Entretanto, o que presenciei no bairro, foram ruas muito amplas e limpas. Vazias e silenciosas. Tudo aquilo que por aqui é atribuído ao estilo de vida dos “italianos” estava também presente no bairro. Um lugar tranqüilo, sem muita gente pelas ruas, nada de concentrações de jovens pelas esquinas, nada de crianças pelas praças. O movimento no início e final dos turnos parece obedecer aos momentos do trabalho.<sup>59</sup>

Durante meu trabalho de campo fiz muitos passeios e inicialmente caminhava acompanhada pelas agentes de saúde do posto, que aos poucos foram me situando no bairro. Desta forma, fui aproximando meu olhar dos diferentes momentos do lugar.

Enquanto andava pelas ruas praticamente desertas, às vezes, podia ouvir um ruído de máquina de costura. Vi trabalhadores levantando paredes nas construções; o vai e vem de vassouras pelas portas entreabertas; as fumaças dos fogões à lenha. Uma mulher que tomava chimarrão a espiar pelo postigo da janela. Da tranqüilidade das calçadas aos poucos, apareciam, pelas frestas, cenas da intimidade cotidiana.

Às vezes cruzava alguém, uma senhora idosa de pantufas atravessando ligeira a rua em direção ao mercadinho. A mulher com o filho no colo na parada do ônibus. O ônibus com um logotipo de empresa que passa para recolher seus funcionários. A senhora do portão avisava que o vizinho estava dormindo, pois trabalhava no terceiro turno, das 22h às 6h. Eva, agente de saúde que muitas vezes caminhava a meu lado,

---

<sup>58</sup>Como conheço através dos trabalhos sobre vilas pobres de Porto Alegre, de Fonseca (2004) ou de Zaluar (2000), que assim descreve a intensa vida social do calmo bairro de subúrbio no Rio de Janeiro: **“Meninos correndo ou soltando pipa no telhado, donas-de-casa conversando no portão, homens jogando cartas na birosca, trabalhadores passando a caminho do trabalho e brincando com os conhecidos, os grupinhos na esquina, e tudo o mais que já foi eternizado para nós nos sambas compostos pelos artistas populares” (ZALUAR,2000,10)**

<sup>59</sup> A partir dessa observação constato que o bairro Primeiro de Maio, mesmo que não se constitua atualmente num bairro diretamente ligado a uma fábrica específica que o configure como “vila operária”, encontra muita similaridade no padrão descrito por Lopes (1988) em o “Sistema Paulista”, uma vez que a temporalidade de trabalho e lazer ainda estão fortemente marcados pelo controle da fábrica.

me explicou, então, que elas, as agentes de saúde, deviam ter cuidado para não atrapalhar o descanso desses operários, quando das visitas. As indústrias trabalham com três turnos, o que inclui o horário da noite. Assim, muitos trabalhadores descansam durante o dia. Silêncio. Portas e janelas no máximo entreabertas. Este é o Primeiro de Maio que eu vi.

Um cenário que evidenciou que os moradores do bairro não estão vivendo a sociabilidade da rua. E que, portanto, eu deveria descobrir onde estão demarcados seus lugares de convívio para então, observar suas interações sociais.

## **2.1. A PORTA DE ENTRADA**

Meu contato com o bairro se fez a partir de um telefonema em que conversei com o médico do Posto de Saúde I do Primeiro de Maio. Ele foi muito atencioso e agendou uma entrevista para o dia seguinte à tarde, após o horário de seus atendimentos clínicos. No horário combinado eu estava lá. Sentei na sala de espera muito branca, nova, tudo muito limpo, e aguardei o doutor terminar seus atendimentos.

Um homem muito alto, simpático, veio em minha direção e estendeu-me a mão apresentando-se como o médico do posto, o Dr. Mário. Dirigiu-me até a sua sala onde conversamos por muito tempo. Depois de eu esclarecer os objetivos e metodologia da minha pesquisa, foi a vez dele então me explicar com detalhes o funcionamento da unidade de saúde. Enquanto falava percebi o quanto ele está envolvido com a população do bairro – dizem que ele conhece pelo nome todos os usuários do Posto -, e o prazer e orgulho com que se refere ao seu trabalho junto aos moradores do Primeiro de Maio. Trabalha neste Posto há sete anos, desde que o Programa de Saúde da Família foi aqui implementado. O Dr. Mário, como a quase totalidade das pessoas que moram ou trabalham no bairro, não é natural de Farroupilha.

Depois de traçar um perfil do que para ele representa o bairro Primeiro de Maio, levantou-se e me apresentou a toda a equipe de Saúde que ali trabalha, com exceção dos médicos especialistas e do dentista, que não se encontravam no Posto naquele momento. A equipe consta de recepcionista, que atende no balcão e preenche as fichas,

duas assistentes de enfermagem, cinco agentes de saúde, os médicos, um dentista, uma fisioterapeuta, uma nutricionista e a enfermeira-chefe.

Todas as pessoas do Posto tiveram extrema importância para minha inserção no bairro e foram informantes de grande valia para a minha movimentação entre os moradores do bairro. No entanto, as profissionais com as quais me aliei mais intimamente para chegar aos moradores do bairro, foram as agentes de saúde. Estas são responsáveis pelas várias atividades comunitárias que integram os projetos do PSF. Está, portanto, a cargo destas profissionais a execução dos planejamentos junto à população, são elas que estão diariamente em contato com as famílias do bairro. Cada Posto possui cinco agentes que são responsáveis, cada uma, por uma micro-região do bairro. Desta forma elas conhecem todas as famílias moradoras do bairro com as quais realizam grupos de convivência, de controle de saúde (diabetes, hipertensão, gestantes), de exercícios corporais, de artesanato e de boa vizinhança.

Como as agentes devem ser necessariamente recrutadas entre os próprios moradores do bairro, o meu convívio com elas não se limitou a ter excelentes informantes sobre os recém chegados. Elas mesmas, como novas imigrantes e moradoras do bairro, fizeram parte das minhas observações e entrevistas. A acolhida por parte das equipes foi muito importante para que eu me sentisse muito a vontade entre eles e por conseguinte entre os outros moradores do bairro.

Os primeiros contatos com os moradores do bairro se deram através da minha participação nos grupos de atividades comunitárias desenvolvidos pelo PSF. Passei algumas tardes a fazer crochê entre senhoras que bordavam panos de prato ou os enfeitavam com delicadíssimos macramés. Em outras ocasiões, eu participei do grupo de caminhada. Esta atividade constitui de uma caminhada em grupo, de cerca de uma hora, pelas estradas que margeiam o bairro, ainda com características coloniais. Nas manhãs frescas do verão da serra gaúcha estas eram horas extremamente agradáveis. Outro grupo que ajudou na minha aproximação inicial com os novos imigrantes do bairro foi o grupo da Boa Vizinhança (o qual descrevo com mais detalhes no capítulo 3) quando alguns vizinhos reúnem-se para conversar e tomar chá.

## 2.2. A APROXIMAÇÃO COM OS MORADORES

A primeira vez que me dirigi ao Primeiro de Maio, saindo do centro da cidade, surpreendeu-me o enorme desnível a ser transposto. Ainda na parte central, uma via asfaltada foi construída em curva em direção ao vértice do vale, amenizando um pouco a acentuada descida. O entorno deste percurso é coberto de mata nativa. No ponto mais baixo do vale há uma ponte sobre um estreito curso de água. Daí em diante começa o bairro propriamente dito. As casas se estendem ao longo da rua de paralelepípedos, em sentido quase vertical, cortada pelas ruas transversais até o topo do morro. É no alto do morro que fica o centro do bairro, ou seja, é onde estão construídos a Igreja, o Salão Comunitário, a Escola Municipal e o Posto de Saúde.

D. Maria, uma das mais antigas moradoras do bairro, conta que havia “somente duas ruas quando veio para cá”. Uma delas é esta, a que mora até hoje, bem no alto. “O resto era tudo mato”. Descubro assim que o bairro não teve início a partir dos terrenos mais baixos, próximos ao centro, como me parecia óbvio, pelo trajeto que percorri. O bairro não foi construído como extensão do centro da cidade. Ele foi construído distante do centro e a ampliação do bairro é que o tornou cada dia mais próximo do núcleo central. Antes disso o acesso à área central se dava através de outros bairros, tornando a trajetória muito mais distante. O loteamento dirigiu-se, inicialmente, a operários de uma indústria próxima e teve, portanto, seu acesso principal direcionado por esta fábrica. Só mais recentemente é que foi construído este caminho que ligou o bairro diretamente ao centro da cidade, pela parte mais baixa, mais recentemente ocupada. Portanto, a distribuição espacial como “periferia” não era algo casual. As conexões eram, e evidencio que em muitos momentos ainda são, **entre bairros** e não periferia-centro.

FIGURA 7 – VALE ENTRE O CENTRO DE FARROUPILHA E O BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO



Fonte: Google earth

Na medida em que mais imigrantes chegavam o bairro foi se ampliando e as construções desceram a encosta. Devido ao acentuado desnível do terreno, em determinados pontos do bairro foi necessário construir escadarias em lugar da rua, para facilitar o deslocamento dos pedestres entre as partes mais altas e as mais baixas do bairro.<sup>60</sup> Hoje as construções do bairro encontram-se no limite do vale que o separa do centro da cidade. No entanto, constantemente retroescavadeiras abrem ruas para dar lugar às novas famílias que não cessam de chegar, apesar do fluxo já bem menos intenso que em outras épocas. Desta forma, o bairro foi e vai sendo ocupado por imigrantes de diferentes municípios do Rio Grande do Sul, que ainda vêm, como

<sup>60</sup> As escadas, construídas para facilitar o deslocamento dos transeuntes no terreno íngreme, são tomadas pelos moradores do bairro como indicadoras de uma distinção simbólica entre os indivíduos que chegaram primeiro e ocuparam a “parte de cima” e os que chegaram depois e ocuparam os terrenos abaixo das escadarias: a “parte de baixo”. Estes moradores são todos trabalhadores que num período de trinta anos vêm imigrando. Esta representação me remeteu a Elias (2000), que observa a separação entre estabelecidos e outsiders sendo reproduzida em escala menor dentro do próprio bairro, imitando a relação de poder que vivem em escala maior frente ao grupo de naturais da cidade.



emprego na cidade era a oportunidade de seguir a vida sem depender do pequeno lote familiar, além de significar, para ele, também a possibilidade de estudar.<sup>61</sup> Nos primeiros tempos morou em casa de parentes, no centro da cidade. Depois, começou a “ganhar bem”, casou e veio morar no bairro.

Isabel, outra moradora do Primeiro de Maio, lembra que antes de vir morar em Farroupilha, ela já trabalhava numa fábrica daqui. “A firma mandava um ônibus até lá que trazia a gente no início do turno e quando largava nos levava de volta. Até que cansei e resolvi me mudar de vez para cá”. Isabel morava, então “na Feliz” \*, cidade a cerca de 30 quilômetros de Farroupilha. Nessa época os moradores das cidades próximas, de colonização alemã, foram recrutados para trabalharem nas empresas farroupilhenses. Assim como Isabel, muitos de seus companheiros de ônibus e de trabalho estão agora fazendo parte da população deste bairro.

O crescimento industrial possibilitado pela conjuntura econômica do país na década de 80 levou à necessidade cada vez maior de mão-de-obra. Às primeiras medidas paliativas – como a de transportar os operários de cidades próximas -, são logo somadas outras mais incisivas, como loteamentos operários que tratassem não só de atrair como também de fixar os trabalhadores de outras regiões do estado em Farroupilha. Matérias de jornais locais e da capital veiculam matérias divulgando, além das oportunidades de trabalho na cidade, as facilidades que podem encontrar para se estabelecerem:

*FARROUPILHA AJUDA AOS OPERÁRIOS NA REALIZAÇÃO DO SONHO DA CASA PRÓPRIA”(...) “a aceitação esteve acima de todas as expectativas e o número de pessoas que se dirigiu a Farroupilha para comprar os lotes foi muito grande”... (Pioneiro,26/08/1978.)*

Mario Gardelin, em matéria no Jornal Folha da Tarde, escreve sobre Farroupilha:

---

<sup>61</sup> Os primeiros operários a atender a demanda das fábricas de Farroupilha provieram do meio rural da própria região. Os colonos, descendentes de imigrantes italianos, empobrecidos devido ao fracionamento dos lotes entre herdeiros da terceira geração viram-se impelidos a procurar emprego fora da agricultura. Desta forma muitos agricultores tornaram-se operários. (HERÉDIA,1977) Às vezes, o trabalho assalariado das fábricas encontrou-se associado ao trabalho agrário nas pequenas propriedades. Seyferth (1993) refere-se a esses sujeitos que conjugam as duas atividades ao mesmo tempo como forma de complementar a renda familiar chamando-os “colonos operários.”

\*Os habitantes da região para não trazer a cacofonia do “em Feliz” soando na linguagem coloquial como infeliz falam “na Feliz”.



*... foi inaugurado mais um bairro, composto de trabalhadores e que constitui uma das experiências mais bem sucedidas. O governo municipal comprou algumas colônias, loteou-as e vendeu-as aos operários radicados na cidade com, pelo menos dois anos de residência. Ao todo são 900 lotes.”... (Folha da Tarde 14/12/1979)*

Procurando entender como tanta gente que vivia pelo interior de cidades do Rio Grande do Sul, sem acesso a comunicações, ficava sabendo destes empregos oferecidos em Farroupilha, cheguei a um personagem criado pela necessidade dos empresários locais. Necessitando dar conta do crescimento de seus empreendimentos, os empresários daqui enviavam alguém que propagandeava e recrutava trabalhadores nas cidades onde sabiam da carência de empregos. Muitos imigrantes lembram que esses aliciadores <sup>62</sup> chegavam de caminhão com megafone, soltando panfletos, convidando para trabalhar nas indústrias daqui. Posteriormente, também costumavam, através da informação de operários já instalados em Farroupilha, bater diretamente nas casas das famílias oferecendo trabalho. Há relatos ainda de que algumas empresas ofereciam bônus a todo o operário que indicasse outro para trabalhar. Como conta D. Lourdes: “Meu marido começou na empresa e em seguida me indicou pra trabalhar lá. E assim a gente mais que dobrou nosso salário. Além do meu salário ele ganhou o bônus que tinha pra quem levasse outro funcionário.” (D. Lourdes, natural de Planalto, mora em Farroupilha desde 1979.)

Quanto à figura do recrutador, tentei inutilmente encontrar alguém que tivesse exercido essa atividade. Esta figura parece inatingível. Não deixou nome, nem mesmo pistas concretas para que testemunhe esta prática tão comum na memória dos imigrantes. Ao interpelar os novos imigrantes que se referiram a este personagem sobre onde poderia encontrá-lo hoje, ninguém soube me fornecer informações.

---

<sup>62</sup> Este agente é muito similar ao encontrado na descrição de Leite Lopes em “A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés”, o qual é denominado também “aliciador” ou “recrutador”. (LOPES, 1978)

### 2.3. “COLOCAR CASA”

Há vinte e sete anos atrás, Tânia, ainda adolescente, veio “parar aqui” com os pais e seis irmãos. Foi através de um homem – o propagandista de empresas -, que chegou à cidade de São Gabriel (na metade sul do Rio Grande do Sul) para oferecer emprego aos operários de um frigorífico que acabava de ser fechado. Queriam operários com experiência para trabalhar em um frigorífico de Farroupilha. Ela lembra que ele tinha uma lista dos funcionários que tinham “ficado na rua” e assim bateu de porta em porta. “Viemos todos juntos, nós e mais uma outra família... e todas as coisas das mudanças. (risos) Tudo em cima do caminhão, esses de carregar bois, sabe? Chegamos e fomos direto para uma casa que ficava na mesma rua do frigorífico. Era ‘casa da firma’. Eles descontavam o aluguel no salário”. Assim, muitos imigrantes, antes de estabelecerem-se neste bairro, moraram naquilo que referem como uma “casa da firma”. Outra maneira de abrigar os novos imigrantes quando chegavam era colocá-los a morar nos porões das típicas casas italianas. Como Laura, também imigrante, que veio com o marido e dois filhos pequenos para um desses porões. “Eu e meu marido viemos com as crianças, as duas ainda de colo. Tinha uma só porta, e janela, só no quarto... as nossas coisas empilhadas. Com a umidade daqui, tu imaginas o horror! Eu me sentia como um rato” As narrativas evidenciam a precariedade, a pobreza e a necessidade urgente que sentiam frente a uma perspectiva de poderem mudar para um lugar que acenava com a possibilidade de melhores condições de vida.

A necessidade de mão de obra para dar continuidade aos projetos econômicos implementados pelos empresários e pelo poder público ocasionou um crescimento demográfico vertiginoso. Este fato direciona as preocupações dos responsáveis pela administração da cidade no sentido de oferecer aos recém-chegados as condições de moradia. Assim, a exemplo do que ocorreu no processo de industrialização em outras cidades brasileiras (ver Blay,1985), algumas empresas perceberam que os terrenos próximos às fábricas podiam levar a bons lucros imobiliários e se apropriaram de vastas áreas contíguas para posteriormente loteá-las.

O loteamento Anavila – hoje bairro Primeiro de Maio -, foi uma dessas iniciativas. Alguns empresários compraram as terras ainda consideradas rurais, ou

coloniais, e lotearam-nas. O poder público municipal correu com toda a infraestrutura dotando o bairro de água, luz, pavimentação e iluminação pública. Entretanto, a iniciativa privada, não conseguindo dar continuidade ao projeto, vendeu-o à Prefeitura Municipal de Farroupilha quando, conta um funcionário da Secretaria de Habitação, então foi renomeado Bairro Primeiro de Maio, para “homenagear e caracterizar seus futuros moradores: os trabalhadores”.

Para tanto, os interessados em adquirir um lote no bairro deveriam inscrever-se na Prefeitura mediante apresentação de comprovante de residência e de trabalho em Farroupilha. A partir daí passavam a concorrer por sorteio a um lote. Lourdes, uma moradora do bairro, conta que foi sorteada logo em seguida de sua inscrição. Ela e o marido haviam chegado de Alpestre fazia três anos e lembra a felicidade deles quando surgiu a oportunidade de adquirir um terreno no Primeiro de Maio. “Era realmente muito barato” diz ela acrescentando que um dia de trabalho seu na malharia em que estava na época empregada, pagava a prestação do terreno. Houve também aqueles que sorteados com um terreno, passaram-no adiante mesmo sem a possibilidade de oficializar a venda. Nei comprou o lote de um sujeito que havia sido sorteado, mas que não tinha a intenção de se mudar para o Primeiro de Maio. Ele pagou três vezes o valor real do terreno e só dez anos depois conseguiu, com ajuda de funcionários da prefeitura, passar o terreno para o seu nome.

Após o contato com o recrutador, com emprego garantido e de posse de um terreno, alguns imigrantes traziam, além da mudança, a própria casa, inteira, que era transportada em cima de um caminhão. Um destes relatos é o de D. Verônica, que levanta da mesa da cozinha onde estamos conversando para me mostrar a emenda que aparece no chalé de madeira.

*Este chalé veio em cima de um caminhão por uma dessas estreitas estradas de colônia. De repente a vegetação foi ficando cada vez mais densa. A todo o momento tinham que descer do caminhão e afastar os galhos das árvores. Passou a ficar perigoso... tinha hora que os galhos arranhava a casa, tinha vez que a casa quebrava os galhos, até que ficou realmente impossível de continuar. O jeito foi descer o chalé do caminhão. Menina, fiquei como louca, afinal era a minha casa! Serraram o chalé ao meio. Tu acredita? Passou metade da casa, e depois a outra metade. Até a estrada ficar larga de novo. (D. Verônica, natural de Santo Ângelo, mora em Farroupilha desde 1977.)*

Hoje, estão lá as marcas da emenda, que D. Verônica ostenta para testemunhar a trajetória da família em direção a Farroupilha. Um dia ela me mostrou uma imagem veiculada em um jornal do estado para me ilustrar como foi o transporte da sua casa dizendo “Olha, foi que nem nestas fotos do jornal!”

FIGURA 9 – IMAGENS DE UMA CASA SENDO TRANSPORTADA POR CAMINHÃO



Fonte: Zero Hora on line, 11 de janeiro de 2008.

O grande momento da aquisição do terreno, da construção da casa própria, é sempre relatado com um misto de alegria e orgulho, demonstrando o ganho econômico e simbólico dessa conquista. Para os assalariados que antes tinham de pagar aluguel ou que tinham sua moradia atrelada ao emprego – “a casa da firma” -, a casa própria representa além da segurança de ter um teto e a autonomia em relação ao emprego, a certeza de estar fixado em um lugar. É exatamente o que diz D. Maria, a moradora de uma das ruas mais antigas do bairro: “A gente vivia rolando, rolando... Desde que eu tenho minha casa, meu canto, agora que tenho casa, tenho uma certeza: daqui não saio mais. Aonde mais vou conseguir uma casa?”

Assim, diante dessa oportunidade, o bairro, segundo dizem, foi “enchendo”. “Um vinha, comprava o lote, fazia a casa. Aí trazia o pai, o tio, os irmãos. Tudo no mesmo terreno. Ficou esse entulho.” Assim como D. Maria, muitos moradores do bairro se referem ao lugar como um “amontoado de casas”, devido ao aproveitamento de um só terreno para várias construções. É também o caso de Nélide, que veio há quatro anos para cá. Ela trouxe seu chalé de Sobradinho, porém este, diferentemente

do chalé de D. Vera, veio desmontado, conta ela. Quando demonstro admiração pelo fato de desmontar, montar e remontar uma casa inteira ela parece acostumada com isso e retruca com um gesto de descaso: “É que nem montar e desmontar guarda-roupa, gurria!” Este chalé foi então montado num canto do terreno da família da esposa do filho, onde já havia duas casas construídas. “Se não der certo”, ela diz, “pego minha casa e vou para outro lugar.” Compreendi que a casa, para muitos dos moradores do bairro, tem um significado muito dinâmico quanto a sua instalação. Na verdade a casa, para eles, está associada a uma idéia de “móvel”, diferente do que casa para mim representava até então, um “imóvel”. A casa é deles, mas o terreno, muitas vezes não lhe pertence. As suas casas lhes acompanham. Por isso é comum ouvir a expressão “colocar casa”. Isto pode estar relacionado à escassez de casas para alugar, e também explica uma outra coisa que me era incomum, ver placas de “aluga-se” em terrenos vazios.

#### **2.4. MIGRAR EM BUSCA DO TRABALHO E REORGANIZAR A VIDA FAMILIAR**

A abundante oferta de empregos decorrente do grande crescimento industrial tornou Farroupilha um pólo de atração de mão-de-obra. Muitas pessoas deixaram suas cidades de origem para, com a possibilidade de trabalho, aqui “melhorar de vida”. Este foi o motivo primeiro expresso pelos novos imigrantes para que hoje estejam aqui. Por isso, a população do Primeiro de Maio é constituída quase que exclusivamente por trabalhadores das indústrias de Farroupilha e também de outras cidades da região.

Entrelaçadas à motivação principal do trabalho, aparecem várias outras razões, mencionadas pelos novos imigrantes, que provocavam o deslocamento deles em direção a Farroupilha. Como, por exemplo, a migração de toda a família. Com os novos imigrantes vieram os filhos ainda pequenos que no momento da imigração acompanharam os pais. Os pais, idosos, que vieram de suas cidades de origem depois, ao se aposentarem. Com D. Aquilina, 70 anos, aconteceu o seguinte: morava em Planalto com o marido até o ano passado quando ficou viúva. Um dos filhos que havia

migrado para cá, na década de 80, resolveu trazê-la para morar com ele. Celso é outro imigrante que conta um caso semelhante: ele trabalha numa grande fábrica de calçados, desde que migrou para cá em 1990. Mês passado, resolveu trazer seus pais que ainda moravam em Lagoa Vermelha. Eles “estão bem doentes e estando aqui junto comigo, consigo dar mais assistência.” Mas também ouvi outros relatos em que o motivo de terem vindo para cá foi o de acompanharem seus noivos ou namorados. O motor que põe em movimento esses fluxos, no entanto, é a oferta de trabalho, sem dúvidas.

Hoje, são oito, dez ou quinze mil pessoas só no Bairro Primeiro de Maio, não sabemos! Ao certo é que saíram de Planalto, Alpestre, Ronda Alta, Nonoai - região norte do Rio Grande do Sul. Ou também, de São Borja, Santo Ângelo - região missioneira. Ou de Bagé, São Gabriel, Santana do Livramento - região da Campanha. Há 32, 21, 5 anos atrás. Outros, a todo o momento ainda estão chegando. De caminhão, de ônibus ou de carona. Atrás de uma “nova vida”, uma “vida melhor”.<sup>63</sup>

Adail – um homem de meia idade, moreno, com as mãos calejadas -, lembra como era difícil a vida como trabalhador rural.

*Lá eu trabalhava no campo. Ih! Isso eu nunca esqueço. Que vida! (balança a cabeça baixa) Aqueles campos sem fim... e eu, ainda guri, é que juntava os terneiros. Quando chovia tinha que ir igual. Botava um agasalho por cima e mesmo saía assim, campo afora. (Adail, natural de Vacaria, mora em Farroupilha desde 1982)*

Hoje, ele é operário numa fábrica de embalagens, trabalha de segunda a sábado. O conforto de trabalhar abrigado das intempéries do clima e a certeza do salário no fim do mês lhe faz considerar o quanto sua vida mudou para melhor.

Laura também provém de uma região rural, e conta que lá

*trabalhava em terra arrendada. Aquela trabalhadeira toda de virar a terra, plantar e depois...rezar! Sim, porque vai saber se o tempo vai ajudar. E se vem uma seca. E se chove demais! Na hora de colher – se é que deu alguma coisa -, ainda tinha que dividir com o dono da terra. Aqui não. Trabalho todo o santo dia, é verdade, mas no final do mês recebo meu dinheirinho. Não preciso*

---

<sup>63</sup> Para melhor visualização deste fluxo migratório em direção à cidade de Farroupilha, consultar o mapa no anexo deste trabalho.

*dividir com o patrão. O que eu ganho é todo meu. Ah, isso é outra coisa. (Laura, natural de Planalto, mora em Farroupilha desde 1984.)*

Tanto trabalhadores rurais como trabalhadores urbanos referem vantagens em terem trocado suas atividades anteriores pelo trabalho nas fábricas em Farroupilha. Cláudio é bem jovem, ainda não tem 30 anos. Morador do bairro, há 5 anos veio de São Borja, reflete sobre as diferenças nos modelos econômicos de sua região em relação à Farroupilha para justificar as razões que o levaram a deixar a cidade de origem.

*São Borja me chama atenção, tem 300 e poucos anos. Não tem uma fábrica (diz mais acentuada e pausadamente enquanto balança a mão com o indicador em riste) e as que têm, fecha. Soja e arroz. E aí é uma loteria. Quando não faz sol, chove. E, até tava um dia me questionando do que viviam em São Borja, então? Vive da pecuária, agricultura, claro que tem comércio, mas tudo depende da agricultura. Aqui não. Aqui pra Serra tem fábrica metal-mecânica, vive da agricultura vive de tudo. Então... é, São Borja é bom, bah! É uma cidade eu gosto. Achei que eu nunca que ia sair de lá. Mas é que trabalhar por dia eles pagam 10,15 real aqui, pagar por dia, não é menos de 40. (Cláudio, natural de São Borja, mora em Farroupilha desde 2002.)*

Poucas vezes ouvi entre os novos imigrantes, moradores do bairro queixas ou reclamações sobre suas condições de trabalho. Muito pelo contrário, as medidas adotadas pelas empresas de oferecerem premiações, bônus e outras iniciativas em relação à valorização do melhor operário parecem ser bem-vindas pelos trabalhadores. Glória trabalha em Farroupilha desde os 16 anos. Sempre esteve satisfeita com seu emprego numa grande empresa de serigrafia, pois lá eles fazem um concurso e elege o melhor funcionário do mês. Ela relata que aquele “que mais se dedica, produz mais, não bota atestado, não chega atrasado, faz hora-extra, ganha um bônus de 50 reais. É uma maravilha! É só tu te esforçar tu ganha mais um pouco.” Os relatos sobre o trabalho são na sua grande maioria positivos. No entanto, alguns expressam o quanto se sentem explorados pelas empresas que com suas iniciativas de valorizar o trabalhador, na verdade, estão somente interessadas na otimização de sua produção.

Porém, entre as conversas que presenciei e nas entrevistas realizadas com os operários do bairro pude constatar muito mais relatos de apreciação positiva do que negativa.<sup>64</sup>

Na avaliação mais ampla que os novos imigrantes fazem de suas vidas o fato de haver sempre demanda de trabalho é de grande importância para que eles justifiquem a partir daí a própria imigração. “Valeu a pena a gente ter saído de lá, aqui nunca faltou emprego para mim nem para ninguém da família.” (Laura, natural de Alpestre, mora em Farroupilha desde 1983.) Diversas vezes, ao gravar uma entrevista em que discorriam sobre suas vidas em Farroupilha, notei que o relato se construía sobre uma linha que seguia os diferentes locais de trabalhos. A trajetória da família me era contada, desde o momento da decisão de migrar até hoje, sob a perspectiva de seus empregos. O trabalho, portanto, parece ter sido não só o motivo fundamental pelo qual a maioria das pessoas deixou suas cidades de origem em direção a Farroupilha, como também é o motivo de ainda permanecerem aqui.

Um dia, me chamou atenção o fato de uma senhora que repetiu várias vezes a minha pergunta antes de respondê-la. Parecia enquanto isso estar procurando pelas palavras certas: “Se eu gosto daqui? Se eu gosto daqui? Hummm... (torce o nariz) Tenho que gostar! É aqui que tem trabalho”.

## **2.5. O “SISTEMA DAQUI”: reflexões sobre a vida no bairro operário e os valores morais.**

A mudança dos novos imigrantes que vieram para cá foi, portanto, motivada pela oferta de trabalho existente em Farroupilha.<sup>65</sup> Esta oportunidade representava o acesso a uma “vida melhor”. Para eles, uma “vida melhor” consiste em ter um bom

---

<sup>64</sup> Lopes (1988) explica esta visão positiva que os operários têm para com suas extensas jornadas de trabalho fabril como o “fetiche do salário”. Em sua pesquisa entre operários do açúcar encontra o que ele chama de “consolo” dos trabalhadores frente a um salário regular. Segundo o autor este conformismo se dá pela ameaça que o desemprego representa, o que imobiliza os operários. Herédia (1997), constata que para os camponeses que migraram para as cidades o assalariamento fabril representa “uma certa garantia por não oscilar como o trabalho agrícola, devido às perdas de safras, clima e intempéries.” (HERÉDIA,1997,166) Todos estes elementos podem ser relacionados aos trabalhadores de Farroupilha que ao compararem suas atividades de trabalho anteriores tendem a valorizar as atuais ao mesmo tempo em que tentam preservá-las.

<sup>65</sup> Para Sayad (1998) é o trabalho que faz “nascer” o imigrante, toda a imigração esta relacionada a trabalho. A imigração, segundo o autor, assim sendo, tem o deslocamento direcionado dos locais mais pobres, com menos possibilidade de empregos para os mais ricos que acenam com esta oferta.



salário para adquirir bens - que vão desde a televisão até a casa própria -, e para investir no futuro dos filhos, proporcionando-lhes uma boa formação escolar e profissional. Os novos imigrantes, que aqui chegaram há mais tempo – este ciclo de imigração começou há cerca de trinta anos -, lembram que a oferta de empregos e o nível dos salários já foram muito melhores. Todos se referem “aos bons tempos” quando uma grande empresa de calçados de Farroupilha empregava mais de seis mil operários e hoje mantém aqui, somente sua parte administrativa, com cerca de novecentos funcionários. No entanto, não esquecem que nas suas cidades de origem não há trabalho e por isso, Farroupilha continua sendo a melhor alternativa para viverem.

Se por um lado encontram satisfação em estarem empregados, às vezes “até ganhando bem”, por outro lado, queixam-se constantemente do quanto é difícil viver no “sistema daqui”. Alguns dos novos imigrantes não conseguem verbalizar o que acontece, dizendo evasivamente: “Eu não pensava que aqui fosse ser assim... Tão diferente” ou “...Não sei ... Não consigo explicar... mas, é diferente de lá”. Outros apontam claramente as diferenças encontradas que dificultam o relacionamento com as pessoas deste lugar. Frequentemente reclamam que os “italianos” são muito fechados, e dessa forma não conseguem criar círculos de amizades. A vida que levavam “lá” não encontra condições de ser reproduzida aqui.

Lourdes, moradora do bairro, está em Farroupilha há 17 anos e até hoje não se acostumou com “este ritmo”, desabafa: “Eu estranho o povo, eu estranho até hoje. Eu realmente estranho muito. Eu acho assim o povo é muito frio, o italiano, sabe?”

Ao me contarem as trajetórias da imigração, percebo através da construção das suas narrativas que a ruptura, em relação à vida deixada para trás, acontece quando tentam estabelecer novos vínculos, ou seja, ao chegarem em Farroupilha. As dificuldades que viviam antes de imigrarem, ou o momento da partida ou mesmo a viagem, tantas vezes precária, são contadas como histórias pitorescas, ou em tom de grande aventura. No entanto, a tentativa de inserção, mais cedo ou mais tarde, é para muitos, quase traumática. <sup>66</sup> Uma história relatada por uma imigrante me parece

---

<sup>66</sup> Esses relatos me levaram a pensar a ruptura vivida pelos imigrantes como um desenraizamento que aparece no “desencontro do ser naquilo que lhe é dado tradicionalmente como substancial para pertencer a um grupo social.” (CAVALCANTI,2002,144)

emblemática por fornecer elementos claros para que se tenha uma noção do que podem estar querendo dizer esses recém chegados, quando se referem às dificuldades encontradas para relacionarem-se com os moradores mais antigos de Farroupilha, os descendentes de imigrantes italianos. D. Verônica, hoje moradora do Primeiro de Maio, há 30 anos atrás veio para cá com o marido e dois filhos pequenos. Alugaram uma casa no centro da cidade, lembra seu primeiro dia aqui:

*“Meu marido saiu para trabalhar, eu havia chegado no dia anterior. Me vi sozinha com as duas crianças e um aperto no peito. Fui até a janela. Vi que no jardim da casa da frente estava uma senhora a arrumar os canteiros. Rapidinho fiz um chimarrão. Atravessei a rua e me apresentei. Falei pra ela que estava chegando de mudança, e lhe ofereci um chimarrão.<sup>67</sup> Assim, como um agrado para ir fazendo conhecidos. Sabe o que ela me disse? Aqui não se toma chimarrão. Aqui se trabalha. Voltei para dentro de casa. Foi um choque.”* (D. Verônica, natural de Santo Ângelo, mora em Farroupilha desde 1977)

D. Verônica retraiu-se face à recepção obtida. Ela lembra que voltou para casa ainda mais triste, porque se sentiu ainda mais só. Ela me explica que também tinha, naquele momento, além de expectativas, muitos afazeres domésticos, pois acabara de se mudar. O chimarrão era uma tentativa de se aproximar dos novos vizinhos, de criar um laço de amizade, começar a se sentir mais ambientada na cidade, o que na visão dela teria proporcionado, quem sabe, até mais ânimo para o trabalhoso dia que a esperava. Depois de um longo silêncio, comenta: “Que gente fechada. Fechada, não: lacrada!”<sup>68</sup>

<sup>67</sup> Não poucas vezes se repetem expressões entre os descendentes de imigrantes italianos naturais de Farroupilha, discriminando o chimarrão. Associam-no a momentos de “conversa-mole”, de “ócio” em contraposição ao trabalho. Um grande empresário da cidade confessou em entrevista concedida a mim que prefere funcionários de origem italiana em suas empresas porque “os italianos são certamente mais trabalhadores.(...) Os ‘brasileiros’... estes estão mais pro chimarrão.” (Avelino, descendente de imigrante italiano, natural de Farroupilha) Já entre os “italianos” de Santa Maria, Zanini (2006) encontrou uma positividade e assimilação do hábito do chimarrão por parte dos descendentes de imigrantes italianos.

<sup>68</sup> A interação entre as duas senhoras induziu-me a analisá-la como uma cena a ser compreendida com o auxílio do modelo de Goffman (2005). O autor sugere que se tome o lugar da ação como um palco onde se espera que os atores desenvolvam um script – texto - a partir de um padrão de ação pré-estabelecido e já conhecido e utilizado anteriormente. Observando os sujeitos em interação em meu campo de pesquisa constato que as ações pré-estabelecidas gerenciadas pelos indivíduos dos diferentes grupos não encontram, muitas vezes, equivalência. A diferença nos significados das práticas acionadas nos diferentes grupos dificulta o diálogo e chega a provocar constrangimentos entre os atores. O texto trazido na bagagem dos recém chegados em muitos aspectos não corresponde aos elementos valorizados pelos “estabelecidos” para a interação. Desta forma “os participantes se descobrem envolvidos numa interação para a qual a situação (...) não está mais definida. (GOFFMAN, 2005,21)

Muitas são as experiências iniciais que levam os recém chegados a estranharem as maneiras como as interações pessoais acontecem por aqui. Um dia reencontrando César na entrada da Escola, pai de uma funcionária do posto de saúde, nos cumprimentamos com um caloroso aperto de mão. Isto lhe pareceu um tanto inusitado e ele foi logo comentando “Eu, eu sou da fronteira. Quando cheguei, lugar pequeno, ia logo cumprimentando todo mundo que passava na rua. Mas bah! Me olhavam como se eu fosse d’outro mundo. Uma coisa de louco. Gente de pouca conversa, esta. Quando eu conto essas coisas pro meu pessoal, lá em Quaraí, eles nem acreditam, acham que to contando causo”. César é um senhor grisalho, de fartos bigodes, que sempre é muito amável em suas conversas comigo. Olha bem nos olhos enquanto fala descansadamente carregando no característico sotaque da fronteira (com o Uruguai). Ao final se despede estendendo a mão enquanto fala: “Como é bom encontrar pessoas daquelas bandas pra um bom e forte aperto de mão!”<sup>69</sup>

### **2.5.1. Preconceito**

A “diferença” é observada antes mesmo de qualquer contato interativo. O aspecto físico dos novos imigrantes, percebidos pelos descendentes de imigrantes italiano, como a cor da pele e dos cabelos, são os primeiros indicativos para considerar os indivíduos como não pertencentes ao lugar, os “de fora”.

Marcelo, filho de novos imigrantes, nasceu em Farroupilha, tem 24 anos. Seus pais vieram de Lagoa Vermelha há cerca de 30 anos atrás. Ele, que já trabalhou em muitos lugares, hoje é balconista em um estabelecimento comercial no centro da cidade. é um local muito freqüentado por pessoas de idade avançada e que gostam muito de conversar. Apesar de o imaginário das pessoas da cidade ter como tipo “italiano” somente as pessoas loiras de pele muito clara, Marcelo pensa que apesar de sua pele morena, ele até pode parecer-se com um “italiano”. Conta que os velhinhos que procuram o serviço onde trabalha sempre se estendem puxando conversa com ele

---

<sup>69</sup> Nesse momento comecei, então, a me perguntar: Como que este senhor diz que é bom me encontrar por me considerar “de fora”, uma vez que todos os moradores do bairro Primeiro de Maio se dizem “de fora”. A quem estarão dirigindo, então, seus estranhamentos? Estas questões estarão contempladas no decorrer do texto.

- que é extremamente simpático. Ele diz que “muitas vezes até parece que já estou amigo deles. Até que resolvem perguntar pelo meu sobrenome, saber da minha família, aí a coisa muda. Quando escutam os dois sobrenomes de origem portuguesa alguma coisa se desfaz. È fatal! A conversa nunca mais é a mesma.”

O sobrenome, muitas vezes, nem precisa ser conhecido para que as diferenças sejam acionadas frente aos que chegam “de fora”. A cor da pele também distancia as pessoas “daqui” e “de fora” como conta Cláudio, outro morador do bairro: “Por exemplo, um cara meio assim” diz apontando para o próprio antebraço indicando a sua pele morena. “pra eles já é preto. Eles já ficam assim...(fala virando o rosto de lado para expressar distanciamento) Já não se misturam”. A esposa de Cláudio que se encontra participando desta conversa comenta: “Tu sabe, quando eu cheguei aqui, há seis anos atrás, acreditei que tudo que é “gringa” era loira! ( ri ) Depois que vi que são loira de farmácia.” Gilda se referia às mulheres – uma grande maioria – que tendo cabelos escuros pintam-nos de loiro para “assim não ter o perigo de serem confundidas com as de fora”. Nesse momento desencosta do sofá onde está sentada e inclina-se em minha direção para num tom de denúncia me contar:

*Eles são bastante preconceituosos! Querem assim ... Tu sentes o preconceito de cor, afinal somos bem morenas. [Ela se referia a ela própria e a mim] Aqui mesmo, no bairro, tem colegas que, não que eu me ofenda, mas eu acho que não precisa tu falar. Tu sente! Tem colegas que que um dia desses disseram... eu fiquei...assim, de boca aberta! Tem uma área verde logo ali, sabe? Pois é, estávamos passando por ali e ela brincou: “a área não é mais verde. Agora ta preta.” Ai fiquei, né. Aí a Ana perguntou preta porque? Sim tu não viu agora preteou, agora tem um pessoal que – sabe esses nordestinos, esses que vendem coisas na rua, sabe? – eles compraram aquele pedaço. E são bem morenos, não são pretos. Então é. Eles são bem preconceituosos. (Gilda, natural de São Borja, mora em Farroupilha desde 2001.)*

Os novos imigrantes, quando chegam a Farroupilha, passam a ser considerados “pretos”. Isto parece incomodá-los bastante. Sou inclinada a pensar que o fato de se sentirem tão contrariados com essa identificação de cor se deve, primeiro por que pensam que esta característica não corresponde a uma realidade, uma vez que não se consideram negros. Até chegarem a Farroupilha esta não era uma identificação conhecida por eles. É no momento do contato com o grupo estabelecido -

relativamente mais branco que eles -, que são chamados a responder a uma identidade de cor. ‘Pretos’ tornam-se aqui, no contato com o grupo estabelecido, contrastivamente composto por indivíduos mais brancos que eles. Trata-se de uma designação exterior que não corresponde à auto-imagem que manearam até então. Segundo porque eles próprios, os novos imigrantes, carregam o preconceito para com as pessoas de cor negra e por isso não querem ser classificados como tal. Ou seja, não querem ser identificados com aquele ao qual atribuem menor valor. Isso sem falar na questão de que, para os indivíduos da italianidade, “preto” não é sinônimo de negro. “Preto” para os descendentes de italianos – como já foi salientado anteriormente - são todas aquelas pessoas que não possuem as características biotípicas marcadoras da diferença pelas quais se reconhecem: loiros, pele e olhos claros.

Um dia, passeando pelo bairro com as agentes de saúde do Posto, passou por nós um grupo de crianças de cerca de 10 anos de idade. Em volta dos meninos um cachorrinho latindo os acompanhava. Era um cachorro pequeno, preto, um vira-lata. Quando cruzamos por eles, o cachorrinho fez meia volta e passou a nos seguir. Um dos meninos se voltou e entre assobios gritou para o cão, “vem, vem gringo”! Rimos muito do nome do cachorro. Uma das agentes comenta que “isso é o *troco pros ‘gringo’* que ficam chamando a gente de preto.”<sup>70</sup> A outra agente me explicou que

*para os ‘italianos’ todas as pessoas não-loiras, são ‘pretas’. Os negros que são negro mesmo, esses são chamados de ‘morenos’. Parece que eles têm assim, tipo um medo de chamar alguém de negro. Aqui quando tu diz que alguém é negro fica um mal-estar.*(Neide, natural de Horizontina, mora em Farroupilha desde 1980.)

Muitas vezes, os novos imigrantes reagem ao preconceito com comentários ríspidos, não se atendo somente a brincadeiras e tornando-se bem mais incisivos. Uma tarde, enquanto fazia crochê com um grupo de senhoras, uma delas, uma morena de expressões faciais fortes, solta o trabalho manual no colo e literalmente explode: “Mas menina, gringo é gente braba, aliás, não é gente. Não dá pra baixar a cabeça pra

---

<sup>70</sup> Esta brincadeira das crianças, seguida do comentário de uma nova imigrante, parece apontar para aquilo a que Elias se refere como retaliação do grupo estigmatizado. Quando este cria situações para retribuir, com termos equivalentes, a estigmatização ao grupo estabelecido. Como salienta o mesmo autor, estas expressões não significam nada, não têm o poder de ferir o grupo dominante, no entanto, revelam um certo questionamento do equilíbrio de poder. (ELIAS,2000,16)

eles que tu acaba levando. Meus filhos têm pai gringo, meu marido, e todos eles me chamam de preta. Repetem o que ele diz. Não pensa que é fácil agüentar!”

A discriminação sofrida pelos novos imigrantes começa já num primeiro contato que é o visual, ou seja, basta que tenham a pele morena ou o cabelo escuro, para serem identificados como um “de fora”. Pelo que me indicam alguns relatos, este preconceito já foi maior ou pelo menos mais explícito do que é hoje. Altair é natural de Vacaria, mora e trabalha no bairro desde 1985. Foi operário por muitos anos, hoje é autônomo. Ele tem a pele num tom de moreno bem escuro, os olhos opacos e uma boca grande que de vez em quando se abre pela metade, em sorrisos sarcásticos. Um dia ao ver-me conversando com uma mulher aproximou-se e em tom quase de cochicho me revelou: “O que tem muito aqui é racismo. Sinto não ter processado as empresas onde trabalhei. Os italianos excluem os outros só porque se tem a pele um pouco escura. Passei poucas e boas nos empregos que tive, mas na época não se falava em preconceito racial, parecia que era normal. É horrível, a gente vai ficando cada vez mais pra baixo, sem perceber porquê.” (Altair, natural de Vacaria, mora em Farroupilha desde 1976) <sup>71</sup>

A cor da pele é o primeiro sinal que os recém chegados pensam estar carregando para que os descendentes de imigração italiana de Farroupilha estabeleçam de imediato a diferença e a partir daí determinem uma certa distância entre eles. O sobrenome, posteriormente, vem auxiliar nesta demarcação da “origem”. <sup>72</sup>

---

<sup>71</sup> A etnicidade, segundo Hall (2003,70-71) “gera um discurso em que a diferença se funda sob características culturais e religiosas”. Entretanto, o autor ressalta que o racismo biológico também é utilizado para conotar diferenças sociais e culturais. O referente biológico aqui, entre os moradores de Farroupilha, aparece não de forma indireta ou deslocada pelo parentesco ou casamento endógeno, como sugere o autor. Mas diretamente funcionando como representação característica fixa e inerente ao grupo. Nas relações entre os “italianos” e os gaúchos recém chegados pude observar que a articulação da diferença utiliza-se francamente do biológico.

<sup>72</sup> É interessante aqui lembrar que “enquanto o percurso dos antropólogos foi o de desmistificar a noção de “raça” e desconstruir a de “etnia”, os membros de um grupo étnico encaminham-se, frequentemente, na direção oposta, reafirmando a sua unidade e situando as conexões com a origem em planos que não podem ser atravessados ou arbitrados pelos de fora.” (PACHECO DE OLIVEIRA,1998,s/p)

### 2.5.2. Trabalho

O significado do trabalho para os dois diferentes grupos em interação é o elemento mais lembrado no cotidiano desses indivíduos para se diferenciarem uns dos outros. Os novos imigrantes não conseguem compreender a centralidade que o trabalho ocupa na vida dos “italianos”. Chamou-me a atenção a maneira como os novos imigrantes se expressam para trazerem a imagem que têm do “italiano”. Eles repetem no mínimo três vezes para não deixar dúvida da ênfase que enxergam nisso. Por exemplo: “com eles é trabalho, trabalho, trabalho”. Costumam dizer que para os “gringos tudo é trabalho, só trabalho”.<sup>73</sup>

Assim, inclusive a falta de receptividade aos recém chegados, por parte dos naturais “daqui” é também, por muitos, explicada devido às atitudes dos “italianos” estarem todas marcadas pela única coisa que realmente lhes interessa: o trabalho. Assim, a falta de relacionamentos pessoais aparece como uma indisponibilidade de tempo para outras coisas, como o lazer, uma vez que “só pensam em trabalhar”. Marília tem um estabelecimento comercial no bairro e conhece bem os movimentos das pessoas em volta. Comenta um tanto irritada essa “mania de estarem sempre fazendo alguma coisa, sem nunca descansarem”:

---

<sup>73</sup> As práticas em relação ao trabalho, observadas pelos novos imigrantes nos descendentes de imigrantes italianos, são muito similares àquelas descritas por alguns autores (WEBER,2004m; SOUZA,1999; DAMATTA, 1986; OLIVEN,2001) como concepções presentes entre os indivíduos de culturas anglo-saxãs ou em comunidades protestantes. Os relatos dos novos imigrantes apontam para as singularidades desta região que assim se destaca da homogeneidade com que é tratado o cenário brasileiro – inclusive os novos imigrantes do Primeiro de Maio - no que diz respeito às representações do trabalho. Os brasileiros, herdeiros de um modelo escravagista, quando o trabalho não era considerado uma prática positiva, pois relacionado aos fazeres dos cativos, conservam ainda hoje, o despreço pelo trabalho. (KOWARICK,1987) Segundo Holanda (2005), para o brasileiro, “uma digna ociosidade sempre [lhes] pareceu mais excelente e até mais nobiliante (...) do que a luta insana pelo pão de cada dia.” (HOLANDA,1997,38) Os imigrantes italianos, pelo contrário, legaram uma relação positiva com o trabalho “considerando-o uma forma de dignificação e uma possibilidade de ascensão social.” (ZANINI,2006,49) Enquanto a construção da identidade de imigração italiana está indissociada da noção do trabalho como valor e ocupa o centro das ações desses indivíduos (MANFROI,1975; BATTISTEL,1983; ORO,1996; DEBONI,1981; MOCELLIN,1996; COSTA,1996), o grupo que está chegando, ao estranhar esse comportamento, revela os diferentes significados que atribuem ao trabalho. Para os novos imigrantes, tomar como centralidade de sua vida a dedicação ao trabalho é algo inconcebível e enigmático, ao mesmo tempo que sórdido e desprezível. É precisamente essa atitude observada entre os novos imigrantes que Weber (2000) aponta como sendo a visão do homem ainda não capitalista, ou tradicional quando em contato com o “espírito do capitalismo”.

*Eu fico vendo os vizinhos aqui da frente. Logo que almoçam é aquilo, onze e meia já tão almoçando, meio-dia a louça já ta lavada, já ta tudo limpinho. E final de semana lavam e areiam e lavam e areiam uma coisa assim, aaaaaai, (coloca as duas mãos na cabeça) chega a ser doentio. Tu não vê eles sentarem na frente de casa. Não sabem parar! Eu chego a ficar nervosa! (Marília, natural de Santa Maria, mora em Farroupilha desde 1982.)*

Os novos imigrantes estão freqüentemente criticando os “italianos” por passarem o tempo todo trabalhando. Assim, eles tecem comentários que adquirem vários tons, que vão desde a incredulidade até, algumas vezes, se tornarem anedóticos. Estes comentários são contados, repetidas vezes, entre eles, para rirem dos “gringos”. Flávia e Neiva são funcionárias públicas e contam que têm “uma colega de trabalho, uma gringa, bem branca, que agora, chegando o verão quer tomar um sol para ficar um pouco bronzeada. Vai para a praia, a família tem casa em Arroio do Sal. Sabe o que ela faz para se bronzear? Apara a grama! Uma mulher que tem até casa na praia! Será que precisa?”, se perguntam.

“Melhor exemplo é o do meu ex-chefe” interfere Lucia, uma dona-de-casa. “Um gringo, pequeno empresário, natural de Farroupilha. Juntou muito dinheiro e foi embora para o nordeste. Dizia que chegando lá ia abrir um restaurante na beira da praia. Só pra servir almoço. Depois ia passar o resto do dia deitado numa rede descansando e olhando o mar. Sabe no que deu? Ele hoje, além do restaurante, tem um aviário que abastece a tal galeteria. Trabalha dia e noite. Não adianta! Essa gente não nasceu pra aproveitar!” Conta ela mostrando intolerância com a trajetória do ex-chefe.<sup>74</sup>

Os novos imigrantes falam que o pessoal “daqui” nunca está empregado num lugar só. Eles sempre arranjam mais um turno de trabalho e assim se ocupam inclusive nos finais de semana. As observações são feitas de maneira a demonstrar a

---

<sup>74</sup> As diferentes representações que esses sujeitos referem em relação ao trabalho remetem às idéias desenvolvidas por Weber (2004m); Holanda (1997); DaMatta (1979), quando analisam comparativamente sociedades pré-capitalistas ou tradicionais com sociedades capitalistas ou modernas. Os comportamentos dos sujeitos pertencentes às sociedades tradicionais são similares aos comportamentos observados nos novos imigrantes, que se acham motivados a trabalhar menos do que a ganhar mais. Já os descendentes de imigrantes italianos são vistos pelos recém chegados da mesma maneira como são vistos pelos autores os membros de sociedades modernas, ou seja, vivendo em função do ganho, como finalidade da vida. Comportamento este que Weber (2004m) atribui a um “espírito capitalista” indispensável ao surgimento do capitalismo. E contrasta as duas diferentes atitudes dizendo que essa “inversão da ordem, por assim dizer, “natural” das coisas, totalmente sem sentido para a sensibilidade ingênua, é tão manifestamente e sem reservas um leitmotiv do capitalismo, quanto é estranha a quem não foi tocado por seu bafo” (WEBER,2004,46-47)



incompreensão frente ao fato de os “gringos” usarem seu tempo livre para continuarem a trabalhar. Em outros momentos, esse hábito de “tanto trabalhar” deixa de ser inconcebível entre os novos imigrantes e passa a ser valorizado. Desta forma o trabalho passa a estar associado a todo o esforço que gerou o crescimento econômico do lugar. É então, o trabalho, tomado como condição necessária para aumentar o seu próprio poder aquisitivo. O comentário passa então a ser outro, o de que o “italiano é trabalhador, basta ver a riqueza desta região.” Tânia, uma imigrante que veio de Rosário do Sul na década de 80, diz que

*Trabalho é coisa de “gringo”. Os “italianos” são muito mais trabalhadores do que nós. Lá na campanha, lá é só vagabundagem e pobreza. Aqui não, é trabalho direto. E se a gente quer melhorar tem mais é que aprender com eles, fazer como eles. (Tânia, natural de Rosário do Sul, mora em Farroupilha desde 1986.)*

Nesse reconhecimento do valor do “outro”, Tânia me ofereceu pistas para pensar o quanto alguns novos imigrantes desejam fazer parte de uma nova maneira de encarar a vida frente ao trabalho para assim reorganizarem-se e obterem os resultados frente aos projetos que os levaram a imigrar. Assim, ao apropriar-se das características atribuídas aos “italianos”, Tânia se sente valorizada por estar fazendo parte tanto da ordem das representações sociais locais como passa a participar da construção e reprodução dos atributos distintivos positivados. Ela acredita, como a maioria dos sujeitos da região, que foi através dessas atitudes que os colonos pobres conseguiram chegar a grandes empresários. Portanto, mais do que a pura identificação de grupos e sua distintividade, os comentários expressam “valores” que delineiam fronteiras simbólicas com possibilidades de “acusações” e “apropriações”.

### **2.5.3. Avareza**

Os “italianos” são vistos hoje pelos novos imigrantes como “um povo que deu certo”, mas isto não se deve somente ao fato de eles serem mais trabalhadores. Ao contrário de Tânia, outras pessoas, refletindo sobre as diferenças entre estes dois grupos, pensam que o trabalho não é mérito somente dos colonizadores da Serra que

propiciaram o desenvolvimento da região. Marília conhece muita gente no bairro e às vezes fica horas falando sobre como é a vida aqui. Um dia perguntei se ela concordava com a idéia de que os descendentes de italianos são mais trabalhadores que outros. Ela pensou um pouco antes de responder:

*O que que é coisa de gringo? É trabalhar... E não gastar! Trabalhar a gente trabalha também, só que gasta tudo. Como diz meu marido se este negócio fosse de gringo, tava bombando. Às vezes eu penso assim. Mas também é triste o jeito que eles vivem pra terem o que têm. Sabe os Bozzetto ali do negócio da esquina? O Rui se dá lá com eles. Tem os velhos, eles já são antigos. Tu chega lá, eles tem as calças assim, emendadas com arame. Eles são donos, sabe aquela academia de ginástica ali? Aquele prédio é deles. Eles têm assim (junta todos os dedos da mão), ganham dinheiro só de aluguel. E andam desse jeito. (...) Porque nem a luz não acendem que é pra não gastar! Calça costurada dos lados. E cheios de dinheiro no banco. É isso que irrita. Isso incomoda a gente. É horrível, né? Eles não aproveitam! Eles parecem uns pobre coitados e tão cheios de dinheiro nos bolsos. Pra que querem tanto se não usam, não gastam!”*(Marília, natural de Santa Maria, mora em Farroupilha desde 1982.)

A piada – como forma dos excluídos excluïrem os excludentes -, foi uma outra maneira na qual encontrei referêncïa a essa característica de acumular e de não desperdiçar, atribuída aos “daqui”, comentada pelos “de fora”. Um dia um jovem me perguntou se eu sabia o motivo de não existir baratas aqui na serra. (E realmente não tem.) Imediatamente ele mesmo respondeu com um largo e sarcástico sorriso: “Por que gringo quando come, não deixa sobrar nem os farelos”. (Fábio, natural de Lagoa Vermelha, mora em Farroupilha desde 1970.)

As críticas dirigidas aos “italianos” por não “gastarem” o tempo com atividades não produtivas, aparecem assim, complementadas pelas observações de que nada é desperdiçado. Causa profunda estranheza entre os novos imigrantes o fato de eles levarem uma vida com tanta economia, observando que “não gastam com nada que não seja o estritamente necessário”.<sup>75</sup> Outro relato que aborda esta faceta dos descendentes de imigrantes italianos apareceu numa avaliação sobre os negócios de Marília. Ela diz:

---

<sup>75</sup> Mais uma vez entendo que a maneira que os novos imigrantes vêm no os costumes dos “italianos” em Farroupilha coincide com o homem detentor de “espírito capitalista” de Weber (2004m). Aquele que soma ao dever de trabalhar um “rigoroso espírito de poupança, que calcula o ganho e seu montante geral a um severo domínio de si e uma sobriedade que elevam de maneira excepcional a produtividade.” (WEBER,2004m,57)

*O italiano é assim, eles são muito assim, ó. Se eles vão comer um sorvete, eu vejo por aqui – o mercadinho - pegam o mais baratinho. Um dia desses um falou enquanto escolhia um sorvete ali no freezer. “Ah! Quero o mais barato, gelando o bucho tá bom!” Eu fico louca. Mas, se eu vou comer, eu quero comer uma coisa que vá me dar prazer em comer. Vou comer por comer? É pra não gastar, entendeu. Sempre o mais barato sempre o mais... Acho que é por isso que não fecha muito. É bem ao contrário da gente. A vida deles parece estar exclusivamente voltada para ganhar dinheiro. Mas ganhar dinheiro todos nós queremos, a diferença é que eles querem é pra guardar... Sei lá, não dá pra entender.” (Marília, natural de Santa Maria, mora em Farroupilha desde 1982.)*

Segundo os novos imigrantes, os “italianos” passam, o tempo todo, voltados para atividades produtivas. Não criam oportunidades para usufruir os frutos desse trabalho. Eles até concordam que a combinação dos elementos trabalho e poupança proporcionam sucesso econômico. Porém deixam claro que acreditam que este estilo de vida torna a vida “pequena”, porque desprovida de prazeres.

#### **2.5.4. Inveja**

Aos poucos, os recém chegados vão me fornecendo com mais espontaneidade o que pensam ser as peculiaridades das pessoas “daqui”. A partir das diferenças - como o sobrenome, a cor da pele, a impulsividade ao trabalho, a avareza - delimitadas nas interações entre os “daqui” e os “de fora” percebo que estas diferenças aparecem como queixas, intolerâncias e até mesmo hostilidades entre os dois grupos.

Gilmar é hoje - “depois de dar muito duro” – um microempresário. Homem de estatura baixa, moreno claro que fala olhando para o chão, pausado e firme. Tem um tom triste na voz muito grave. Está em Farroupilha há mais de trinta anos. Primeiro veio o avô e logo a família toda, ele tinha 15 anos. Vieram de Vacaria, onde possuíam terras. O pai gostava de carreiras e “acabou botando tudo fora”. Ele acha que “os gringos não gostam de quem vem de fora” e acrescenta “mas antes ainda era pior.” Continua Gilmar: “Eles pensam: esses vêm de fora e ainda querem se dar bem aqui”.

D. Maria chegou bem recentemente e também pensa como Gilmar, vê nas hostilidades dos “italianos” para com os recém chegados um medo de que “a gente se dê bem”. Pensa que “eles não gostam de nós porque viemos para cá. Acham que o

lugar é só deles. Ficam morrendo de inveja se a gente consegue alguma coisa que eles ainda não têm.”

Percebo, em muitos dos novos imigrantes, um sentimento de resignação. É o caso de Altair, que é autônomo, conseguiu a “muito custo” abrir uma fabriquetta de calçados na garagem. Queixa-se dos outros, os “empresários maiores, os italianos”. Diz que eles chamam mão-de-obra de fora e depois reclamam da falta de qualificação dos operários que aqui chegam. Mas segundo Altair, se chegar com muita qualificação “tu vais é ficar de fora: Inveja! Tu não podes parecer melhor que eles. A gente tem é que ralar mesmo.” Um dia Altair me mostrou vários certificados de cursos de especialização na sua área profissional, que não estão pendurados na parede, como se costuma ver em outros estabelecimentos em outros lugares. Ele explica: “Não posso nem querer mostrar, vai ser pior pra mim.”

Em uma tarde estava a conversar com Marília – para mim uma informante chave no bairro - na calçada em frente ao seu estabelecimento comercial, quando ela me mostrou seu filho brincando com mais dois meninos. São os vizinhos da frente,

*“são gringos” me diz ela. “Sabe a bicicleta que estão brincando? É do meu guri. A deles fica lá dentro, ta vendo, na porta da garagem? São assim. Viram que a gente tinha comprado uma bicicleta pro Guilherme, foram lá e compraram uma ainda mais ‘tchan’ pros gurus deles. Sabe? Uma ganância! Porque no final das contas nem deixam os gurus brincarem. É só pra mostrar que têm uma melhor. Que podem mais que os outros!” (Marília, natural de Santa Maria, mora em Farroupilha desde 1982.)*

Certo dia, Júlio César, um morador recente do bairro, natural de Bagé, me disse que tem feito muitas horas extras na fábrica em que trabalha. “Eu vim pra isso”, diz ele, “pra melhorar de vida. A firma me oferece condições de aumentar meu salário trabalhando mais. Aí eu vou na frente e vejo o vizinho colocando cerca nova no jardim. Me dá uma vontade de ter a minha casa também... É só olhar na volta! Quem trabalha vai pra frente!”

Julio César é um exemplo - entre outros novos imigrantes - que demonstra que a vida entre os moradores do bairro também é bastante competitiva. Alguns logo se inserem nesse jogo social de rivalidades que atribuem aos “italianos”. Outros, no entanto, não conseguem romper com os padrões de comportamento trazidos de seus

locais de origem. Estes reclamam constantemente das dificuldades em relacionarem-se frente a essas diferenças.

Ao comentar estes relatos com uma das agentes de saúde, ela me pergunta se já ouvi alguma vez o lema dos “italianos” daqui. E antes que eu responda, ela mesma diz:

*O progresso é a inveja. É claro que já conheces. Todo o mundo aqui ta sempre dizendo isso... e fazendo! (risos) As pessoas aqui estão sempre querendo superar os vizinhos. A qualquer custo. Daí tu pensa como é a relação das pessoas. Ter, e não ser, é que é importante”. (Elza, natural de Alpestre, mora em Farroupilha desde 1975.)*

### 2.5.5. O valor do dinheiro

Os novos imigrantes dizem que sentem muito sós com a ausência de uma vida mais coletiva. Até agora não lhes foi possível reproduzir aqui a vida assentada numa maior solidariedade, como aquela que viviam antes de virem para cá. Para eles, não é fácil estabelecer vínculos pessoais em Farroupilha. Queixam-se que as pessoas daqui, por estarem sempre muito ocupadas em trabalhar e ganhar dinheiro, são, por isso, muito diferentes das pessoas com as quais conviviam nos lugares de onde emigraram. Eles, os novos imigrantes, costumam dizer que neste “sistema daqui” são todos muito “individualistas”, muito “capitalistas” “é cada um por si” e “ninguém troca nada a não ser por interesse”.<sup>76</sup>

---

<sup>76</sup> A falta de vínculos afetivos e a ausência de trocas desinteressadas que os novos imigrantes referem na nova sociedade me remeteu à idéia desenvolvida por Mauss (2003) em Ensaio sobre a Dádiva. Nesta obra o autor analisa os costumes das trocas concebidas e praticadas em diferentes épocas e lugares propondo-as como o fundamento da sociabilidade e comunicação humanas. O autor toma a dádiva como elo em que a troca material implica troca espiritual que na dinâmica *dar-receber-retribuir* constrói os vínculos sociais entre os indivíduos. Diante das observações e relatos dos novos imigrantes, que apontam para a ausência dessas práticas, tive de me apoiar na idéia de que a internalização das regras de dádivas, pensada por Mauss, se dá diferentemente em distintos sistemas sociais. (GODBOUT,1997) Assim passo a entender que os indivíduos que estão chegando em Farroupilha - e estranham o sistema de trocas vivenciado pelos sujeitos “daqui” - foram socializados em práticas de trocas diferentes. Ou seja, os relatos que trazem para descrever as trocas nas cidades de onde procedem, se aproximam daquilo que Godbout exemplifica como uma sociedade na qual as regras da troca mantêm as relações pessoais afastadas da idéia do compromisso contratual. A troca naquele contexto era vivenciada como um *habitus* desinteressado, capital simbólico que representava a virtude do grupo. (BOURDIEU,2005) Aos novos imigrantes, portanto, parece-lhes importante continuar a manter as trocas com as regras implícitas, pois o que deve estar expresso e que lhes confere virtude é o vínculo pessoal que se constitui com a dádiva e não a troca material. No entanto, no momento de inserção na nova sociedade, ao

Foi o que percebi quando estive na casa de Carlos, um imigrante bem recente, e tivemos que intercalar a nossa conversa com momentos de atenção ao seu filho de dois anos. Fiquei curiosa em saber como fazem, ele e a esposa, para conciliarem emprego e os cuidados com a criança. Vendo a simplicidade da moradia onde mora, perguntei-lhe se alguém os ajuda, se eles podem contar com algum vizinho, ou parente. Ele me fala que

*têm babá. Aqui tem que pagar, né é abaixo do dinheiro. Tem uma menina que tá cuidando dele, uma mocinha. Mas aqui, é longe de parente, tudo, né? Este se adapta fácil. Qualquer um que chegar e pegar ele no colo ele vai. Se acostumou desde novinho, a gente tem que trabalhar, não adianta. Mas longe de parente, de tudo, é abaixo de dinheiro. É outra coisa que tem aqui que é tudo abaixo de dinheiro. (ri, um riso nervoso) (Carlos, natural de São Borja, mora em Farroupilha desde 2002.)*

Acostumados em suas cidades de origem a enfrentarem as adversidades com o auxílio solidário da família, dos laços de parentesco, das relações de reciprocidade, referem sentir muitas dificuldades aqui, onde não conseguem estabelecer esses mesmos vínculos. Os problemas, quando surgem aqui, passam a ser todos resolvidos com a intermediação do dinheiro. Para eles, os novos imigrantes, parece pouco digno. Não se sentem bem em transformar as relações de troca de favores, por estas, agora, mediadas pelo dinheiro.

O lugar “impuro” que o dinheiro ocupa no imaginário dos “brasileiros”<sup>77</sup> talvez seja o que leva estes novos imigrantes a acusarem os descendentes de italianos de “utilitaristas”, “interesseiros”, “capitalistas” entre outros adjetivos. A cidade de Farroupilha faz parte do concentrado urbano de Caxias do Sul, região altamente

---

interagir com os moradores “daqui”, percebem que suas práticas anteriores não encontram eco na reciprocidade. A sociedade em que agora se encontram, segundo seus relatos, parece corresponder a uma sociedade de modelo econômico focado no princípio da equivalência que tende a suprimir o desenrolar da troca. Neste caso o “sistema de dom situa-se, portanto, no lado oposto, (...) não por ser unilateral, mas pelo fato de que o que caracteriza o mercado, como vimos, é a transação pontual, sem dúvida”, não deixando espaço para a criação do laço pessoal. (GODBOUT, 1997)

<sup>77</sup> Os novos imigrantes também dirigem acusações aos “italianos” no sentido de desprezarem suas maneiras de lidar com o dinheiro. Essas acusações como que num jogo de espelhos evidenciam as representações – negativas – que ele próprios atribuem ao dinheiro. Representações estas que se encontram traduzidas em muitas expressões utilizadas no dia-a-dia, aliás, é dessa forma que Oliven (2001) nos introduz a noção que os brasileiros têm do dinheiro. No Brasil, “quando uma pessoa está sem dinheiro algum, ela diz que está “limpa”, ou quando uma quadrilha rouba um banco, ela “limpa” o cofre”. Mas uma pessoa muito rica é “podre de rica”. Ou ainda ao chamar o dinheiro de “algum” e dessa forma não precisando chamá-lo pelo nome. (OLIVEN, 2001)

industrializada que se encontra organizada de forma que estejam à disposição da população diversos serviços que são realizados como trocas comerciais. Esta situação, da vida monetarizada, é nova para muitos dos recém chegados que se valiam das próprias carências para manterem vínculos de amizade uns com os outros nos seus lugares de origem. Novamente evidencio que esses estranhamentos vivenciados e relatados pelos recém chegados não recaem somente sobre os “italianos”, mas também para seus vizinhos que vivem o “sistema daqui” sem que estejam a refazer laços pessoais que dizem sentir falta.

### **2.5.6. Lazer**<sup>78</sup>

Para os novos imigrantes é inconcebível que este lugar que ostenta tanta riqueza não ofereça o que para lhes parece essencial, o lazer. As pessoas que vêm “de fora”, com outros desejos, outros planejamentos para gastarem seu dinheiro com o bem viver, não compreendem como Farroupilha, uma cidade que comporta importantes indústrias, não proporcione espaços de lazer e diversão para a população. Os jovens do bairro me dizem que quando querem se divertir tem que sair daqui. Dirigem-se, então, a Carlos Barbosa, Garibaldi ou Caxias do Sul e isto, para eles, representa uma despesa que nem sempre seus orçamentos familiares permitem.

Nas práticas sociais vividas nas cidades de onde vêm os novos imigrantes, a convivência entre as pessoas, fora dos espaços e do tempo dedicado ao trabalho, era extremamente valorizada, e eles, os “de fora”, expressam que significava um alívio nas tensões provocadas pelo trabalho. Chama atenção as queixas feitas em uníssono, uma vez que na prática o bairro operário não é reconfigurado – em sua sociabilidade – por essas vontades e críticas. Essas formas de resistência para o dia-a-dia não só encontram-se ausentes como são inibidas quando há tentativas de instituí-las. Aqui, em Farroupilha, a inexistência de grupos espontâneos ou dos encontros fortuitos que

---

<sup>78</sup> Reuni neste tópico minhas observações e as referências que os meus informantes fizeram sobre suas distrações. Segui a conceituação de DUMAZEDIER (1976) para quem lazer são aquelas “ocupações às quais podemos nos entregar de espontânea vontade, durante o tempo não ocupado pelo trabalho comum.” (DUMAZEDIER,1976,) No entanto, o lazer deve ser entendido dentro de uma dialética cotidiana onde todas as instâncias sociais encontram-se interligadas e contaminando-se mutuamente, levando (MARCELLINO,1996) a sugerir o lazer como “cultura vivenciada” no tempo livre. O lazer, portanto, não deve ser visto na oposição ao trabalho, como duas dimensões estanques, mas como partes integrantes da vida social destes indivíduos.

aproximem as pessoas na rua para uma trivial conversa no fim do dia lhes é quase insuportável. Os operários, quando me falam sobre seus trabalhos anteriores, exercidos nas cidades de onde vieram, não deixam de intercalar nos relatos os momentos de lazer para evidenciar a diferença comparando ao “sistema daqui”. Cláudio, um operário, me conta:

*A gente amanhecia! Claro que o horário é diferente. Em São Borja eu trabalhava das 7, 8 [horas da manhã] ao meio dia - na cooperativa - depois da 1, 2 [horas da tarde] até as 6 e meia. Fazia festa. Amanhecia. No outro dia tava pronto! Que são umas horinhas de festa? E festa não cansa. Ajuda! Porque trabalhar é bom, mas tem que ter uma folga. (Abre os braços e exclama) Pra festa! E aqui a gente sai pouco. (Conclui desanimado)* (Claudio, natural de Rosário do Sul, mora em Farroupilha desde 1999.)

Os novos imigrantes não deixam de comparar a vida compartilhada que tinham com a família, vizinhos ou amigos nas suas cidades de origem com a inexistência dessa prática aqui em Farroupilha. Todos eles lembram “como era bom” reunirem-se nos finais de tarde ou nos fins de semana, e passar alguns momentos sem compromisso, dando boas risadas, conhecendo outras pessoas.<sup>79</sup> Na maioria dos relatos esse lugar de encontro era a própria rua. A rua é o lazer mais barato. É onde as pessoas se vêem, são vistas, se conhecem e reconhecem. Algumas vezes presenciei momentos de frustração e até de tristeza frente à impossibilidade que eles sentem de aqui darem continuidade a essas reuniões. Por isso disse-me Gilca que “dá pra viver com o dinheiro que se ganha, não dá pra reclamar. Mas é uma vida muito sem graça”. (Gilca, natural de São Borja, mora em Farroupilha desde 2002.)

O lazer reivindicado entre os moradores do Primeiro de Maio, é um divertimento do simples convívio, do encontro espontâneo que preencha o tempo livre

---

<sup>79</sup> Pelos relatos dos novos imigrantes, fica evidente que até então viviam em sociedades predominantemente assentadas nas relações da família extensa assim como nas relações do grupo social. Estas relações fortaleciam nesses sujeitos aquilo que Elias chama de uma “identidade-nós” a qual sentem ter enfraquecido ao imigrarem para Farroupilha, cidade industrializada. Aqui passam a interagir com grupos mais individualistas, constituídos sob uma “identidade-eu”. (ELIAS, 1994) Da Matta (1991) também pode servir de inspiração para se pensar a comparação que os moradores do Primeiro de Maio tecem entre as cidades de origem e o contexto atual. O autor, ao comparar as relações sociais nos Estados Unidos e no Brasil, traz elementos muito semelhantes aos encontrados pelos novos imigrantes na cidade de Farroupilha. Observa no padrão estadunidense, assim como os novos imigrantes observam no padrão de Farroupilha, a negação das relações sociais em relação à presença de redes imperativas de amizade e de parentesco que sustentavam a chamada moral tradicional; ou seja: aquela moralidade que afirma a importância do todo (ou da sociedade) sobre o indivíduo.



do trabalho. As pessoas que têm parentes morando em Farroupilha falam que de vez em quando, aos domingos, saem para visitá-los. Algumas moradoras me contam que não têm opções e ficam em casa aos domingos “sem fazer nada”. Os maridos ficam na frente da televisão, dormindo todo o dia. Os filhos adultos às vezes saem, mas os que trabalham e também estudam só têm o domingo para realizarem os trabalhos da faculdade. Elas dizem então que acabam “achando” umas limpezas, umas arrumações, pra se “distrair”.

Nélide é uma moradora do Primeiro de Maio que veio de Lajeado. Ela se opõe a “essa conversa de que aqui não se tem diversão”. Ela me conta como se diverte aos domingos: “Eu visito um monte de gente conhecida. Pego minha sacola da ‘Piere’ Alexander e saio de casa em casa a vender.” Entretanto, a maioria das pessoas não concorda que isto seja diversão, consideram a atividade de Nélide trabalho e insistem em me explicar que essa é a diferença que percebem entre o que faziam no tempo livre, lá nas suas cidades, antes de virem morar aqui.

Todos os moradores do Primeiro de Maio lembram a falta de um espaço público de lazer. Cheguei a pensar que me traziam essa reivindicação por acharem que eu poderia intervir frente ao poder municipal para a construção de uma praça. Hoje percebo que a falta desse espaço não existe para ser resolvido enquanto espaço físico construído mas sim enquanto possibilidade de ser utilizado. Na parte de baixo do bairro, onde moram os imigrantes mais recentes, os moradores fizeram um mutirão e colocaram uns brinquedos de crianças, no entanto, nunca vi o espaço sendo utilizado por alguém.<sup>80</sup>

Em outro dia, conversando com um grupo de mulheres do bairro, fiquei sabendo que no domingo anterior havia sido comemorado o aniversário de uma criança. Uma delas, colega de serviço da mãe da criança aniversariante, e também com

---

<sup>80</sup> Parece-me que o que na realidade encontra-se na raiz da reivindicação dos novos imigrantes moradores do Primeiro de Maio não é a construção de uma praça, mas antes a positividade do significado de ocupar a praça ou quaisquer outros locais públicos para o convívio comunitário. Ou seja, reivindicam tomar o uso do espaço público, aqui em Farroupilha estigmatizado como “vagabundagem”, para momentos de convivência social prazerosa. Mas a minha pergunta é: Por que não o fazem? Penso ter encontrado uma pista para responder a essa questão em Dejours (2000), ao tomar a idéia de que estes sujeitos estão informados pelo tempo do trabalho igualmente fora deste. Para o autor o tempo fora do trabalho estaria como que contaminado pela ordem do trabalho como uma estratégia destinada a manter com eficácia a repressão dos comportamentos que poderiam posteriormente contaminar o tempo do trabalho. Desta forma deixo de lado a idéia veiculada pelos meus informantes e por autores como Dumazedier (1976), de considerar trabalho em oposição a lazer, para pensá-lo formatado pelo trabalho.

filho pequeno, comentava a sua estranheza diante da maneira como se processara a festa de aniversário. Ela dizia:

*Às 2 horas da tarde. Mas isso é hora de fazer festa? Recém se almoçou! Serviram o bolo depois do ‘parabéns’, todo mundo comeu e foi embora. Às 5 horas já tinham ido tudo embora. Lá em São Borja 5 horas é que é hora de começar a festa! E sem hora pra terminar. (Gilca, natural de São Borja, mora em Farroupilha desde 2002)*

Cléa, que fazia parte da conversa, então, resolveu contar uma festa de aniversário, comemorada na casa de um conhecido dela que mora aqui no Primeiro de Maio.

*Sim foi no sistema de lá. Começou a festa era, ih! 9, 10 horas da noite. Aniversário dele. Bah! Fizeram como lá: churrasco, música, dança na garagem. Tem uma garagem enorme. (...) Tava o pessoal que veio de Uruguaiana, os parentes dele. Aí começamos a dançar. Duas horas da manhã e a gente dançando. Daí a pouquinho, começaram. Começaram a gritar primeiro. “Olha o barulho! Vamos parar com esse barulho, olha a hora.” E ele, o dono da casa nem ligou. Seguimos dançando igual. Aí os parentes dele que já estavam bem erguidos, né, - tinham bebido bastante -, dança e dança. (ela conta rindo, cada vez mais expansivamente, fica bem alegre com o inusitado da história) Daqui a pouco começaram as pedras. Pedra e pedra. Pah! Na telha de brasilit, e ele se fez de louco foi lá e ergueu ainda mais o som e dançamos até amanhecer. Pedra e pedra. Passaram a noite inteira atirando pedra, volta e meia vinha uma pedrada. Mas a gente amanheceu igual. Ele só dizia: “Eu to na minha casa. Eu to pagando aluguel.” (Cléa, natural de Ronda Alta, mora em Farroupilha desde 1983.)*

Dirce, que até então escutava o assunto, resolveu falar. Ela lembra que também teve sua casa apedrejada. Foi logo quando chegou no bairro. Organizou uma festa em casa, aproveitando a presença de parentes que tinham vindo até Farroupilha para conhecerem sua nova moradia. Comeram churrasco, beberam cerveja e aí arredaram o sofá da sala para poderem dançar. Diz ela que tiveram o cuidado de não colocar a música em volume muito alto, para não incomodar os vizinhos. A festa acontecia como as que costumavam fazer onde morava. Todos dançavam um vanerão – ritmo de música gaúcha – animadamente, quando foi aquele estouro no telhado. Entreolharam-se espantados, diminuíram o volume do som, mas resolveram continuar. O barulho se repetiu uma, duas na terceira vez o dono da casa, marido dela, foi até a frente e atirou

um foguete. Assim, a festa terminou, pararam de atirar pedras, mas os alegres festeiros também desistiram de continuar dançando sob a pressão dos vizinhos.

Entretanto, enquanto elaborava o texto desta pesquisa, pude observar uma transformação nas ruas do centro. Domingos à tarde, as vias centrais, que durante a semana têm aquele trânsito limitado a determinadas horas e predominantemente de automóveis, vão tornando-se repletas de jovens a escutarem músicas em volume muito alto, a tomarem bebidas nas calçadas e a circularem a pé ou de carro, fazendo bastante barulho na até então silenciosa Farroupilha de domingo. Alguns moradores do bairro Primeiro de Maio me informaram que seus filhos recentemente passaram a se deslocar até o centro da cidade, nos domingos, para encontrarem amigos, namoradas.

*Mesmo com os protestos dos moradores do centro eles vão. Eu acho bom, eles têm que se divertir, o meu trabalha toda a semana. Por que não folgar um pouco?! Mas o pessoal do centro reclama com indignação. Ah, diz que eles reclamam. Não suportam o barulho, reclamam dos namorados, das bebidas, assim, coisa de gringo. Mas aos poucos acho que isso vai mudando. (Elisa, natural de Marau, mora em Farroupilha desde 1998.)*

### **2.5.6.1. Festas comunitárias**

As constantes reclamações dos novos imigrantes, moradores do Primeiro de Maio, em relação à falta de lazer, e a importância conferida pela bibliografia que se debruça sobre o assunto a esses momentos como essenciais para o equilíbrio das sociedades, me levaram a averiguar mais de perto essa questão.<sup>81</sup> Como são os momentos desses indivíduos fora das suas horas de trabalho ou de seus compromissos familiares, sociais ou religiosos. O que fazem os moradores do bairro em seu tempo livre?

Descubro que com relativa frequência, aos domingos, são realizados almoços na comunidade. Essas reuniões comunitárias são eventos beneficentes em prol de

---

<sup>81</sup> Dumazedier (1976,35) ressalta três importantes funções do lazer – divertimento, descanso e desenvolvimento da personalidade – importantes no sentido de romperem com a ordem do cotidiano e por isso importante fator de equilíbrio social. Magnani (2003) verifica que a dinâmica do uso do tempo livre vai muito além da simples necessidade de reposição das energias gastas durante a jornada de trabalho. O lazer estabelece, revigora e exercita regras de reconhecimento e lealdade que vêm garantir a rede de sociabilidade.

instituições ou mesmo de pessoas que estejam necessitando de ajuda. São geralmente organizados pelo Clube de Mães, pela Igreja, pela Escola ou mesmo pelo Posto de Saúde.

Certo dia, sabendo que haveria um desses almoços, eu fui atrás de um ingresso. Não é uma coisa fácil, pois mesmo sendo um evento beneficente – que busca angariar fundos -, há um controle na distribuição dos convites para que “não entre qualquer um”. Tive, portanto, que me valer de pessoas conhecidas que me apresentassem aos organizadores do almoço, caso contrário, eu seria considerada uma “desconhecida” e possivelmente não teria conseguido a entrada.

Cheguei ao Salão Comunitário do Primeiro de Maio, que fica ao lado da igreja, um pouco antes do meio-dia, hora que constava no ingresso. As ruas do quarteirão encontravam-se repletas de automóveis estacionados. Dirigi-me ao portão principal, onde algumas pessoas aguardavam em fila a sua vez de entrar. Um casal recebia os participantes na entrada e conduzia à mesa onde cada família estava destinada a sentar. A mim reservaram lugar na mesa da família da pessoa de quem eu havia adquirido o ingresso, uma vez que eu havia ido sozinha.

As mesas improvisadas com tábuas compridas apoiadas sobre cavaletes de madeira ocupavam quase todo o salão. As tábuas encontravam-se forradas com papel de propaganda de uma casa de comércio do próprio bairro.

Logo todos os lugares estavam ocupados – aparentemente não sobrou nem faltou lugar. Somente as pessoas envolvidas na organização do almoço circulavam pelo salão, todos os outros aguardavam nos seus lugares pela refeição. Sem demora passou um homem com uma bacia cheia de pães. Ao mostrarmos o ingresso ele, então, colocava um pãozinho sobre o prato que se encontrava a frente de cada um. Assim foi dado o início a uma farta refeição. Todos os pratos foram feitos pelos próprios moradores do bairro, responsáveis pelo evento.

Enquanto comiam, todos falavam muito, mas ninguém saía do lugar. Primeiro foi servido sopa de agnolini, logo a seguir veio salada de batatas e de verduras muito temperadas com vinagre de vinho. Os pratos de massa com molho de miúdos de galinha foram colocados na mesa ao mesmo tempo em que as carnes de gado e de galinha assadas eram servidos no espeto. O vinho em jarras era bebido à vontade.

Outras bebidas podiam ser adquiridas com um homem que cobrava e trazia o pedido do balcão à entrada do salão.<sup>82</sup>

Ao final da refeição foram sorteados os números que constavam nos ingressos do almoço. Sortearam produtos de tudo que é tipo. Vi desde pares de calçados, ferramentas de trabalho até cestas de frutas e bolos. Tudo produção local doada para a realização do evento. Os brindes ficavam expostos em prateleiras próximas ao balcão das bebidas. Os números foram cantados ao microfone enquanto uma senhora anotava com giz no quadro negro cada número que saía. Durante o sorteio o ambiente ficou bem movimentado pelas pessoas que levantavam para receber o brinde vibrando e sendo felicitadas pelos demais. Enquanto isso, crianças corriam pelo amplo espaço do salão e adolescentes aos poucos começaram a circular entre as mesas. Alguns homens apoiaram-se ao balcão para conversarem e beber cerveja.

Porém este momento foi breve. A maioria das pessoas, ao resgatarem seus brindes, já se dirigia para a saída. Muito abruptamente vi o salão se esvaziar. Confesso que fiquei impressionada com a maneira ordeira e ágil com que transcorreu o almoço. Não é dado espaço para que haja imprevistos ou improvisos. Tudo calculado no espaço e no tempo certo.

Quando, posteriormente, em outras ocasiões, comentei esses almoços com os moradores do bairro, constatei que o fato de as pessoas se retirarem imediatamente após terem terminado de comer é muito criticado por eles mesmos. Irma, uma das atendentes do Posto, diz que a sensação que dá é de que “parece que para eles permanecer no salão mais um pouco é uma coisa cansativa, penosa. Parece que tudo o que querem é voltar logo pra casa.”

Essas reuniões comunitárias, portanto, são vistas pela maioria dos novos imigrantes como compromissos sociais e não sentem – nem aparentam – prazer em desfrutar seu tempo livre participando delas. Aqueles que participam de grupos realizadores desse tipo de evento sentem-se no dever de retribuir a presença nesses almoços. “A gente tem que ir porque o pessoal deles também vai aos nossos”, me disse uma integrante do Clube de Mães que tinha participado do almoço da Escola.

---

<sup>82</sup> O cardápio evidencia um sincretismo da comida gaúcha, churrasco, com a comida italiana, capeleti, massa, vinho.

Assim, cada grupo que organiza um almoço espera pela presença dos integrantes dos outros grupos.

A maioria dos moradores do bairro, portanto, não consideram esses almoços como festas. “Festa pra mim é outra coisa” diz Camilo, natural de Bagé, morador do bairro há sete anos, “esse negócio de ter hora pra começar e hora pra terminar é estranho! Só falta bater o ponto!”<sup>83</sup>

O preço dos ingressos e a frequência com que são realizados trazem outro elemento para que haja reclamações quanto a estes eventos. Dessa forma, os almoços são vistos pelos moradores do bairro como mais uma obrigação, dos quais devem participar auxiliando com a compra do convite. Para muitos, a participação nesses almoços é inviável pelo custo que representa. Juvelino, natural de Ronda Alta, é uma dessas pessoas que deixa de considerar esse tipo de evento como diversão, devido a despesa que acarreta, dizendo: “Em Farroupilha não se tem vida social, só temos vida comercial.”<sup>84</sup>

### **2.5.6.2. Festa junina**

Um outro evento comunitário do qual participei foi uma festa junina promovida pelo Posto de Saúde. Pareceu-me que poderia fornecer elementos da celebração comunitária que eu procurava e por isso fui até lá. As agentes de saúde do posto estavam todas caracterizadas. Fantasiadas grotescamente de caipiras, pinturas que borravam o rosto, as calças com remendos enormes, os cabelos desalinhados por vezes tornava difícil o reconhecimento da pessoa por detrás da personagem construída. O Salão Comunitário foi todo enfeitado com bandeirinhas típicas de festas juninas. Também montaram o palco e um cenário para a encenação do casamento

---

<sup>83</sup> Na reflexão deste novo imigrante se revela a proximidade que ele percebe entre a dinâmica da festa e a dinâmica do trabalho. Estes eventos aparecem para seus participantes como celebrações nas quais não há ruptura com a as formalidades sociais que constituem o dia-a-dia dessas pessoas. A partir daí sou levada a pensar que a realização dos almoços como uma atividade praticada dentro de uma dialética de vida cotidiana na qual os diferentes domínios são reciprocamente informados e informantes. Ou seja, os almoços tanto estão constituídos por elementos existentes na vida ordinária como reforça-os como elementos de valor para a comunidade.

<sup>81</sup> Estas celebrações me remeteram às análises feitas por DaMatta (1986) ao considerar um evento de “reforço”. Este evento é pelo autor caracterizado como aquele que chama atenção para regras ou relações que existem no cotidiano, salientando os “aspectos rotinizados” (e por isso mesmo implícitos e internalizados) da ordem social. (DAMATTA, 1986, 53) Estariam, desta forma, promovendo a “glorificação e manutenção” da ordem social, uma vez que a lógica desses eventos festivos não foge da lógica que organiza a vida local. (LANNA, 1999)

caipira. Os convidados não pagavam ingresso, entretanto, para participarem do concurso de prêmios, sorteados ao final, deveriam levar um prato de comida para o lanche. Muitas guloseimas. Na mesa ao fundo, atrás dos bancos, amendoim doce, pipocas, bolos, biscoitos, ainda quentinhos, deixaram no salão um aroma apetitoso.

As pessoas entravam e eram interceptadas por agentes da equipe do posto para assinarem o livro de presenças. Chegavam sozinhas, casais, mulheres com crianças. Deixavam a sacola de comida na mesa e se dirigiam para os bancos dispostos em frente ao palco. Algumas conversavam eventualmente entre si. Mas a maioria esperava o início da festa em silêncio. Todos sentados, só quem circulava pelo salão eram as pessoas ligadas à organização.

No palco, para abrir a festa, foi convidado um vereador, músico, morador do bairro, também vindo de fora. Vestido de botas, chapéu e bombachas<sup>85</sup>, começou a tentar animar o pessoal com acordes gauchescos em uma gaita, acompanhado por um outro músico ao violão. As pessoas continuavam sentadas sem reagirem ao som dos instrumentos. Os organizadores então passaram a formar os pares e a dançar. Depois de algum tempo o espaço entre os bancos e o palco, destinado ao baile, ficou repleto de casais. Fiquei bastante perplexa com a expressão corporal um tanto rígida das pessoas para acompanharem o ritmo das músicas. Não pude observar, durante a dança, a execução de movimentos mais descontraídos, não pude evidenciar, entre os casais, ombros, pescoço ou quadris a se mexerem. Os corpos dançavam como que um bloco sólido a deslocarem-se no espaço através do arrastar mecânico de seus pés. As fisionomias igualmente rígidas não demonstravam nenhum sinal de empatia com a música que os artistas desenvolviam com enérgica alegria. Enquanto dançavam não se olhavam e muito menos conversavam ou sorriam. O gaiteiro chamava o pessoal a se soltarem. Mas nada mudava. No intervalo entre duas músicas, duas senhoras que haviam formado um par para dançar voltaram ao banco e sentaram ao meu lado. Pude ouvir uma dizendo a outra: “Pronto, já fizemos a nossa parte”.

---

<sup>85</sup> Não somente a vestimenta, como também o repertório musical executado pelos artistas, evidenciava a presença de elementos da identidade gaúcha integrando estes novos imigrantes. Eles demonstravam muita intimidade com as músicas por ele trazidas ao saberem todas as letras, pois iam murmurando-as juntamente com o cantor.

Então, de repente, vi quando chegou Helda, uma das moradoras do bairro, que defino como se ainda não estivesse informada pelo comportamento valorizado entre os moradores de Farroupilha. Ela é muito espontânea, expansiva em seus gestos e descontraída nos grupos que participa. Vestia, nesta ocasião, uma calça fusô muito colada ao corpo e um delicado sapato de salto. Veio direto da porta de entrada para o meio do salão e mesmo sozinha pôs-se a dançar. Observei que nela a música passou a existir. Ritmo e emoção passaram a transbordar de seu corpo e ela então passou a fazer a platéia sentada levantar, pegando um a um pela mão e iniciar um trezinho que agregou todos os presentes. Nesse momento as pessoas riam muito, se olhavam, chamavam os que ainda permaneciam sentados. Alguns batiam palmas para acompanhar o ritmo. Foi um momento único, este, quando pude presenciar um fugaz rompimento com a rigidez da ordem entre os moradores do Primeiro de Maio. A efervescência durou no máximo o tempo de uma música. Quando esta terminou, foi comunicado que o baile havia acabado e agora as atividades passaram a ser os discursos das autoridades, a seguir o casamento caipira e finalmente o lanche.

Helda no outro dia me disse sobre sua atuação no baile:

*Elas demoram um pouco, mas acabam se animando, tu viste? Mas aí já está terminando. É assim... Quando a coisa vai pegar alguém vem e manda parar. Aqui, com os gringos, é assim, ninguém se diverte. Tem coisa melhor que dançar? Se mexer? Não, olha, não é fácil. Que gente amarga, infelizes. (Helda, natural de Lagoa Vermelha, mora em Farroupilha desde 1973.)*

Irma, atendente do posto, havia se divertido muito em trajes de caipira na festa. Comentando no dia seguinte a festa, me disse: “Pena que tem que terminar cedo, a gente ta trabalhando e não pode ficar além da hora.” Assim explicou porque foi interrompida a dança bem no momento em que esta começava a ficar animada. No caso dos bailes à noite, estes também terminam cedo, me diz que “devem respeitar o silêncio”. Não podem fazer barulho até mais tarde porque muita gente trabalha.

Pude perceber que a etnicidade reivindicada como “italiana” coloca em pauta um repertório que passa a ser negociado nas interações com os recém chegados, os valores da italianidade passam a traduzir os valores ligados ao “bom” operário. Os elementos acionados para a caracterização étnica dos “italianos” e delimitação das



fronteiras encontram-se assentados muito mais em valores do que em sinais. (BARTH,2000, p.32) Estes valores se direcionam predominantemente a ações relacionadas ao trabalho e ao empreendedorismo, que todos consideram fatores relevantes para a ascensão econômica, motivação inicial dos imigrantes. O trabalho como valor e atividade que ocupa a centralidade da vida dos sujeitos naturais de Farroupilha também informa outros domínios do social.

Eu, que inicialmente fugi do contexto da fábrica para a realização deste trabalho, para que não encontrasse as relações vividas entre os novos imigrantes muito formatadas pelo modelo fabril, termino por constatar a ordem da fábrica informando francamente os demais domínios da vida social dos moradores do Primeiro de Maio.

Penso ter trazido, neste capítulo, a partir das observações e relatos transcritos, alguns elementos que proporcionassem a análise num nível micro, como sugerida por Barth (2003). Os acontecimentos, as experiências e os constrangimentos e parâmetros experienciados pelos recém chegados e analisados sob o foco da interação face a face, possibilitaram constatar que a real ruptura com a vida anterior dos novos imigrantes se deu no momento da inserção no novo contexto. Ao chegarem em Farroupilha, eles percebem que os códigos até então aprendidos para a interação social não são os mesmos utilizados aqui.

Os temas destacados do amplo repertório de valores, para as relações entre os diferentes protagonistas, revelam não só diferentes concepções de trabalho, como também diferentes noções de Pessoa. Esta abordagem insere-se no domínio das representações e estereotipações dos grupos por eles próprios a partir das diferentes visões de mundo.

O deslocamento dos novos imigrantes direciona-os para uma vida de operários, numa trajetória em que vivenciam um processo de “desnudamento”, ao verem-se desligados das suas condições de existência anterior (LOPES,1988) para inserirem-se em uma sociedade na qual as formas de produção são realmente de outra ordem, a produção fabril. Fico induzida a pensar que este contexto se aproxima daquilo que se imagina ser uma mudança de uma sociedade pré-capitalista, ou tradicional, para uma sociedade capitalista ou moderna, muito semelhante ao enfrentamento do processo de

“descampesinamento” em direção a “obreirização”, como se refere Lopes (1988), encarando, dessa forma, uma diferença na noção de identidade a qual são chamados a reconhecer e interacionar.

Esta imigração contemporânea percorre uma trajetória que parte de um ambiente patriarcal - organizada pelo latifúndio agropecuário e com origens no trabalho vinculado ao escravismo e atualmente pobre – para um contexto industrializado, próspero, assentado em valores que determinam um “*habitus* muito propício ao desenvolvimento do capitalismo” (SANTOS,2004). Sujeitos que se deslocam de um mundo predominantemente tradicional em direção a uma sociedade que responde por uma predominância do modelo moderno, capitalista, individualista. (DUMONT, 1985)

Neste contexto, cabe a pergunta: Como os novos imigrantes estão se organizando diante dessas diferenças? De que maneira as comparações traçadas por eles entre o “sistema daqui” e a idealização dos lugares de origem revelam alguma coisa sobre suas insatisfações?

A seguir demonstro de que maneira os recém chegados dizem ser diferentes dos moradores de Farroupilha, enquanto que em suas práticas sociais reproduzem o repertório identificado com a italianidade, vivenciando através da italianidade, os valores tidos como os que definem o “bom” trabalhador e o “empreendedor”.

## CAPÍTULO 3

### AS NEGOCIAÇÕES IDENTITÁRIAS

#### 3.1. A REDE DA “BOA” VIZINHANÇA”

Encontrei muita gente com as quais conversei enquanto participava das atividades propostas pelo Posto de Saúde. Porém, poucas destas pessoas das quais me aproximei nesses encontros chegaram a me convidar para visitá-las. As visitas que fiz às casas das pessoas, na maior parte das vezes, foram através da minha participação numa das atividades do programa comunitário realizado pelo Programa de Saúde Familiar: o Grupo da Boa Vizinhança. Esta atividade faz parte de um projeto desenvolvido pelos dois Postos de Saúde do Primeiro de Maio que, ao diagnosticar a falta de convívio social entre os moradores do bairro, pensa, desta forma, estar contribuindo para que a população do local se conheça melhor e adquira o hábito de se encontrarem nos momentos livres do trabalho. O grupo da Boa Vizinhança funciona da seguinte maneira: as agentes de saúde entram em contato com famílias que se dispõem a oferecer suas casas para que em dia e horário combinado os vizinhos possam se reunir para um bate-papo. Os donos da casa elaboram previamente uma lista de convidados juntamente com a agente de saúde. Elas relatam a grande dificuldade que enfrentam nessa proposta devido ao fato de os moradores serem bastante resistentes em abrirem suas casas a “pessoas desconhecidas”. Alegam que os outros vão lá só para saberem o que tem e o que não tem em casa. “Vão ficar reparando!” “Esta é a parte mais difícil do projeto”, informam as agentes, “pois, ninguém quer abrir a casa para os outros. As pessoas alegam que os vizinhos vão reparar na simplicidade de suas casas, ou que não conhecem ninguém na quadra, ou dão outra desculpa qualquer.” O fato é que os moradores do bairro são, segundo a equipe do posto, muito resistentes a receberem em casa “pessoas estranhas”.

Mesmo sem ter o resultado esperado, a equipe dos postos de saúde insiste no projeto, porque acredita que esta é uma prática que pode vir a melhorar a qualidade de

vida da população do bairro.<sup>86</sup> Assim, uma vez por mês os moradores de uma mesma área têm a possibilidade de se encontrar uns com os outros na casa de um vizinho.

Acertado o local para a realização do encontro do grupo, a agente responsável pela área confecciona os convites que distribuirá aos vizinhos informando sobre o encontro. O local das casas destinado à recepção é preferencialmente a garagem. Sofá e algumas cadeiras e bancos são colocados em círculo no centro do ambiente. À medida que o pessoal vai chegando, vai imediatamente buscando um lugar para sentar. Os vizinhos não chegam juntos, chegam um a um e trazem alguma coisa para compartilharem o lanche. Como o portão da garagem é deixado aberto - exceto nos dias de muito frio e cerração -, os visitantes são percebidos mesmo antes de entrar. Assim quando alguém se aproxima, eu escutava comentários tecidos em voz baixa: “Olha lá vem o seu José!” Parece que todos se conhecem, afinal são vizinhos. No entanto, cumprimentam-se um tanto friamente, ninguém levanta de onde está acomodado, ou chama para sentar ao seu lado.

De repente alguém diz mais alto, de maneira a ser escutado pelo grupo: “Acho que não falta ninguém”. Surgem então comentários que agregam todos os visitantes, que perguntam sobre quem são os convidados do dia ou informam a ausência justificada de alguém. Enfim, está iniciada a reunião. Observo as pessoas conversando entre si, ou melhor, com quem está ao lado, porque uma vez sentados ninguém sai do lugar. Não há circulação das pessoas, mesmo que o espaço permita, inclusive na hora do lanche, quando os pratos são passados de mão em mão e o chá é servido pela agente de saúde. Raras vezes percebi alguém trocando de lugar, preferindo a companhia de outra pessoa que já não estivesse sentado ao lado desde o início. Nada demove os corpos comportadamente sentados. A ordem da chegada determina a cada um o seu lugar e conseqüentemente seu interlocutor mais próximo.

Sentada na roda, eu ficava a ouvir as conversas.

- *“A mãe não vem, fez uma cirurgia no braço ontem”.*
- *“Como ela está?”*
- *“Eu também tive que ir pra faca ano passado. Até hoje não estou curada.”*

---

<sup>86</sup> A equipe de profissionais da saúde é constituída quase que na sua totalidade por pessoas provenientes de outras localidades. São também sujeitos “de fora” e, portanto, ainda não familiarizados com os padrões de comportamento de Farroupilha.

- *“Ela está melhor, o doutor disse que amanhã já vem pra casa.”*
- *“Eu tenho um parafuso na perna que me avisa quando vai chover.” “Vocês souberam que a D. Alaides está muito doente?”*
- *“E agora? Vou ter que eu mesma fazer sabão. O dela é tão bom. A gordura da louça sai bem.”*
- *“Eu faço sabão assim, ó.”*

E passa a ensinar às interessadas sua receita de sabão.

Os assuntos mais comuns eram sobre doenças, sobre trabalhos domésticos e alguns programas de televisão (como aquele em que imigrantes em São Paulo concorrem a um caminhão de prêmios para voltarem para a cidade de origem). As tragédias do noticiário também preenchem o conteúdo das conversas. Nada que me revelasse a intimidade dessas pessoas sendo partilhada entre elas. Nunca percebi um cochicho, ou um abraço, uma cutucada de braços ou uma troca de olhares cúmplices, entre eles.<sup>87</sup>

Quando eu comecei a participar do grupo da Boa Vizinhança, esta atividade já acontecia há algum tempo. A minha presença, nas primeiras vezes que compareci, no entanto, não pareceu despertar a curiosidade das pessoas que se encontravam lá. Saudavam-me com a mesma naturalidade e distanciamento com que em geral se cumprimentavam entre si. Às vezes, foi necessário eu me apresentar logo ao entrar na casa onde se dava a reunião, outras vezes, eu ia esperando até alguém me perceber e então identificava-me explicando-lhes o motivo da minha presença ali. Na maioria das vezes, no entanto, eu, ou uma das agentes de saúde, tinha que tomar a iniciativa, porque o encontro já estava em pleno andamento e ninguém se referia ao fato de alguém que eles nunca haviam visto antes estar ali, sentado entre eles.

Algum tempo depois, abordei este assunto com eles. Perguntei-lhes por que ninguém estranhara a minha presença, uma desconhecida até então, num encontro de vizinhos. Os participantes em geral respondiam que o bairro é muito grande por isso nem sempre conhecem todo mundo. Outros pensaram que eu era nova funcionária do

---

<sup>87</sup> Não consigo deixar de comparar e demarcar o contraste que encontro entre esta vizinhança e a vizinhança observada no trabalho de Fonseca (2004), sobre fofoca. Nas vilas pobres de Porto Alegre, a autora encontra uma sociabilidade intensa – acusatória e bastante abrangente – que aqui entre os novos imigrantes de Farroupilha inexistente. A autora problematiza não a intimidade, mas essa fluida classificação do “estilo de vida” que é tão “negativizado” no contexto que observo e que se pauta por outras noções de intimidade. A “etiqueta” local é não falar da vida pessoal. Já me referi anteriormente que entre os moradores do bairro o querer saber da vida do outro é fato a ser recriminado.

posto ou uma nova moradora, enfim, o certo é que muito poucos se interessaram em saber quem eu era. Esta atitude dos moradores do Primeiro de Maio me deu uma impressão da indiferença que eles demonstram pelas pessoas que os rodeiam.<sup>88</sup>

O momento da minha apresentação ao grupo sempre provocava uma alteração no andamento das atividades. Quando eu explicava o meu interesse em pesquisar as pessoas que hoje moram no bairro vindas de outras cidades, fazia-se um verdadeiro burburinho quando todos, ao mesmo tempo, tentavam me dizer que são “de fora”. Logo passavam a falar ao mesmo tempo uns com os outros e comigo, dizendo de onde haviam emigrado. Esses diálogos travados entre eles que eu acompanhava indiretamente me revelavam o quanto esses moradores do Primeiro de Maio, na verdade se desconheciam.

Vizinhos, muitas vezes, de longa data, nunca antes haviam conversado e compartilhado suas trajetórias comuns. A seguinte cena aconteceu na sala da casa de um casal de aposentados onde o grupo da Boa Vizinhança um dia se reuniu. Nas conversas que costumavam se dar nesse momento da minha apresentação, uma mulher ainda jovem descobriu que os donos da casa eram naturais de Rodeio Alto, localidade onde também nasceu e viveu até vir para cá há 10 anos.

- *“Eu vim de Alpestre.”*
- *Tu também é de Alpestre?*

As duas mulheres se inclinaram em suas cadeiras para melhor se escutarem

e continuaram a conversa.

- *“De Rodeio!”*
- *“Imagina! Eu também.”*
- *“Quando tu vieste de lá?”*
- *“Em...1983, deixa eu ver, é, 1983!”*
- *“Eu em 1984.”*

---

<sup>88</sup> Ao perceber a organização dos recém chegados em uma vida restrita às suas famílias nucleares fiz uma relação destes moradores do bairro com a referência que Bott (1976,105) faz ao abordar a dificuldade dos sujeitos que se mudam para estabelecerem relacionamentos. A autora observa que, em geral, esses sujeitos acabam fortalecendo os vínculos familiares internos para o enfrentamento do mundo exterior desconhecido. A maioria dos novos imigrantes em Farroupilha veio só, ou com a esposa e filhos. Vinham praticamente com emprego garantido e moradia assegurada. A estrutura pronta para receber estes imigrantes, em Farroupilha, pouco oportunizou a criação de vínculos horizontais que pudessem enriquecer uma rede de sociabilidade entre eles. Muito pelo contrário o que parece ter acontecido foi uma vinculação com os promotores da imigração, ou seja, o empregador, o funcionário público que sorteou o terreno. As relações horizontais apontam muito mais para a formação de uma rede que funciona mantendo o controle social do lugar.

lugar.”

- “*Imagina, a gente é vizinha há quanto tempo e nem sabia que era do mesmo lugar.*”
- “*Tu vê, que coisa né?*”

Elas se recostaram novamente. Olharam para os outros visitantes que estão todos falando ao mesmo tempo. De repente as duas se voltaram uma para outra de novo.

- “*Onde tu moravas, lá?*”
- “*Na rua do armazém do seu Vieira, sabe?*”
- “*Claro! A gente morava ali, do lado. Minha mãe ainda tá lá.*”
- “*Vai dizer! Tu é filha da D. Marieta?*”
- “*Sim. Conhece ela?*”
- “*Claro! Tu é a mais velha?*”

Esta situação repetiu-se muitas vezes durante a minha pesquisa de campo. Não houve uma única em vez que o esclarecimento sobre o tema do meu estudo não tivesse provocado, nos grupos de moradores, uma reação instantânea de aproximação, assim passavam a se reconhecer em suas origens e deslocamentos. Eu, então, ficava deliciada, ouvindo suas histórias sendo compartilhadas como se eu não estivesse ali. Um dia a cena se repetiu tendo como protagonista uma das agentes de saúde – que pretensamente dizia conhecer a todos – e sua vizinha. As duas saíram dentre os outros moradores que participavam da visita para me contarem. “Olha só! Esta é a primeira vez que converso com a Cileide e a gente é vizinha desde que eu vim pra cá, há 18 anos. Vizinha de porta. Quanto tempo a gente aqui e nem sabia que era do mesmo lugar”. Nesse dia acompanhei a agente até o posto de saúde no final da reunião. No caminho ela chorou, e declarou-se muito triste com a vida sem amizades que leva aqui.

Esses momentos de reencontro eram breves. Eram alguns minutos em que a conversa acontecia em pé, desordenadamente, com muitas exclamações. Podia perceber, então, gestos mais expansivos, tom de vozes mais expressivos do que normalmente eu observava entre eles. Ninguém interrompia esses diálogos, porém,

naturalmente o assunto vai dirigindo-se para o cotidiano daqui e logo estavam todos sentados novamente a falar dos problemas de saúde ou do telejornal de ontem.<sup>89</sup>

### 3.1. A GENTE VEM “FALHADO”

Assim, descobri que as pessoas neste bairro, moram lado a lado ou trabalham juntas há muito tempo, sem nunca antes terem conversado sobre suas trajetórias de imigração. Não faziam, portanto, até então, idéia de que tivessem vindo de uma mesma cidade, como agora pareciam estar constatando.

Durante algum tempo eu pensei estar promovendo um encontro ‘tardio’ entre esses imigrantes. Afinal, o meu tema de pesquisa estava proporcionando que, muito tempo depois, pessoas com origens em comum estivessem agora se encontrando. Um dia, comentando com D. Aquilina sobre o seu encontro com um casal que, como ela, havia vindo de Planalto, ela me disse: “Mas não sei se tu reparaste bem. A vizinha até conversou da nossa terra, lá... Mas com a neta no colo, do lado de lá da poltrona. Terminada a conversa, que foi bem rápida, não ficou nada. Já passei por ela na rua e ela foi bem distante.”<sup>90</sup>

D. Aquilina me fez perceber que a distância entre os novos imigrantes não estava sendo transposta pela simples constatação de que tinham coisas em comum no passado. A consciência de terem uma origem e uma memória em comum, não estava - pelo menos não imediatamente -, proporcionando a criação de vínculos entre eles. Mesmo depois de identificarem-se como oriundos das mesmas localidades e terem compartilhado momentos que traziam esse passado, tudo continuava igual. “Cada um no seu canto”. Então compreendi que o fato deles não se conhecerem é um comportamento adotado por eles aqui. Assim como percebi, em relação à inexistência

---

<sup>89</sup> Do mesmo modo que pude observar no almoço da comunidade e na festa junina, estes encontros proporcionam um rompimento fugaz com a ordem cotidiana, mas que, em geral, é extremamente vigiado entre eles próprios, de maneira que não há continuidade.

<sup>90</sup> Estas situações me lembraram os comentários tecidos por Isaac Joseph (2005) quando diz que as relações com e entre os estrangeiros – das quais aqui me aproprio para pensar os recém chegados em Farroupilha – são relações construídas sobre “vínculos fracos, de mal-entendidos e do retraimento, da inevitável superficialidade das trocas.” Logo o autor questiona “como é possível pensar uma comunidade de exaltação recíproca com aquele que não se conhece e não vai se conhecer? Como não perceber que o que é comum, o que prevalece é, ao contrário, a inquietação da reciprocidade, a frieza da relação? Relação que não tem como apelar para o implícito nem para a familiaridade.”



das praças, a falta de convívio, tão reclamada pelos novos imigrantes, não existe para ser resolvida, existe para ser comentada.

Isabel, uma das agentes de saúde do posto, já havia comentado comigo o quanto ela acha estranho o fato de os moradores do bairro mesmo sabendo que vieram das mesmas cidades não procurarem se encontrar. Não buscam conhecer os vizinhos para compartilhar a familiaridade tão reclamada por eles. “Por exemplo, as pessoas que vêm de Alpestre sabem que existem muitas outras vindas de lá morando aqui, comentam seguidamente isso comigo. Mas não procuram saber quem são esses outros conterrâneos.” O problema, me disse alguém do bairro, “é que a gente vem aos poucos, a gente vem falhado”, referindo-se ao caráter individual - no máximo familiar -, desta imigração que se desenrola com maior ou menor intensidade há mais de 30 anos. <sup>91</sup> Imagem semelhante a esta é construída por Sayad (1998) quando ilustra a trajetória dos imigrantes argelinos para a França como se fossem “grãozinhos de areia” “arrancados à rocha-mãe”, que após a imigração constituíram-se em uma “imensa duna”. (SAYAD, 1998,72)

### **3.2. AS NEGOCIAÇÕES IDENTITÁRIAS DE OUTRO PONTO DE VISTA, OS “DE FORA”**

A grande maioria da população do Primeiro de Maio, como eu já salientei anteriormente, é composta de pessoas que vieram de várias cidades do próprio estado do Rio Grande do Sul. Logo na chegada, os novos imigrantes percebem que a relação com os indivíduos naturais daqui passa pelo agenciamento de uma diferença étnica, segundo a qual os recém chegados são chamados de “brasileiros” e considerados “estrangeiros” nesta região de “italianos”.

A primeira imigração que colonizou o território onde hoje está localizada a cidade de Farroupilha aconteceu no final do século XIX. Esses primeiros imigrantes vieram de regiões do norte da Itália e hoje, na situação de estabelecidos, recebem os

---

<sup>91</sup> Nesse caso o ser “da fronteira” ou ser “de fora” que deveria evidenciar um “nós” reivindicado não assume tanta relevância e os recém chegados se vêem “atomizados”, diferentes entre si.

indivíduos desta nova imigração interna, não pertencente ao grupo da primeira imigração, como estrangeiros em seu próprio país. Do mesmo modo que a sociedade brasileira hostilizou os imigrantes italianos e seus primeiros descendentes, estes, hoje, agem de forma muito similar em relação aos imigrantes nacionais.<sup>92</sup> Ao chegarem a Farroupilha, os novos imigrantes, entre a cultura hegemônica dos descendentes de imigrantes italianos, passam abruptamente a ter que responder por uma identidade étnica que até então não tinham consciência. Várias vezes ouvi os novos imigrantes expressarem sua incompreensão frente à necessidade de serem classificados por critério étnicos.

Laura, que veio de Alpestre em 1982, se queixa que “aqui todo mundo tem essa mania de ficar se olhando e perguntando, é italiano, é alemão, é brasileiro? Pra mim, o que eu sei é tudo é a mesma coisa, tudo é gente. Que bobagem!” D Aquilina lembra que lá em Alpestre tem muito italiano, alemão, polonês. “Quer ver, eu até sei falar um pouco de cada” e faz uma saudação em cada uma das línguas para comprovar o que disse. “Mas não tem disso de um ficar falando do outro. A gente era tudo igual”. Os novos imigrantes percebem que ao serem chamados de “brasileiros” pelos descendentes de imigrantes italianos, estão sendo também considerados sujeitos pouco dados ao trabalho, gastadores, preguiçosos, numa comparação contrastiva com os “italianos”. Esta representação nada positiva ligada à idéia de “brasileiros” faz com que esta identidade seja rechaçada pelos recém chegados.

Celso tem dois filhos cursando uma das escolas de ensino fundamental do bairro e fica “louco” quando dizem no colégio que os filhos são “brasileiros”, diferentes dos daqui. Ele pergunta um tanto indignado: “Não se aprende no colégio que brasileiro é aquele que nasce no Brasil? Então, todos somos brasileiros, não é? Eles também. Ou por acaso vão me dizer que nasceram na Itália? Ficam querendo parecer mais que a gente, parecer que são lá da Europa!”

Os discursos da italianidade repetidos pelas instituições locais, como escola, Centro de Indústria e Comércio, poder municipal, fazem com que a região seja exaustivamente lembrada e relembada pelos elementos que a caracterizam como a

---

<sup>92</sup> Esta mesma situação foi encontrada por MELLO em sua pesquisa em Panambi, onde analisou as relações entre os estabelecidos – teuto-brasileiros -, e outsiders - luso-brasileiros. (MELLO,2006)

região de imigração e colonização italiana. Os sujeitos que vão chegando a Farroupilha percebem o grupo estabelecido como um grupo coeso. Enfrentam essa representação em torno de uma origem comum com a fragilidade de sua própria pluralidade, da ausência de elementos para que se constituam com uma identidade partilhada.

A etnicidade, para os novos imigrantes, surge como um elemento novo mas importante na negociação da identidade frente os “italianos”, dado que o contexto está fortemente marcado pela reivindicação étnica. Diante da falta da percepção de laços comuns para se denominarem, acabam se vendo e sendo vistos pelos sujeitos do grupo estabelecido como pessoas que, provenientes de lugares distintos, são pertencentes a “culturas muito diferentes”.

A identificação que os descendentes de imigrantes italianos atribuem aos recém chegados, englobando a todos como “brasileiros”, encontra-se associada a estereótipos de preguiçosos, perdulários, festeiros entre outras coisas. Para a interação com os “daqui”, os recém chegados preferem, portanto, afastarem-se da idéia de pertencerem a uma brasilidade tão associada à falta de atributos. Pulverizam suas identidades relacionando-as às diversas regiões do Rio Grande do Sul de onde emigraram. “Da Campanha”, “da Fronteira”, “Missioneiros” foram algumas das autodenominações mencionadas pelos novos imigrantes para se auto-definirem. Desta maneira diferenciam-se não somente frente ao contato com o grupo hegemônico dos “italianos”, como também entre eles próprios. Recém chegados de outras regiões do Rio Grande do Sul, estes sujeitos corroboram a idéia que fazem os descendentes de imigrantes italianos, naturais de Farroupilha, fazerem: de que todos os novos imigrantes são, ao fim, muito heterogêneas entre si.

Esta situação, no entanto, não impede que em determinadas ocasiões a identidade de gaúcho apareça englobando a todos os novos imigrantes. A distintividade que num certo contexto singulariza, gerando e multiplicando fronteiras, em outros momentos – em outra escala - desloca esses limites para englobar estes sujeitos sob a idéia de um pertencimento comum.<sup>93</sup> São diferentes configurações que evidenciam as estratégias que constroem este complexo cenário de relações sociais.

---

<sup>93</sup> Será isto que ilumina os rostos destes sujeitos quando dizem aqui todos somos de fora? Será que a possibilidade de se verem compartilhando algo em comum traz-lhes a satisfação de se sentirem envolvidos em elos de pertencimento? Izquierdo (2002) lembra que o ser humano não vive em isolamento e sempre busca

Também encontrei, entre os recém chegados, sujeitos que, internalizando o discurso local dirigido a eles, se assumem além de “pretos” ou “brasileiros”, como pessoas que têm menos potencial para o trabalho.<sup>94</sup>

Por outro lado, alguns aqui chegando se surpreendem em não serem reconhecidos na sua “legítima” descendência italiana. Laura, muito surpresa, diz: “Lá em Planalto tem muito italiano. Meu pai era italiano legítimo, sobrenome Ferronato. Eu sou tão italiana como estes daqui, mas nem por isso fico dizendo que sou mais que meus vizinhos”. Outros novos imigrantes, com ascendência de imigrantes italianos, advindos de outras regiões do Estado, estranham o fato de não encontrarem semelhança alguma entre comportamento dos “italianos” de Farroupilha e os de suas cidades de origem. Valquíria se refere ao pai, natural de Santa Maria como “italiano puro, mas não é assim, como estes daqui. Tu tens que ver é um homem alegre, sempre com a casa cheia de gente. Nada a ver com estes italianos fechados daqui”.<sup>95</sup> Ficam bastante intrigados tentando relacionar essas características aos descendentes de imigrantes italianos porque se consideram também “italianos puros”, mas não serem assim, pelo menos, nas cidades de onde vieram.

### **3.2.1. Tomar “o trabalho como costume de vida”**

Em minha pesquisa de campo pude observar, portanto, que as pessoas do bairro se percebem isoladas umas das outras. Queixam-se insistentemente de uma superficialidade dos vínculos e da falta de convívio. Justificam essa distância entre eles lembrando o fato de a imigração se dar através de decisões individuais, ou seja, não migram em grupos coesos, advindos de um só local. Os recém chegados não têm, para eles mesmos, uma representação de si como um grupo.

---

formar grupos procurando criar laços culturais ou de afinidades, pois a identidade coletiva proporciona conforto e segurança. (IZQUIERDO,2002)

<sup>94</sup> Elias observa que quando o diferencial de poder entre os grupos é muito grande “os grupos na posição de outsiders avaliam-se pela bitola de seus opressores. Em termos das normas de seus opressores eles se consideram deficientes, se vêem como tendo menos valor.”(ELIAS,2000,28)

<sup>95</sup> É o senso comum indagando sobre aquilo que Max Weber já dizia no início do século XX, que etnia não é biológico, é cultural!

Esta falta de solidariedade entre eles é uma das mais freqüentes queixas, no entanto, não percebi nenhuma ação efetiva por parte dos próprios moradores do Primeiro de Maio para que a situação venha a ser alterada. Por que vivem nessa frieza de relação? O que impede que essas pessoas em trânsito, advindos muitas vezes dos mesmos lugares, vivendo dificuldades semelhantes, com narrativas semelhantes, não se encontrem mesmo que morando do outro lado da rua e se vendo a cada vez que abram a janela de casa? Quando faço a pergunta a eles obtenho a seguinte resposta: é o “sistema daqui”, me dizem eles.

O “sistema daqui” é a expressão utilizada pelos novos imigrantes para se referirem ao estilo de vida em Farroupilha que, na maior parte das vezes, é por eles identificado como o sistema dos “italianos”. “Eles é que são assim”. Os novos imigrantes dessa forma me afirmam dizendo que não são como os “daqui”. Distinguem-se dos indivíduos naturais de Farroupilha, uma vez que nas cidades de onde vieram as coisas se davam de outra maneira. ”Lá”, diz a maioria dos recém chegados, “as pessoas se importavam umas com as outras, sempre juntos, todos se ajudavam.” Ou ainda: “Tinha mais simplicidade, não tinha essas coisas daqui que a gente tem que ficar se cuidando de como fazer, como falar, até de vestir!” “Aqui todos são muito capitalistas, ninguém é amigo de ninguém de verdade.” Estas são algumas das referências que os novos imigrantes trazem para demarcarem os grupos. Comparam os padrões de vida nas suas próprias cidades de origem com aqueles que identificam como estilo de vida dos “italianos”.

Lembro novamente D. Verônica, quando chegou a Farroupilha, cerca de 30 anos atrás, do constrangimento que sofreu ao tentar aproximar-se da vizinha da frente oferecendo-lhe um chimarrão e “um dedo de prosa”. Ela conta que a partir de então ficou mais atenta, não se expôs mais tão espontaneamente às pessoas. Aos poucos foi percebendo que “aqui é diferente”. Ela diz que foi aprendendo como devem ser feitas as coisas aqui e foi então “entrando no ritmo daqui.” D. Verônica foi uma das poucas pessoas que me convidou a ir até a sua casa para conversar. Ela é uma senhora de meia idade, uma das primeiras moradoras do bairro, mora bem no alto do morro. Só ela e o marido. Os filhos, já casados, não moram mais com ela.

Um certo dia, sentadas à mesa da cozinha, nós conversávamos animadamente, quando de repente ela parou de falar. Fiquei esperando que retomasse o fluxo da sua narrativa quando então notei que ela olhava fixamente para a porta da entrada (que dá direto na cozinha). Voltei-me para ver o que era. Um homem estava parado à porta com um pé na rua e outro no portal da casa com os braços abertos, cada mão apoiada em um lado da porta aberta. Ela então, um tanto desajeitadamente, me apresentou dizendo que aquele era o seu marido. Ele, sem escutar o que ela dizia sobre mim, falou rispidamente: “Eu já não te disse que não quero gente estranha dentro de casa? Os estranhos não têm nada que saber de nós, das nossas coisas! Tu ta louca?” Não adiantou eu querer lhe explicar que estava fazendo uma pesquisa e que na verdade não era tão estranha assim, uma vez que já nos conhecíamos, havíamos participado de algumas atividades do bairro juntas, tínhamos outras pessoas conhecidas em comum. Nada demovia o homem daquela atitude agressiva na porta. Por fim, vendo que nós não havíamos nos intimidado a ponto de sair correndo, ele resolveu dizer que ela sabia o que fazer, a posição dele não mudaria e, muito contrafeito, disse baixando a cabeça: “da vida da gente ninguém precisa saber”. E foi embora. Ela se desculpou muito da grosseria do marido e comentou. “Viste? É assim. A gente fica assim. Vai se fechando, sem amigos, fica igual ao sistema daqui.”<sup>96</sup>

Marcelo, outro morador, é natural de Farroupilha – filho de novos imigrantes - e devido ao seu trabalho morou algum tempo em Bagé e gosta de falar sobre a diferença

---

<sup>96</sup>Parti da premissa de que as representações dos indivíduos frente aos outros são padronizados pelo grupo no qual se encerra a encenação desses atores sociais. (GOFFMAN, 2005) Assim observei que aquele estoque de conhecimentos aprendidos e utilizados para operar em situações – script (GOFFMAN,2005) - nas suas cidades de origem e que trazem na bagagem, não servem às relações no novo ambiente. Os novos imigrantes vivenciam, no trânsito da imigração, a exposição a diferentes valores que informam diferentemente os lugares de onde vieram em relação ao local de inserção. Na interação cotidiana, entre os novos imigrantes e os “italianos”, emergem elementos que sugerem duas visões de mundo diferenciadas, os quais me induziram a pensá-los a partir do modelo proposto por Dumont (1985) como sociedades tradicionais e sociedades modernas. Os relatos que os novos imigrantes trazem para referirem-se às cidades de origem, de uma vida social assentada nas relações pessoais, de reciprocidade, são muito similares àquelas descritas por este autor para caracterizar as sociedades tradicionais. A imigração, ao colocá-los em interações com sujeitos da sociedade industrializada de Farroupilha, leva-os a questionarem o predomínio das relações econômicas sobre as relações pessoais evidenciando um maior individualismo o que remete às sociedades modernas. Não quero com isso afirmar, como alerta Velho (1997), que cada um dos grupos seja pertencente a sociedades inteiramente tradicionais ou modernas, mas sugiro que há uma preponderância desses modelos informando as relações sociais diferentemente em cada uma delas. Autores como Holanda (1997), Souza (1999), DaMatta (1979) e Oliven (2001) tomam o modelo tradicional-moderno para fazerem análises comparativas entre o Brasil, sociedade tradicional e pouco capitalista, e os Estados Unidos, como país de sociedade individualista e francamente capitalista. A aproximação dos dois países a partir das culturas de cada um inseridos nesse modelo em muitos aspectos, pode ser reapropriada para este contexto de contato entre os novos imigrantes (provindos de regiões herdeiras do patriarcalismo agrário) e os moradores naturais de Farroupilha (região de imigração italiana industrializada).

que sentiu em viver nas duas cidades. Ele acha que o ideal seria equilibrar o desenvolvimento econômico desta região, aqui da serra, com a vida cultural e de lazer que existe nas “cidades da fronteira”. Pergunto então a ele se esse equilíbrio não estaria sendo gerido aqui mesmo em Farroupilha. Ou seja, se o crescimento econômico associado aos costumes “italianos” não estaria se somando aos costumes dos novos imigrantes que vieram e estão vindo para cá. Ele me responde, no entanto, que a evidência não é essa. Para ele, as pessoas que vêm para cá, acostumadas com lugares mais alegres, onde há mais momentos de convívio social, de encontros nas ruas, não estão transformando Farroupilha. Muito pelo contrário “as pessoas que vêm, vão aderindo ao comportamento deste sistema. Aqui todos se preocupam muito com o que os outros fazem e com o que os outros vão pensar”.

Há pouco mais de um mês chegou ao bairro um casal de cerca de uns 30 anos para tentar emprego aqui. Vieram de Porto Alegre e estão morando no mesmo quarteirão da casa de Marcelo, que logo os conheceu devido aos seus costumes de ficarem pela calçada. Marcelo se aproximou para conversar com o homem, logo na semana em que se mudaram. O recém chegado havia aberto uma cerveja na frente de casa numa tardinha quente e a bebia sentado na calçada. A mulher do recém chegado, uma morena alta, vistosa, também se juntou ao grupo. Depois de algumas apresentações, Marcelo me conta então que já foi orientando-os para que não sentassem assim tão à vontade e muito menos bebessem cerveja na rua.

*“Eu sei que eles vêm de uma cidade, como vou dizer... mais liberal, mas tentei explicar para eles que não se pode ficar nas calçadas – a moça usando short -, às gargalhadas. Eu estou sempre dizendo para eles que têm que se vestir mais adequadamente, falar mais baixo. Senão os vizinhos já olham. Aqui tem um padrão, se tu estás fora tu vais ser notado. Queres ver. Ela bonita como é, tu já viste. Faz questão de estar bronzada. Pronto! [ressalta a cor da pele para mais escura] Já é motivo para ficarem olhando de cima abaixo.” (Marcelo, natural de Farroupilha, filho de novos imigrantes provenientes de Lagoa Vermelha)<sup>97</sup>*

---

<sup>97</sup> Como observa Elias (2000), as convenções que os descendentes de imigrantes italianos de Farroupilha estabeleceram, neste caso específico, quanto ao uso da rua, não são conhecidas nem seguidas pelos novos imigrantes. Aos olhos dos estabelecidos isto representa uma intromissão importuna e serve para a segregação. As pessoas do grupo estabelecido esperam que os recém chegados se adaptem às suas normas, se “submetam a suas formas de controle social e demonstrem, de modo geral, a disposição de ‘se enquadrar.’” (ELIAS,2000,64-65)

Estas pessoas a que Marcelo se refere, que estão dirigindo olhares constrangedores ao casal recém chegado, são os próprios moradores do Primeiro de Maio, ou seja, são também novos imigrantes. Passei a compreender que o “sistema daqui” não está relacionado somente aos hábitos atribuídos à “cultura italiana” são hábitos observados entre os recém chegados também. Os costumes ditos diferentes pelos moradores do bairro vão sendo aos poucos internalizados por eles próprios para desta forma inserir-se na vida do bairro. Logo que chegaram também tentaram aqui reproduzir seus hábitos de convívio social mais intenso nas ruas. Entretanto, com o tempo foram compreendendo que em Farroupilha não deveriam ter os mesmos comportamentos que tinham em suas cidades. Marcelo pensa que

*as pessoas acabam mudando por causa desse olhar que é colocado sobre elas. Se elas vieram para cá e querem se manter, assim... Num emprego. A imagem delas tem que mudar. Elas ficam com medo. Aí para se sentirem melhor, para se ajudarem, para não se sentirem discriminados, excluídos, começam a ficar padronizados também. (Marcelo, natural de Farroupilha, filho de novos imigrantes oriundos de Lagoa Vermelha.)*

Essa padronização de comportamentos e atitudes a que os recém chegados se referem é percebida através de mudanças nos comportamentos, nas maneiras de falar e também na corporalidade. O jeito de sentar, de rir, de andar na rua e de se vestir aparece muito freqüentemente como atitudes a serem controladas para não serem alvo de “olhares fulminantes”.

Uma tarde, quando eu participava de um grupo de mulheres que realizavam trabalhos manuais, o assunto sobre o “sistema daqui” virou uma polêmica. A discussão se deu entre as que pensavam que há exigências e constrangimentos na maneira como devem se apresentar vestidas e aquelas que, ao contrário, diziam que cada um pode livremente vestir como quiser.

*- Eu quando cheguei aqui era verão. Saía na rua com os vestidos que eu usava em Santo Ângelo. Nem gosto de lembrar. Me olhavam de cima a baixo, como se eu tivesse sem roupa. Um dia a dona do armazém fez um comentário que pra mim bastou. Ela disse: ‘Vocês se vestem tão a vontade, né. Aqui não é assim.’ Pronto mudei de modelito.*

*- Eu, pra ir no supermercado, uma quadra de casa, eu me arrumo. Jamais saio com a roupa que ando em casa.*



- *Eu também, capaz que vá sair de casa do jeito que estou. As pessoas na rua reparam...*
- *Eu não concordo. Vocês é que dão bola pro que os outros pensam. Eu saio de qualquer jeito. Não estou nem aí.*
- *Mas aí fica todo mundo te olhando atravessado, né?*
- *Se ficam nem reparo. A gente vale pelo que a gente é, não pelo que veste.*
- *Eu não consigo ser assim. Começam a me olhar na rua fico sem jeito. Por isso eu me arrumo pra ir ali na esquina.*
- *É. Dentro de casa é uma coisa, fico a vontade. Já no muro pra calçada a coisa é outra.*
- *Vocês estão exagerando. Olha, eu vim pra cá como estava em casa. De chinelinho.*

Ela mostra os pés retirando-os debaixo da mesa onde estávamos trabalhando e levantando-os a altura que todas pudéssemos ver. Calçava um chinelinho rasteiro, vermelho todo bordado de lantejoulas. Todas as mulheres que travaram a discussão se olharam, mas ninguém comentou nada.<sup>98</sup>

Arilson, morador do bairro há 15 anos, diz que tem de se “fazer as coisas do jeito certo, senão os gringos expulsam a gente daqui.” O jeito certo é “trabalhar e depois ir pra casa, nada de fazer um tempo na rua, beber cerveja, ficar na calçada, encontrar pessoas, ter amigos. Vão dizer que tu não tá trabalhando, que tu é vagabundo.”<sup>99</sup>

Antônio, operário da indústria calçadista, me explica que a grande diferença entre o lá e o aqui fica por conta do “modo de trabalho”, que traz uma mudança cultural muito forte. Diz também que aqui aparecem oportunidades, inclusive a de se tornarem empreendedores, como os “italianos” o são.

*Começam a trabalhar, vão crescendo... Todos têm ambição. Ao verem o vizinho com melhorias querem aquilo para si também. Adotam a cultura do italiano de trabalhar e de cada vez querer ter mais. Tem uns que se dão tão bem quanto os gringos. Pegam o trabalho como costume de vida e vão pra frente*  
“(Antônio, natural de Nova Roma do Sul, mora em Farroupilha desde 1980.)

<sup>98</sup> Nesse contexto pude observar, através da teoria da interação de Goffman (2005), que vão sendo elaborados novos papéis, nos quais os novos imigrantes procuram evidenciar expressões e padrões ideais da nova sociedade nas suas representações. As ações incompatíveis são escondidas. O viver espontâneo, pois naturalizado por eles, fica restrito a espaços distantes do público, nos bastidores. Esta situação pode ser útil para pensar a vida reclusa no interior de suas casas, local onde podem dar vazão a um “eu” envolvido em uma identificação anterior e para eles mais significativa.

<sup>99</sup> Os novos imigrantes aos poucos vão compreendendo que a permanência e inserção ao mercado de trabalho em Farroupilha não depende somente de sua capacidade para o trabalho. Para conseguirem e manterem-se em seus empregos, além da óbvia competência profissional devem assimilar comportamentos para o convívio social que são as regras do lugar.

Outro operário do setor calçadista, e atuante no sindicato, avalia a situação de maneira a pensar que os novos imigrantes que chegaram primeiro e que já tenham alcançado um nível econômico mais estável, param de reclamar e passam a concordar com tudo. Ficam “igualzinho aos daqui e começam a criticar os que chegam depois”.

Ana Luiza é muito jovem, faz parte da equipe de saúde do bairro, e parece fazer resistência ao contágio do distanciamento vivido em Farroupilha. Ela já morou em várias outras cidades do Rio Grande do Sul antes de passar no concurso do PSF aqui em Farroupilha, há 3 anos atrás. É muito dinâmica e está sempre buscando interagir com as pessoas, criando oportunidades para que se encontrem fora do horário de trabalho. Seguidamente escuto-a elogiando a polenta mole que uma colega prepara, ou o sagu delicioso que comeu em casa de outra. Comento com ela o fato de estar sempre sendo convidada para almoçar. “Por insistência minha”, responde. Ela diz que é muito difícil restituir entre os moradores do Primeiro de Maio o antigo hábito de estarem próximos entre eles, mas não desiste. “Alguém tem que mudar para melhor a vida social destas pessoas”.

*As que chegam de fora vão ficando igual às outras que já estavam antes. No começo comigo foi assim, tentei fazer churrasco, encontrar e juntar as pessoas, depois fui desistindo. Fiquei como todo mundo, no meu canto. Hoje me dou conta que não dá... (Ana Luiza, natural de Ijuí, mora em Farroupilha desde 2004.)*

Os novos imigrantes, quando se instalam aqui para mudarem de vida - terem emprego -, não imaginam que estarão mudando também seus hábitos de convívio social. Quando aqui chegam, pensam em reproduzir as relações que viviam entre familiares e amigos. Entretanto, logo eles desistem da idéia de recriar essas relações, uma vez que “a gente se aproxima, mas depois vê que não vai ser igual às amizades de lá.”<sup>100</sup>

---

<sup>100</sup> Quando Cavalcanti (2002) estuda a metamorfose que o trânsito acarreta no imigrante, traz a questão de que esse sujeito encontra-se imbuído de um desejo de “querer ser outro” no novo meio em que passa a viver. Assim a autora vê o problema da seguinte maneira: os imigrantes enfrentam na sua experiência intersubjetiva e coletiva do deslocamento a imposição de novos significados, quando “a desterritorialização dos processos simbólicos” proporciona uma ruptura com os códigos culturais organizados pelos sistemas culturais anteriores com novas ressignificações das coisas e dos comportamentos. Na condição de imigrante, a raiz principal do indivíduo se fragmenta: vem enxertar-se nela uma multiplicidade imediata de outras raízes que deflagram um novo processo. Esses percursos falam de algo que se inicia na pessoa em si mesma, ampliado nos desdobramentos do indivíduo frente à realidade, produzindo impacto na subjetividade e nas respostas à vida privada e pública. (CAVALCANTI, 2002,146) Assim, a autora conclui que a imigração não representa somente uma transformação

### 3.3. OS MALES QUE VEM DOS “OUTROS”

Já nas primeiras conversas que tive com os profissionais de saúde ligados aos postos do bairro, estes me alertaram para a incidência de “depressão e risco de suicídios” entre os moradores do Primeiro de Maio. As enfermeiras, o médico e demais atendentes dos dois serviços foram unânimes ao se referirem à presença do problema e em demonstrarem preocupação frente à grande quantidade de pessoas em tratamento para depressão ou em vias de passarem a manifestar a doença.

O médico do Posto prefere diagnosticar a “depressão” num âmbito menos localizado. Atribui o mal-estar a um mundo “moderno impessoalizado”, consequência da “civilização contemporânea capitalista”. No entanto, ele também coloca os sintomas como um problema de origem coletiva, ou seja, no seu entender estão originados na interação, ou melhor, na falta de interação, entre os moradores do bairro. Ana Luiza, profissional da saúde ligada ao bairro, refere a dificuldade das pessoas criarem vínculos entre elas, “parece que não têm confiança uns nos outros” e isso os mantêm afastados.

Um dos responsáveis pelos projetos dos postos de saúde do bairro se refere aos novos imigrantes como pessoas sem iniciativa, sem vibração, “parece que não vieram completos. Eles vêm, mas alguma coisa fica no caminho. Eles não chegam aqui inteiros”. E para corroborar o que está tentando dizer, me informa que a maioria desses recém chegados não tem título eleitoral transferido para Farroupilha.<sup>101</sup>

---

de ambiente e de códigos culturais ou de universo simbólico, é também um desejo de transformação interior. Um desejo de mudança existencial. Estas afirmações servem para se pensar os novos imigrantes em Farroupilha agindo muito pouco na direção de tentar reproduzir aqui uma vida social mais próxima daquela que afirmam terem tido anteriormente, em suas cidades de origem. Essa falta de iniciativa que corresponderia ao desejo de transformação estaria também associada ao desejo de inserção no contexto da nova sociedade. Na exposição aos valores que informam as diferentes socializações o desejo de mudar deve obedecer aos novos roteiros criados e recriados na sociedade de acolhimento. Como salienta Duarte (1986), é “fundamental para cada sujeito demonstrar-se capaz de jogar o jogo, de deter os instrumentos físicos, mentais e morais que habilitam a competição interpares.” (DUARTE, 1986, 189)

<sup>101</sup> O fato de muitos novos imigrantes não terem transferido os títulos eleitorais juntamente com eles pode ser uma evidência do desejo de ainda estarem ligados às suas cidades de origem. Nisto se concretiza uma situação de provisoriedade com a qual se sentem emocionalmente envolvidos. Sayad (1998) aponta para a imigração como “um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente” ou, ao contrário, “um estado duradouro que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade.” (SAYAD, 1998, 45) Delgado (2003) problematiza essa provisoriedade prolongada na própria designação **imigrante** – participio presente -, em lugar de **imigrado** – participio passado.

Estes depoimentos fazem parte da percepção que os profissionais da saúde têm frente aos novos imigrantes, com quem convivem cotidianamente, através da prestação de seus serviços. Posteriormente a estas informações, em minha pesquisa de campo, eu pude presenciar um sentimento de tristeza e muitas queixas de insatisfação afetiva e emocional entre os moradores do bairro. Sem que inicialmente eu tivesse me detido nessa questão, não pude deixar de prestar atenção neste achado, tal a insistente presença nas falas dos moradores do bairro.

Márcia veio de São Gabriel, é uma moça que está sempre de rosto fechado, com a fisionomia triste. Quando conversa comigo aproveita para desabafar a sua revolta com “este lugar onde ninguém se diverte.” Ela está aqui há cinco anos, veio com o marido que também é operário, e espera - como quem espera a sorte grande - que se realize um concurso público em sua cidade para então – caso seja aprovada - voltar para lá.

*Aqui o que que a gente faz? Tem dias que eu me desespero de estar só em casa o fim de semana. E outra coisa, eu já disse pro meu marido: essa coisa de enfiar sábado o dia inteiro trabalhando (...) Ele trabalhava até sexta, já ta trabalhando no sábado... Até as três horas da tarde. A gente tinha combinado então não todos os sábados. Um sábado sim e um sábado não. Ele já ‘tá trabalhando todos os sábados. Ah! (...) A gente ia sábados pro centro. Mas ele perguntava o que fazer lá. Ah, não sei. Ficar por lá, até 9 horas 9 e pouco. Caminhando andando. Parque dos Pinheiros de tarde, no domingo. O que tu vai fazer enfiada dentro de casa, né? Ai assim só trabalhar, trabalhar, trabalhar. Aí chega sábado, esse trabalho do serviço dele é pesado. Imagina se ele vai querer sair?! Só quer ficar em casa vendo televisão. Ele diz, mas também tu sabe que a gente precisa de dinheiro, que a gente precisa ganhar mais. Mas pra que? Só pra comer mais. Pra que mais? O que tu vais fazer com mais? Aqui nada. . Eu já disse pra ele: tu esquece! Ficar nesse sistema daqui, enlouquecer que nem essa gente, eu não posso. (Márcia, natural de São Gabriel, mora em Farroupilha desde 2001.)*

De um modo geral o deslocamento de um lugar para outro impõe aos imigrantes diferentes valores e modos de ver o mundo. Organizar-se na nova sociedade requer reconstruir uma vida social para prover-se de condições para que não se vejam a si próprios de todo esvaziados. O isolamento a que se submetem ou a que se propõem após os constrangimentos experienciados nos primeiros contatos com os “daqui” levam os à constante reclamação da falta de relações pessoais afetivas. Muitos se sentem abandonados, esvaziados, “falhados” devido à ausência de vínculos entre eles.

Parece que todos concordam que o perfil dos moradores do bairro – ou mesmo da cidade <sup>102</sup>-, é triste. Isto é insistentemente referido tanto pelos responsáveis pelas políticas públicas dirigidas à população do Primeiro de Maio, quanto pelos próprios moradores. Durante o tempo em que estive convivendo com os novos imigrantes encontrei freqüentemente queixas relacionadas a uma sensação de tristeza que é quase sempre mencionada como “depressão”, mas que também apareceu como uma “doença dos nervos” ou ainda um “nervoso”.<sup>103</sup>

D.Aquilina não deixa de participar das atividades comunitárias propostas pelo Posto. Nas caminhadas sempre conversamos muito sobre ela, seus problemas com o filho e a nora. Até que um dia me revelou que anda muito deprimida, não quer fazer mais nada,

*é um desânimo só. Lá onde eu morava até me chamavam de Lula porque eu nunca estava em casa. Sempre visitando uma amiga, ajudando outra. Aqui é coisa nunca vista. Ninguém convida pra nada, ninguém se visita, parece que nada acontece. Isso me dá nos nervos. Agora até to bem, o doutor me deu uns remédios porque eu estava ficando mesmo muito nervosa. Não consigo entender o sistema daqui. Como é que as pessoas sobrevivem?* <sup>104</sup> (D. Aquilina, natural de Planalto, mora em Farroupilha desde 2006.)

<sup>102</sup> A Prefeitura da cidade de Farroupilha dispõe de um serviço de atendimento psicológico e psiquiátrico gratuito para atender a alta demanda de problemas psíquicos. O CAISME. Em conversa com a responsável pelo atendimento da instituição, ela me informou que 100% dos atendimentos estão relacionados à depressão. O município que possui cerca de 60 mil habitantes atende, segundo a informante, 7000 casos por ano, o que representa mais do que 10% por cento da população com diagnóstico de depressão. Estes dados são da população em geral, não referindo-se a nenhum bairro específico, o que não permite pensar sobre a maior incidência estar entre naturais de Farroupilha ou entre os “de fora”.

<sup>103</sup> Esta não foi a única pista que me levou a pensar a depressão referida entre meus informantes a partir do **nervoso** de Duarte (1986). Não faz parte do foco deste trabalho buscar a fundo as representações deste mal-estar entre os novos imigrantes. Porém parece-me importante ressaltar que a mudança de universo simbólico que os recém chegados enfrentam pode ter relação com uma mudança no significado de identidade social que estaria aqui vinculada à identidade pessoal. Tomo, portanto, de Duarte (1986), para inserir no contexto desta pesquisa, a idéia de que uma cultura singularizada na preeminência do Valor do indivíduo estaria recebendo sujeitos que comparativa e situacionalmente trazem a não-ênfase nesse Valor, mas sim no privilégio à totalidade. (DUARTE, 1986,10). Desta forma, os recém chegados bruscamente deixam de ter a própria pessoa valorizada, aquilo que até então era o Valor está deslocado e não só lhes causa incompreensão como também mal-estar e novamente utilizando-me de Duarte, alguns tipos de resistência, como a própria depressão. Para DaMatta (1879) nada mais drástico do que a passagem do mundo das pessoas ao universo dos indivíduos”(DAMATTA,1979,192)

<sup>104</sup> COSTA (1989, 77) diz que “o distúrbio mental existe quando as representações de que o indivíduo dispõe para sentir e pensar sua identidade ou as causalidades e finalidades de seus projetos e emoções não se articulam em nenhuma rede de significados presente em sua consciência socializada. Diferente da cidade de origem destes novos imigrantes - mais próxima à sociedade tradicional, de relações pessoais – aqui passam a viver uma ordem mais individual na qual parecem não encontrar as representações conhecidas. As dificuldades relatadas para organizarem-se na nova sociedade aparecem como sofrimento, ou como mal-estar físico-moral, para utilizar aqui novamente a idéia de Duarte (1986). A organização de caráter relacional básico que prevalecia sobre as demarcações sociais dão lugar às relações individualistas (DUARTE,1993,65) desta cidade individualizada onde vivem atualmente. Na sociedade de origem as redes de amizade e de parentesco sustentavam “aquela moralidade

D. Veridiana, natural de Alpestre, mora há 12 anos no Primeiro de Maio. Ela me diz que senta a fazer crochê a tarde inteira. Não tem mais nada pra se fazer. Quando o tempo está bom diz que senta na porta de casa, mas é difícil isso acontecer. Ela participa do grupo de artesanato e já observei que fica às vezes absorta com o trabalho manual no colo com o olhar distante. Certa tarde, num desses momentos de ausência de D. Veridiana, me aproximei perguntando se ela estava bem e ela me respondeu: “O ritmo daqui é difícil, a gente não tem diversão, não tem amigos. Eu não entendo, mas eu sinto que o lugar comprime.”

Em vista disso é que os postos organizaram grupos de sociabilidade comunitária, proporcionando, através de encontros, atividades que venham a “melhorar a auto-estima” dos participantes e os incentive a viver mais coletivamente. Assim, pensam estar auxiliando na minimização e prevenção dos sintomas depressivos por eles identificados. Carla trabalha no bairro há cerca de dois anos. Ela me alerta para a quantidade de suicídios que tem visto acontecer entre os usuários do serviço de saúde. Para ela isto vem ocorrendo por uma causa social.

*As pessoas vêm muito atrás de remédio pra depressão, atestados pra não comparecerem ao trabalho. É uma falta de perspectiva, um isolamento social. Não imaginas a quantidade de depressão que tem aqui. Não são as pessoas individualmente que estão doentes, são questões do grupo que estão levando todos a sentirem-se muito sós e sem perspectivas. É devido ao sistema daqui que eles estão assim. Parece que não tem satisfação com nada. Não tem prazer em sair, divertem-se muito pouco. E quando saem, parece que estão loucos pra voltar logo pra casa. Nesses almoços, tu já debes ter observado! Até que o pessoal participa, mas depois da refeição, da distribuição dos brindes, não fica ninguém. Falta lazer! Eu tenho a impressão que ninguém faz nada para tornar a vida mais agradável. Estão estagnados e de cara amarrada. A equipe criou os grupos de convívio social pra ver se aproxima mais as pessoas, se diminui a tristeza em que vivem, pensamos em valorização e auto-valorização delas. Quem sabe a gente consegue melhorar isso! (Ana Luiza, natural de Ijuí, mora em Farroupilha desde 2004.)<sup>105</sup>*

---

que afirma a importância do todo (ou da sociedade) sobre o indivíduo. Dentro dela [a sociedade tradicional] a pessoa é importante porque pertence a uma família e tem compadres e amigos.” (DAMATTA,1991,44-45)

<sup>105</sup> É bom lembrar novamente que a equipe que diagnostica os problemas e propõe as soluções é constituída por profissionais provenientes de outras cidades, também são novos imigrantes, também apresentam estranhamentos para com o “sistema daqui”.

Marta também participa do grupo de caminhada do Posto. Certo dia, nós caminhamos um pouco mais atrás que o grupo e ela me contou que assim que chegou em Farroupilha queria fazer amizades. Chamava as colegas de trabalho até sua casa, servia chá com bolo da maneira como estava acostumada a fazer em sua cidade de origem. Nas conversas que tinham durante esses encontros ela começou a se abrir, contar sobre sua vida mais íntima.

*Parece que foi por aí que me dei mal. Eu tava achando que elas eram pessoas pra serem amigas. Que nada! Passaram me olhar com cara de que eu fosse uma verdadeira pecadora, ou sei lá, porque certamente não concordam com as coisas que eu acabei contando, né! Aqui o melhor é a gente não mostrar o que se é. Aqui não se pode ser e pronto! A gente tem que ficar o tempo todo se cuidando como fala, do que se fala, senão... Pronto! Hoje sei que não se divide a vida particular com ninguém. Aqui não se faz amizades. (Marta, natural de Rosário do Sul, mora em Farroupilha desde 1992.)*

Depressão traduz-se por sintomas psicológicos descritos como tristeza, abatimento, desânimo, desprazer na vida, preocupações, falta de coragem, desespero, infelicidade, desinteresse pelo ambiente e tarefas que antes lhe davam prazer significativo. Depressão, no entanto, não é uma doença somente psicológica, é uma doença de corpo inteiro. A pessoa se sente pesada, lenta (ou com uma agitação improdutiva), sente dores no corpo, dores de cabeça, alteração do ritmo intestinal, alteração da digestão, alteração da pele, dos cabelos, das unhas, alterações do sono, etc. (DUNCAN, SCHMIDT & GIUGLIANI, 1990)

Procurei saber o quanto todo esse universo da doença estava alicerçado em algum dado concreto. Há realmente um número grande de depressão no Primeiro de Maio? Não existem estatísticas com as quais se possa expressar em números o montante deste dado. Entretanto a preocupação que este tipo de estado físico-moral causa entre os moradores do bairro é bastante significativa.<sup>106</sup>

---

<sup>106</sup> Esta insatisfação trazida pelos novos imigrantes e constatada pelas equipes de saúde também pode ser abordada a partir das idéias trazidas por Sheper-Hughes. A autora observa que há um intercâmbio entre as representações do corpo pessoal-individual e o corpo social coletivo e simbólico. Através destes sintomas que afetam corpo e mente na relação social, os novos imigrantes poderiam então, estar refletindo sobre suas insatisfações cotidianas da vida coletiva no bairro Primeiro de Maio. Esta insatisfação, como na observação de SHEPER-HUGHES, (1992) toma a forma de doença de corpo aflito, expressado neste caso na epidemia de depressão.

### 3.3.1. “ÀS VEZES COMO É DIFÍCIL”

Ao contrário da depressão, sobre o suicídio, tema tabu, só se fala quando este acabou de ser cometido, ou se eu abordo o tema. E após uma inicial negativa como “não sei de ninguém que tenha se matado”. Intercalado por alguns momentos de silêncio, discorrem às vezes muito tempo enumerando os modos trágicos com que conhecidos deram ou tentaram dar fim à vida.

- “A menina de 15 anos “ali da quadra de baixo”, dizem que foi até o armazém de produtos agrícolas, comprou veneno para ratos.”

- “O dono do restaurante, lá no centro, comeu salitre”.

- “E tem aquela que estava estudando para ser auxiliar de enfermagem, dizem que pegou os remédios no hospital, e não morreu.

- “Lembra da guria que se atirou do prédio de estacionamento no centro?”

- “Há os que preferem se enforçar... D. Honorina quando soube da morte de uma moradora do bairro, diz que ela pensou que quem deveria ter morrido era ela que tinha 79 anos era viúva, sem parentes. Como é que teve forças? Foi na janela”.

Chama atenção a quantidade de casos de suicídio que vêm facilmente à memória destas pessoas.

Um dia cheguei ao bairro direto na casa de D. Lurdes, viúva recente, que oferecera a casa para o grupo da Boa Vizinhança porque queria agradecer ao Posto os cuidados dispensados pela equipe ao marido ainda doente. O assunto era o suicídio de um homem de 52 anos. Havia se separado da mulher há pouco tempo, “devia estar se sentindo muito só!” “Imagina, tu aqui, sem família tu não é ninguém.”<sup>107</sup>

Arílson tenta me explicar o que pode ter acontecido com um vizinho que cometeu o suicídio há algum tempo.

*O povo daqui é fogo. Jogam a gente, que chega de fora, pra baixo. Só no jogo psicológico. Não é um jogo aberto. Empurram a gente pra trás. O mercado é deles, os “italianos” (diz italianos em tom de deboche) Não querem dar lugar para os outros. Eles têm parece que uma raiva da gente. Muita gente desanima,*

<sup>107</sup> Na motivação atribuída ao suicídio do outro transparecem as suas próprias angústias e remete novamente à falta que lhes faz uma vida organizada pelas ordens tradicionais de uma construção de pessoa eminentemente relacionais.



*adoece, se suicida. Eu conheci um cara, morava na mesma quadra, que não agüentou. Era inteligente tinha condições de subir na vida. Mas eles tiraram todo o espaço dele. Faziam de conta que não viam toda a qualificação que ele tinha. Botavam ele a trabalhar em cargos bem inferiores à capacidade dele. Ele se desesperou, um dia tomou veneno. Eu sei bem, às vezes como é difícil.<sup>108</sup> (Arilson, natural de Vacaria, mora em Farroupilha desde 1977.)*

Pude observar que os moradores do bairro Primeiro de Maio encontram-se organizados em famílias nucleares e seus vínculos sociais são visivelmente verticais. A decisão individual – no máximo familiar – da emigração fez com que hoje em Farroupilha habitem famílias provenientes das mais diversas cidades do estado. Como a inserção destes sujeitos se deu através da aquisição de um emprego e o acesso à moradia diretamente com representantes das empresas, parece ter havido poucas oportunidades para que estabelecessem vínculos entre eles.

A rede de relações horizontal evidencia-se de maneira muito frouxa no sentido das relações de reciprocidade, porém, muito forte no sentido de manter o controle social. Ou seja, os moradores do Primeiro de Maio passam a observarem-se entre si de maneira a conservar a ordem do lugar sempre direcionada à ordem do trabalho, mantendo assim, afastados todos aqueles comportamentos que possam opor-se ou afastá-los das oportunidades do trabalho.

Ao tomar a imigração para além de uma transposição de espaço ou de mudança no universo simbólico, considero importante também pensar que esse deslocamento se constitui de um desejo de mudança existencial por parte dos imigrantes. Pois há um projeto individual que os acompanha e que irá se alicerçar no projeto da coletividade que os recebe. Desta forma incorporam comportamentos como estratégias de invisibilidade que orientam conscientemente suas atitudes, gestos e palavras de maneira adequada aos códigos exigidos no contexto. Aquilo que chamam “sistema daqui” ou o “sistema italiano” não deixa de ser, hoje, o próprio estilo de vida por eles agora adotado. As queixas dirigidas aos “italianos” são na verdade queixas sobre as suas próprias condutas. Assim, pude perceber o repertório de valores e condutas que

---

<sup>108</sup> As relações de desigualdade e dominação embutidas na queixa do nervoso aparecem mais como expressão de relações sociais do que como doença. (DUARTE, 1993)

constituem a italianidade fazendo parte das interações entre os próprios recém chegados.

Para pensar a depressão – diagnosticada pelos profissionais de saúde e descrita como emoção vivida entre os moradores do bairro Primeiro de Maio – baseei-me, primeiramente, no conteúdo das queixas dos novos imigrantes. Estas remetiam sempre à insatisfações para com o padrão de sociabilidade atual comparado ao modelo de suas cidades de origem. Os elementos trazidos para essa comparação me levaram a relacionar este contexto de dois universos distintos com o modelo dumontiano de sociedades tradicionais e modernas. Isto porque nas cidades de origem dos novos imigrantes, a valorização das relações pessoais os mantinha pertencentes a uma comunidade. Na cidade de Farroupilha, uma cidade industrializada, eles se vêem marcados pela impessoalidade das relações. Estes sujeitos, que até então viviam sob redes imperativas de amizade e de parentesco, parece estarem se sentindo agora inseridos num modelo moderno de sociedade individual.

Alguns estudos nortearam as possíveis leituras que aqui sugeri para compreender os deslocamentos das fronteiras simbólicas e os mal-estares que parecem estar atualizando as relações entre os atores no contexto abordado. De DaMatta (1976), tomo a idéia de que a “sensação de mal-estar pode ser explicada pela transformação drástica de pessoa a indivíduo”, quando os novos imigrantes passam de “um universo marcado pelas relações e moralidade pessoal para um mundo dominado pelas leis gerais e universalizantes” (DAMATTA, 1976,191). Duarte (1986) me faz pensar a depressão como uma “perturbação físico-moral” que ao envolver as diferentes formas de construção da pessoa pode estar constituindo uma forma de resistência ao modelo do indivíduo.

Gostaria ainda de acrescentar a esta discussão o fato de que o deslocamento entre dois universos simbólicos distintos, a que se referem os protagonistas da nova imigração, podem não estar necessariamente representando uma ruptura, mas, pelo contrário oferecendo uma dupla referência (SAYAD,2000). Em outras palavras, os novos imigrantes comportam em si mesmos tanto os padrões de suas cidades de origem como os novos padrões, identificados como comportamentos dos “outros”.

A depressão, diagnosticada pelos serviços de saúde e descrita como sensação corrente entre os moradores do bairro, pode ser relacionada a esta perda de si mesmos, entre identidades que lhes são negadas e outras que vão sendo integradas.

Enquanto eu evidenciava um contexto de fronteiras muito mais movediço do que a aparente dicotomia de um encontro entre recém chegados e italianos, eu me perguntava sobre as motivações e os mecanismos que estão implícitos nesses jogos identitários. A observação de um momento de excepcionalidade na cidade de Farroupilha forneceu-me elementos para uma leitura possível à compreensão dessas estratégias.

## CAPÍTULO IV

### O MUNDO VIVIDO E O MUNDO IMAGINADO : A GINCANA

Descrevo a seguir duas cenas relatadas em meu diário de campo que me pareceram importantes para que passasse a considerar a Gincana como um momento revelador, dada a sua excepcionalidade, pelo fato de ser considerada pelos moradores de Farroupilha como um momento de Festa. Quero tecer algumas considerações sobre a importância da Gincana como celebração coletiva que se refere à própria sociedade.

#### Cena 1:

*Depois de algum tempo morando em Farroupilha eu já estava acostumada ao pouco uso que os seus habitantes fazem das ruas e praças da cidade como lugares de lazer. Também já não estranhava mais a inexistência de encontros coletivos e de celebrações populares. Assim, não me surpreendia o pouco movimento de pessoas que durante o dia ocupam as ruas somente para o deslocamento de ir e vir entre a casa e o trabalho.*

*Até que certo dia dirigindo-me ao centro da cidade eu percebi um movimento diferente, fora dos padrões comuns ao lugar. Muita gente caminhava pelas ruas. Havia um “ar” diferente entre as pessoas, que pareciam mais despreocupadas. Elas falavam mais alto que de costume, interpelavam-se no caminho e alguns paravam para conversar. Observei grupos que passavam cantando, carros enfeitados que buzonavam e acenavam aos pedestres. A cidade vivia um momento de efervescência que eu ainda não tinha antes presenciado.*

*Segui o fluxo das pessoas que se dirigiam para a via principal. As esquinas estavam tomadas de comerciantes informais, vendedores de pipocas, balões, cata-ventos coloridos. Na rua principal uma multidão entusiasmada aguardava nas calçadas. Um cordão de isolamento impedia a passagem pelo meio da rua.*

*Crianças, adultos, velhos, em pé, olhavam ansiosos para um sentido da rua. Alguns, os mais idosos, haviam trazido cadeiras e esperavam mais confortavelmente, porém, não com menor ansiedade. Pessoas muito bem arrumadas ao lado de gente muito simples aguardavam com a mesma vibração. Fiquei surpresa com a espontaneidade com que conversavam umas com as outras e também comigo, oferecendo-se a uma cumplicidade que até então eu não havia presenciado entre os moradores da cidade. Compreendi que naquele momento estávamos todos fazendo parte de alguma coisa importante que possuía um significado compartilhado coletivamente e que eu queria descobrir o que era.*

*Ao tentar me informar sobre o que estava acontecendo as pessoas me diziam quase que todas ao mesmo tempo: “O que? Tu não és daqui?” “É a primeira vez?” “Então te prepara! Vais ver a coisa mais linda que acontece em*

*Farroupilha.” E ainda: “É o nosso carnaval” As pessoas não paravam de falar, queriam me antecipar o que iria presenciar, ao mesmo tempo que cediam espaço para que eu melhor pudesse apreciar aquilo que para eles é motivo de grande orgulho: o Desfile da Gincana de Farroupilha.*

## **Cena 2:**

*Eu estava, certa vez, em uma sala de espera de uma pequena empresa no bairro Primeiro de Maio aguardando o momento em que o proprietário da empresa conversaria comigo. A sala encontrava-se repleta de gente, pois a empresa estava naquele dia selecionando operários para trabalhar. Fiquei atenta aos diálogos que se davam no balcão, entre a funcionária que preenchia o formulário e os candidatos que o respondiam.*

*Uma mulher morena de estatura baixa e um tanto acima do peso, respondia à funcionária do balcão com um tom de voz bastante alto enquanto olhava para as pessoas da sala, fazendo com que todos os outros presentes na sala participassem da sua entrevista. Seu nome: Maria da Graça. Natural de Bagé. Idade: 37 anos. Moradora no bairro há 12 anos, trabalhou em outras duas empresas e agora está desempregada há 7 meses. Informava que tinha disponibilidade para trabalhar em qualquer turno e inclusive aos sábados durante todo o dia. Foi aí ela fez uma ressalva que me chamou a atenção: “Posso trabalhar todos os sábados, sem problema, faço até hora-extra, mas no sábado da gincana eu já aviso antes, né pra... assim, depois não dar problema. Nem pensar! Esse fim de semana pra mim é sagrado!”*

A Gincana ocorre de dois em dois anos, sempre no final do mês de novembro ou início de dezembro, integrando as comemorações da rádio que atualmente a promove. Acontece na cidade de Farroupilha, porém envolve as zonas rurais, assim como sujeitos das cidades vizinhas também. Tem a duração de um fim de semana, sem interrupção, acontecendo inclusive durante a noite de sábado para o domingo. A festa da qual se constitui este evento é um dos poucos momentos de excepcionalidade da cidade, que tem seu cotidiano sempre muito direcionado a seus momentos de trabalho.

Nos primeiros contatos que eu tive com a gincana, não pensava em integrá-la como parte deste estudo. Quando eu ouvia falar em gincana me vinha à memória as atividades escolares. Ou mesmo as brincadeiras de criança na casa de minha avó, que dessa maneira mantinha as crianças ocupadas em realizar tarefas. Ou ainda, pensava gincana como uma coisa competitiva e, portanto, pouco inserida na solidariedade que, para mim, deveria compor o momento da Festa. No Novo Dicionário Aurélio da

Língua Portuguesa, gincana consta como “competição, em geral entre equipes motorizadas e na qual se leva em conta não apenas a rapidez com que os concorrentes cumprem as tarefas predeterminadas, mas também a habilidade com que o fazem.”

Assim, eu passei algum tempo até entender que a gincana, um evento essencialmente competitivo e que envolve trabalho, estava proporcionando o encontro da coletividade dos moradores de Farroupilha. Percebi então que este evento tinha um significado diferente dos momentos comuns diários. Além disso, eu perseguia “momentos de sociabilidade” que percebi tão raros. Portanto, a Gincana deveria ter algo de especial. Para os moradores da cidade, a gincana é vivida como um momento extraordinário e concluí, a partir de alguns pressupostos que a seguir demonstrarei, que isto sinalizava um sentido ritualístico aí depositado.<sup>109</sup>

Até então eu havia me defrontado freqüentemente com relatos em que os moradores do Primeiro de Maio se referiam, ou melhor, se queixavam, de não terem em Farroupilha momentos diferentes, em que pudessem esquecer as regras do dia-a-dia e juntamente, uns com os outros, vivenciar outra coisa que não a ordem do trabalho. Isto era uma prática comum em suas cidades de origem e, segundo eles, lhes parece importante para que possam voltar revitalizados ao ritmo cotidiano. (ver relatos do capítulo 2)<sup>110</sup>

A cidade de Farroupilha realiza inúmeras procissões nas ruas e almoços comunitários para homenagear seus santos sem que, no entanto, estes acontecimentos se transformem naquilo que os novos imigrantes considerem uma “festa”. Talvez porque não vivenciem nesses eventos nenhuma solidariedade mais intensa e nem mesmo se reconheçam no espetáculo proposto. Nas festas que me descreviam, ou mesmo naquelas das quais participei, não se apresentava aquilo que todos esperavam

---

<sup>109</sup> Peirano (2001) alerta que a definição de ritual é uma definição relativa, que não compete aos antropólogos. A excepcionalidade do evento é um significado que deve ser trazido pelo ‘nativo’ e cabe ao pesquisador a habilidade em detectar o que e quais são os momentos especiais para os sujeitos daquela sociedade. Minha tarefa aqui é evidenciar o envolvimento e a expressividade deste momento extraordinário, ou seja, o que podemos aprender sobre os interlocutores através deste ritual.

<sup>110</sup> Turner (1974) observa a dinâmica social como processo vital, no qual as considerações sócio-estruturais são intercaladas por uma anti-estrutura social. É a ausência desta dinâmica que parece estar sendo questionada entre os novos imigrantes em Farroupilha, pois ao se expressarem trazem a idéia de que lhes falta, que Turner chama de a “dialética da *communitas*”. Ou seja, a vida coletiva apresentando momentos em que os homens são libertos da estrutura social, entram em *communitas* apenas para retornarem à estrutura, revitalizados por tal experiência.

viver – e que, segundo eles, era comum acontecer em suas cidades de origem, algo extraordinário.<sup>111</sup>

A Gincana de Farroupilha não está direcionada aos moradores dos bairros operários. É um evento muito mais abrangente. Surgido entre os moradores da cidade, assiste a uma adesão cada vez maior de pessoas, entre as quais, os novos imigrantes. Eles também participam, inicialmente sob a perspectiva de terem encontrado um espaço propício a vivenciarem momentos de excepcionalidade por eles tão esperados.

A gincana foi o único evento relatado pelos moradores do Primeiro de Maio – e posteriormente por mim observado – em que pessoas de toda a cidade saem às ruas, em massa, para celebrarem coletivamente um tempo de alegria e prazer que não estão presente nas relações do cotidiano do trabalho. É uma festa! Eu deveria, a partir deste achado, procurar identificar os elementos envolvidos neste evento que o tornam tão significativo para os moradores da cidade, inclusive para os novos imigrantes, com os quais convivi durante todo o tempo desta pesquisa. Cabe perguntar qual é a expectativa dos sujeitos envolvidos e, portanto, como compreender essa Festa como ritual.

#### **4.1. A GINCANA E A TEORIA, O IR E VIR DO TRABALHO ANTROPOLÓGICO**

A significativa importância que os moradores de Farroupilha demonstraram dar à Gincana, caracterizando-a como um momento extraordinário, foi o que me levou a considerá-lo como objeto relevante para este trabalho. A intensa participação da população, que transforma o cotidiano da cidade, a enorme expectativa com esse

---

<sup>111</sup> Esta sensação referida pelos novos imigrantes, que sentiam em sua vida anterior nas cidades de origem, quando faziam parte de um coletivo em ação festiva e extraordinária, proporcionava-lhes uma emoção mais intensa, um êxtase que, ao ser observado por DaMatta (1979) é relacionado ao “melhor estilo da sociedade holística tradicional e hierarquizada”. Com isto, mais uma vez encontro uma referência que aponta para as cidades de onde vêm os novos imigrantes como um mundo com predominância num modelo tradicional anterior.(DAMATTA, 1979,41)

‘tempo de festa’ antes e nos dias do evento, o respeito a um calendário cíclico, foram dados que me levaram a pensá-lo como um ritual.<sup>112</sup>

Um breve apanhado de algumas das reflexões teóricas sobre rituais podem elucidar as maneiras como me apropriei deste debate antropológico para pensar a gincana. Estão, a seguir, algumas considerações que podem elucidar as relações que estabeleci entre as teorias que discorrem sobre ritual e a minha observação participante.

A Gincana está evidenciada e categorizada como festa num recorte já dado pelos participantes. Eles se referem a esse momento de alegria e divertimento, quando momentaneamente experimentam a ausência das regras cotidianas. Mas, será que a festa se resume “a mera fruição, divertimento ou válvula de escape do dia-a-dia?” Será que festejar se opõe à responsabilidade e à consciência social do cotidiano? (AMARAL, 1998,5)

A aproximação que faço da festa da Gincana com o ritual deve-se ao fato de que a Gincana – como outras festas – está cercada de representações, de imagens e de idéias que são os próprios elementos da vida social do grupo. A festa, como o ritual, se desenvolve a partir do repertório cultural do grupo. DaMatta (1979) diz que a festa tem a função de reforçar e/ou negar o modo pelo qual a sociedade que a celebra se organiza, através de um seleção, feita pela vontade do próprio grupo, entre elementos que devem estar presentes e elementos que devem ser excluídos do evento. A festa assume, desta forma, um caráter simbólico, no qual, a partir de um fundo comum de crenças, a comunidade se “oferece em espetáculo” (MERIOT,1999,9)

Esta idéia foi inicialmente trazida pela sociologia, por Durkheim (2003), que atribui a esses momentos uma função educativa de reviver e reafirmar para o grupo suas próprias crenças e regras, proporcionando em seus membros o sentimento de si mesmo, a sensação de pertencimento do sujeito ao coletivo. Nesta festa, vista como

---

<sup>112</sup> Tomo a definição de ritual dada por Tambiah (1996) utilizando-me da tradução feita por Peirano (2003,11): “O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa, como um ato convencional; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação e 3) finalmente, no sentido de valores inferidos e criados pelos atores durante a performance.



um ritual, portanto, vislumbramos um meio pelo qual o grupo se reafirma periodicamente ao reafirmar regras de conduta que prescrevem como o homem deve se comportar em relação ao sagrado. Sagrado no sentido trazido por Hubert e Mauss (2005), de que é tudo aquilo que para os membros do grupo qualifica a sua sociedade.

113

As histórias exemplares e significativas de um grupo, como que um “mito vivo” (MIRCEA,1972), fornecem modelos comportamentais que informam as atitudes de seus membros no seu dia-a-dia. Periodicamente, em ocasiões ritualísticas, aparecem intensificadas, exaltadas, “facilitando assim a transmissão de valores e conhecimentos do grupo e levando a resolução de conflitos assim como reproduzindo as relações sociais.” (PEIRANO, 2001,10)

Daí as festas como rituais serem consideradas “uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante nos seus sistemas de valores”. (DAMATTA,1979,24)

A Gincana, portanto, está, aqui neste trabalho, considerada como um domínio privilegiado para observar alguns elementos que, extraídos das interações sociais que ocorrem entre os moradores de Farroupilha, são manipulados, dramatizados e valorizados durante a festa. Ou, como diz Geertz, para entender uma “história que eles contam a eles próprios sobre eles mesmos”. (GEERTZ,1989)

## **4.2. AS ORIGENS DA FESTA**

Na lembrança dos moradores de Farroupilha, a origem da Gincana é bastante polifônica. As informações que obtive entre os farroupilhenses sobre como o evento teria surgido são muito variadas. Para alguns, as primeiras gincanas teriam sido promovidas por um clube da cidade, para outros, foi uma rádio local que tomou a iniciativa. A maioria, no entanto, lembra que a Gincana começou como atividade escolar e que aos poucos, devido ao envolvimento espontâneo da população, foi

---

<sup>113</sup> Na trajetória dos antropólogos que tratam o tema, a análise de rituais parte de preocupações sobre religião, estrutura, sagrado e profano, e transita para debates sobre rituais seculares, como momentos de expressão e comentário - meta-comentário - da vida social. (Van Gennep, Turner, DaMatta, entre outros.)

tomando dimensão cada vez maior, de forma que a escola passou a não dar conta de sua organização. Esta foi transferida para outras instituições, que foram tomando para si a responsabilidade da sua realização.

Os moradores da cidade apontam diferentes origens para a gincana, no entanto, a década de 70 é referida por todos como data de início desta festa. Acho importante lembrar, mesmo que isto não esteja presente nas narrativas dos moradores da cidade, que esta é a data histórica e sempre por eles lembrada em outras ocasiões, para referirem-se às transformações que levaram a cidade de Farroupilha de uma pequena ‘colônia vêneta a um pólo econômico industrial’.<sup>114</sup>

Atualmente a gincana é organizada por uma rádio da cidade. O diretor-proprietário da rádio, que nas edições anteriores da gincana estava envolvido com a sua locução, tomou a frente do evento. Em 1990, quando a Gincana já era um acontecimento de grande vulto entre os farroupilhenses, este empreendedor, morador da cidade, resolveu assumir o compromisso da sua continuidade. Para trazer ainda mais sucesso ao evento que já vinha crescendo espontaneamente, promoveu algumas mudanças na dinâmica da Gincana.<sup>115</sup> O seu modelo atual conta com um Desfile de abertura ao qual se seguem as execuções das tarefas que incluem apresentações artísticas e um show de encerramento. A inserção de um desfile, nos moldes do desfile carnavalesco das escolas de samba do Rio de Janeiro, aponta para a possibilidade de se pensar que a grande imigração de sujeitos de outras regiões do estado, familiarizados com festas populares de rua, pode ter influenciado nesta transformação. Ou seja, a inserção do espetáculo como contribuição destes novos moradores.

---

<sup>114</sup> Desta forma passei a pensar o surgimento da Gincana como evento popular que está participando da atualização de um ethos, como um ritual que informa e educa seus sujeitos sobre uma nova maneira de viver. Como evidencia Mocellin (1993), a formulação moderna do mito está associada à urbanização e industrialização da região a partir dos anos 70. A autora explica que “as transformações ocorridas dentro de uma ordem cultural instituída como tradicional da cultura italiana estão relacionadas com as novas significações de italianidade, que são produzidas dentro desta nova versão moderna de concebê-la. (MOCELLIN,1993,269) Os descendentes de imigrantes italianos na cidade de Farroupilha industrializada ressignificam sua identidade e reatualizam o mito do colono. Transformaram o “heróico civilizador” em “descendente de imigrante grande empreendedor”. Para isso buscam nos antepassados comportamentos e valores exemplares, como o culto ao trabalho, para nortear a conduta no cenário em transformação. Através do discurso do progresso alcançado se afirmam frente aos grupos regionais e nacionais como sujeitos detentores de atributos como o empreendedorismo e o impulso ao trabalho como inerentes à sua etnicidade.

<sup>115</sup> As mudanças vêm corroborar a idéia de alguns autores de que as constantes transformações no rito são essenciais para que ele esteja sempre sendo significativo aos sujeitos nos novos contextos de relações sociais.

A data da Gincana está vinculada às comemorações de aniversário desta rádio que a promove. Acontece durante os dois dias do fim de semana, começando no sábado pela manhã e terminando somente no final do domingo, sem interrupção no sábado à noite. Uma das mudanças trazidas foi quanto à frequência do evento. Mais recentemente deixou de ser realizado todos os anos e tornou-se um evento bienal. O organizador me explicou que “realizar a gincana é muito dispendioso” e o intervalo de dois em dois anos por ele proposto veio “assegurar a sua continuidade no nível em que o evento merece”. Por outro lado, a insatisfação dos participantes com esse espaçamento da gincana revela a importância desse momento para eles. O líder de uma das equipes disse-me em uma entrevista que “Farroupilha já não tem nada de divertido pra fazer. A Gincana é a nossa melhor festa. Por que não fazer todos os anos?”

#### **4.3. A PREPARAÇÃO DA FESTA**

As equipes trabalham em função de arrecadar fundos entre os empresários da cidade, muito tempo antes da realização da mesma. Alguns líderes de equipe são enfáticos em dizer que na verdade a próxima gincana começa a ser pensada no dia seguinte da festa de encerramento. Além dos empresários que naturalmente colaboram por serem também integrantes das equipes, são necessários outros patrocinadores. Esta é uma festa que movimenta muito dinheiro, me informam os líderes dos grupos, eles necessitam levantar fundos para que suas equipes tenham condições de competir. Portanto, a organização deve ser iniciada com antecedência, para que seja providenciada uma série de ações que possibilitem o levantamento do dinheiro necessário.

Os membros de cada equipe confeccionam *folders* e outros materiais gráficos para apresentarem aos possíveis apoiadores. Nesse material ficam evidentes os elementos que estão sendo acionados para atrair participantes.

*“ Farroupilha é uma cidade com mais de sessenta mil habitantes, sendo que grande parte dessa população adora se divertir trabalhando na tradicional gincana que aqui ocorre.”*

*Outras, ainda propõem-se a manter o “bom trato com as pessoas, a transparência e uma **conduta pró-ativa**.” Ou também comprometem-se, as que não obtiveram boa classificação, a mudar “completamente o paradigma da equipe” alterando “a forma de **organização e trabalho**.” (Extraído do folder de apresentação da equipe Zuera, na gincana de 2007. Grifos meus)*

Sou informada pelos gincaneiros de que esta etapa que estabelece as estratégias de organização e que capta recursos materiais é de suma importância, uma vez que assegura a competitividade dos grupos. O organizador da Gincana me revelou sobre a preocupação que ele tem em assegurar-se de que há paridade entre as equipes, tornando-as minimamente equivalentes na competição. Por isso, somente depois de definidos os patrocinadores e seguros de que todas as equipes estão apoiadas financeiramente está certa a realização da gincana.

Cerca de um mês antes da data prevista, os envolvidos com as equipes já começam a dar sinais da proximidade da festa. É possível perceber algumas alterações no movimento da pacata e ordeira cidade devido à presença do “espírito gincaneiro” nas ruas. Pode-se ver pessoas usando camisetas de suas equipes, carros com adesivos e às vezes com enormes bandeiras que levam o logotipo da equipe. Em virtude disso, as ruas, nos dias que precedem o evento, ficam bem mais movimentadas e barulhentas em horários que até então era respeitado o silêncio.

Cada equipe conta com um líder que é auxiliado por uma comissão. Estes membros do grupo, mais estreitamente envolvidos com a participação da equipe, cerca de dois meses antes do evento responsabilizam-se por alugar um espaço na área central da cidade para a instalação de um QG. Nesses locais, inicialmente reúnem-se as pessoas mais diretamente ligadas à organização da equipe. Com a proximidade da data da festa o número de pessoas que confluem para esses locais vai aumentando cada dia mais. A festa, portanto, começa já nessa etapa da Gincana, quando as pessoas extraordinariamente passam a se encontrar no final do dia. A fachada onde estão localizados os QGs apresentam letreiros que os identificam francamente com bares que normalmente, no contexto do cotidiano, não existem em Farroupilha.<sup>116</sup>

---

<sup>116</sup> A quase inexistência de bares nesta cidade extremamente voltada para os momentos de trabalho torna esse dado um claro elemento de ruptura com a ordem cotidiana. Nesses locais, os QGs, durante a organização e realização da gincana, há música, bebidas, e muitos indivíduos lá permanecem conversando após o horário do trabalho, sem que se dirijam imediatamente para as suas casas, como costumam fazer ordinariamente. Esta

FIGURA 10 – OS QGs



Nas vésperas do início da gincana, os QGs ficam movimentadíssimos. Pessoas de diferentes idades, de classes sociais distintas, ‘gringos’ e ‘pretos’, compartilham igualmente destes lugares para organizarem suas equipes para os desafios da competição. Muitos voluntários dispõem-se a repassar as camisetas, a repor os freezers de bebidas para gelar, a fazer a distribuição de cargos a serem desempenhados durante o evento.

Conversando com essas pessoas percebi que não dá para se fazer um recorte preciso de um tipo de pessoa que participa da festa, pois representam realmente uma grande diversidade. Não pude observar nenhum corte etário, é algo que aglutina todas as faixas de idade. Este dado não só evidencia as diversas adesões ao evento como os inúmeros existentes para essas diferentes atuações. Pude constatar que as motivações que levam as pessoas para aí se dão por múltiplos fatores. Os sujeitos envolvidos com a Gincana diariamente se dirigem aos QGs. Há aqueles que trabalham: na organização, na produção artística, na captação de recursos, e há outros que desfrutam da criação de espaços que possibilitam a vivência de lazer e diversão. Enquanto os primeiros se divertem produzindo cenários, figurinos, cronogramas, ou secretariando reuniões, outros se divertem ao encontrar outras pessoas para conversar, jogar cartas, tomar uma bebida. Outros me disseram que o tempo de organização e realização da gincana é “bom para namorar, ficar. Isto porque todo mundo fica mais nas ruas... porque todo mundo fica mais comunicativo! Isso sem falar nos bailes!”

---

ordem do cotidiano ausente de momentos públicos de diversão me leva a pensar nos bares como locais que em Farroupilha propiciam o aparecimento de elementos interditos – a diversão, a bebida, enfim, o ócio -, que protege e isola os sujeitos dos valores mais importantes que, nesta sociedade, são aqueles que encontram-se ligados à ordem do trabalho.

Pude observar nesta etapa preparatória para o evento, além do caráter festivo e competitivo entre os gincaneiros, que tudo é muito bem planejado. A preocupação em construir uma estrutura empresarial, portanto, fica evidente no processo da montagem de cada equipe para a competição. Os organizadores das equipes trazem esta visão empreendedora claramente em seus discursos quando se explicam quanto às linhas de trabalho seguidas na organização dos grupos. As paredes dos QGs ostentam elaborados organogramas, cronogramas, maquetes que ao mesmo tempo informam os participantes das estratégias da equipe, exibem a capacidade dos organizadores.

A idéia de que o empreendedorismo dos vencedores se fez com muito trabalho e com o conhecimento de estratégias empresariais que permeiam a vida dos habitantes da cidade como está muito evidente neste evento. Os participantes, principalmente os mais recentes, dizem com muita satisfação que a organização da equipe para a gincana “é linda, parece até uma empresa!”<sup>117</sup>

A Gincana aparece como a face festiva que celebra a idéia de que todos compartilham de potenciais de “empreendedorismo”, um “valor” vivido ao mesmo tempo individual e coletivamente, de modo concentrado, durante a festa.

Os papéis sociais que os indivíduos exercem em seu cotidiano não necessariamente se expressam de modo homólogo no momento da Gincana. As funções exercidas na organização do trabalho da Gincana por um indivíduo muitas vezes não corresponde à sua distinção na sociedade. Um líder de equipe muito jovem me revelou que “uma das coisas mais bacanas da Gincana é tu estares ali junto com um grande empresário decidindo como igual pela tua equipe”. Em outras palavras, como um “ritual”, a Gincana permite “suspender” temporariamente hierarquias

---

<sup>117</sup> A festa incluindo esta forte organização empresarial revela os valores e as utopias do grupo. Focalizar as especificidades dos rituais para demonstrar que são “momentos de intensificação do que é usual torna-os *loci* privilegiados – verdadeiros ícones ou diagramas – para se detectar traços comuns a outros momentos e situações sociais. Se existe uma coerência na vida social – como os antropólogos acreditamos -, o que se observa no fragmento do ritual (...) também se revela em outras áreas do comportamento que o pesquisador investiga. Vivemos sistemas rituais complexos, interligados, sucessivos e vinculados, atualizando cosmologias e sendo por elas orientados. (PEIRANO, 2001,28) A revelação dos gincaneiros mais próximos à organização central das equipes proporcionou-me a compreensão de certas práticas sociais que esta sociedade deseja situar como parte dos seus ideais modelares.

vividas cotidianamente e, de outro lado, conhecer melhor, pela experiência direta, estas distâncias sociais.<sup>118</sup>

#### 4.4. AS EQUIPES

Tradicionalmente participam desta gincana cinco equipes. Segundo o organizador do evento, este é o número mínimo de equipes para que a gincana aconteça. Um número menor, segundo ele, seria insuficiente para manter acirrada a competitividade.

A adesão a uma equipe se encontra, na maior parte das vezes, atrelada à escolha familiar. Como explicou uma das informantes, desde pequenos os filhos dos gincaneiros participam das equipes, assim sendo, os pais passam à geração seguinte a opção da equipe. Entretanto, entre os adultos pude encontrar irmãos participando em equipes distintas. Esses me relataram que se dão muito bem, porém, em época de gincana é “melhor ficar bem distante”.

As pessoas que querem começar a participar em uma equipe, quando não têm a referência familiar, como é o caso dos novos imigrantes, passam por um processo de integração na organização. Tanto no relato dos líderes de equipe quanto entre os comentários dos novos imigrantes que hoje participam da gincana como integrantes de equipe, pude ouvir a explicação de que “as equipes estão abertas a qualquer pessoa que queira se integrar”. Um gincaneiro, morador do bairro Primeiro de Maio, me contou como foi o processo de entrada na equipe que hoje participa “com devoção”:

*É claro que quando cheguei já havia o grupo que já há mais tempo fazia parte da equipe e por isso já estavam bem integrados. Eu fui a convite de um colega da firma. Ele também quando participou pela primeira vez tinha ido com outro colega, diz que o chefe deles convidou. Eu fui. Mais festei do que ajudei. Ficava lá no QG, tomando cerveja, às vezes chegava alguém conhecido aqui do bairro. Achei ótimo o movimento todo da festa. Depois lá no centro, na rádio, os shows, aquele monte de gente. Depois na próxima gincana eu já cheguei pronto pra ficar*

<sup>118</sup> A diminuição das diferenças é uma das características atribuída à festa por Turner (1974), que pensa este momento como oposição e complementaridade num processo dialético com a estrutura do cotidiano. Enquanto a estrutura é segmentária e hierárquica, a anti-estrutura ou o evento à margem, neste caso, a Gincana, apresenta-se homogênea e igualitária, transtornando as hierarquias – seus participantes se reconhecem juntos numa “multidão de pessoas que não estão lado a lado (e, acrescente-se, acima e abaixo), mas umas *com* as outras.” (TURNER, 1974, 154)

*curtindo a festa, né. Quando alguém foi logo dizendo pro pessoal da equipe que eu trabalhava bem com eletricidade. Daí, me botaram no batente, fiz umas coisas lá e nos anos seguintes fui me entrosando cada vez mais. Eles viram que eu era bom naquilo que fazia e que pegava junto, não era de me bobear. Hoje me sinto parte da equipe e sei que eles também me consideram um deles. (Gincaneiro, natural de São Borja, mora em Farroupilha desde 1984.)*

Os organizadores me disseram a mesma coisa sobre a maneira como as pessoas se integram nas equipes. É necessário que a pessoa, ao chegar no QG, procure os responsáveis da equipe e identifique-se segundo suas habilidades. Aos poucos o grupo vai comprovando a competência daquela pessoa. A partir de seu empenho e eficácia em realizar as tarefas, a pessoa vai sendo reconhecida e então, integrada como parte importante para a competitividade do grupo. “A pessoa vai demonstrando seu potencial, não tem como a gente, frente a uma verdadeira multidão, saber quem é cada um e o que eles sabem fazer para poder ajudar”, me explicou um integrante de equipe responsável pela organização do pessoal.<sup>119</sup>

Durante a Gincana encontrei um grupo de jovens que eu conhecia do bairro Primeiro de Maio na frente de um dos QGs. Estavam vestindo camisetas da equipe, bonés e bermudas. Segurando, cada um, uma latinha de cerveja na mão, me falaram sobre a escolha de participarem da gincana nesta equipe especificamente. Disseram-me que estavam ali participando daquela equipe porque tinham conhecidos dentro da equipe e aí foram gostando mais desta equipe. “Mas a gente tá aqui só pra fazer festa. Tomar uma cervejinha”, disse um dos adolescentes num gesto me oferecendo a bebida. Outro me revelou um tanto contrariado que gostaria de estar participando mais das decisões, “mas o grupo é muito fechado. Eles não abrem pra gente, só eles fazem tudo. É uma ‘panela’!”<sup>120</sup>

---

<sup>119</sup> Tomando de Durkheim (2003) a idéia de que os ritos são regras de conduta que orientam o comportamento que os homens devem ter em relação às coisas sagradas, os passos seguidos para a admissão efetiva numa equipe não só evidenciam o valor do trabalho entre os sujeitos deste lugar, assim como o caráter quase didático da gincana, que informa das ações e etapas necessárias à integração nos valores e comportamentos significativos ao grupo. Por isso deixo de estranhar o fato de um evento no qual o trabalho (tarefas) e a competitividade (rivalidade entre as equipes) é motivo de festa. Esses elementos encontram-se nesse momento focalizados e exaltados de maneira a evidenciar, reforçar e recriar o repertório cultural do lugar. Ao mesmo tempo em que reafirmam aos naturais do lugar, informam aos que vão chegando sobre as visões de mundo dominantes.

<sup>120</sup> A festa fornece essa multiplicidade de significados, de elementos comunicativos que ritualizam e atualizam as relações sociais do lugar.



As pessoas de uma mesma equipe se consideram uma “familiar” e referem-se à grande unidade existente entre os membros do grupo durante os trabalhos.

*A nossa equipe é uma familiar. A gente gosta muito de saber que está chegando a hora da gincana porque a gente sabe que vai encontrar pessoas queridas e que a gente só encontra por ocasião da gincana. No resto do tempo cada um trabalha, tem suas famílias... Isto é outro lado bom da festa! Poder se encontrar uns com os outros. (Gincaneira, natural de Farroupilha, descendente de imigrantes italianos.)*

121

Uma participante me fala da sua equipe como um grupo em que todos estão seguros de estar porque todos zelam por uma ordem equivalente à ordem prezada pelas famílias dentro das suas casas. Diz ela que

*a gincana, é assim, entra no sangue da gente porque as crianças desde muito pequenas vão aprendendo a gostar da festa. A família inteira participa. A gente que é responsável pelo QG sempre tem muito cuidado para que os pequenos e também os adolescentes estejam em lugar seguro. Assim os pais sabem que podem deixar seus filhos participarem que estamos todos de olho. Controlando a bebida, sempre prestando a atenção nas meninas que, às vezes, bebem demais, para que nada lhes aconteça. A gurizada muitas vezes se passa e a gente não pode olhar tudo, mas dentro do possível a gente tá cuidando pra que todos se sintam num ambiente bom. (Gincaneiro há 23 anos, natural de Farroupilha, descendentes de imigrantes italianos.)*

Os nomes das equipes, no entanto, não encontram nenhuma correspondência com o relato acima. Nada apresentam em seus significados que leve a pensar em algum controle dos excessos que a festa possibilita. As denominações das equipes em Farroupilha são comuns às encontradas em outras gincanas, ou seja, como em todas as outras competições dessa natureza, os participantes buscam denominações relacionadas à bebida, como Pileque ou Gin e Cana; ou à “bagunça”, como me esclareceu o líder da equipe Zuera; ou à não racionalidade, no caso da equipe Veia

---

<sup>121</sup> É interessante observar a sensação desses sujeitos ao partilharem de um “nós” dentro de cada equipe que rivaliza com um “nós” das outras equipes. Isto não parece estar fracionando o grupo como um todo em vários pequenos grupos rivais. A coletividade está acionada pelo jogo, que para acontecer agrega a todas as equipes. Submetem-se a esse todo, todos aqueles que fazem parte da gincana. Por mais paradoxal que possa parecer é a competição, a rivalidade, que congrega a todos num sentimento de coletivo.

Seca, que traz este nome referindo a uma “veia seca na cabeça, coisa de maluco”, ou ainda à falta de materialidade que o nome da equipe Fantasma sugere.

O interessante é pensar que estas denominações estão sendo trazidas num mesmo momento em que está se dando a confirmação dos valores extremamente opostos a estes. A gincana, com sua natureza competitiva, está aqui reafirmando valores caros à comunidade farroupilhense, ou seja, os valores do trabalho, do empreendedorismo e de grande rivalidade que os moradores de Farroupilha dizem existir entre eles. No entanto, os nomes das equipes sugerem a promoção de valores de uma outra ordem, de atitudes que no cotidiano devem ser afastadas. A embriaguez, a inconsciência, a desordem, por afastarem as pessoas daquilo que entre eles é extremamente valorizado – o trabalho – e que não são evocadas em seu cotidiano. No entanto, aparecem no emblema dos grupos que estão a trabalhar na gincana, evidenciando, dessa forma, a permissividade de excessos que a gincana, como festa ritual, está promovendo.<sup>122</sup> Como ritual e como festa, esta situação “liminar”, possibilita experimentar tudo aquilo que é anti-estrutura.

A solidariedade acontece entre os membros de uma mesma equipe, os outros são sempre adversários. Em certo dia, eu sentada dentro de um QG, fui advertida por um integrante da equipe com o qual eu conversava, de que por enquanto era fácil eu entrar ali sem estar identificada por uma camiseta, ou sem ser reconhecida pelos outros integrantes. “Quando chegar mais perto do dia todos vão ficando muito desconfiados. Já teve casos em que pessoas de outras equipes vestiram a nossa camiseta só pra vir espionar. Não dá pra confiar, nem mesmo irmão, pai. Se é de outra equipe é concorrente!”

---

<sup>122</sup> Na festa, os interditos, profanos, mesclam-se com o sagrado. A gincana – como todos os eventos de sociedades complexas – constitui-se num modelo intermediário entre negar e reiterar a própria organização da sociedade. O evento seleciona, através da inclusão e exclusão, pela vontade popular, o que deve ou não estar presente nele, o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. No caso da Gincana, os valores caros ao grupo aparecem sendo manipulados num cenário construído também por comportamentos indesejáveis no cotidiano. Ou seja, a competitividade e o trabalho, identificação reivindicada pelos sujeitos deste lugar, encontram-se, durante a Gincana, lado a lado com práticas contrárias, negadas no dia-a-dia. Enquanto todos os discursos sobre a cidade a emblematizam como uma cidade voltada ao trabalho, as equipes se emblematizam pelo seu oposto durante a festa, evocando através de suas nomações idéias de ócio, embriaguez, irracionalidade. Desta forma, a Gincana “concretiza sonhos, anseios e fantasias ao mesmo tempo em que, longe de construir um fenômeno alienante, separado e distante da vida real, volta-se também a resoluções de problemas reais, através da organização dos grupos em nível local”. (AMARAL, 1998,7).

A “familiar”, a que se referiu o informante anteriormente, se reúne neste evento para rivalizar com os outros grupos. Uma gincaneira entusiasmada, entrando no site de sua equipe para me mostrar algumas fotos que comprovem o desfile “maravilhoso” da gincana me diz que esta “é uma festa de integração apesar de trazer muita rivalidade entre os participantes”. Ela ri e comenta: “Engraçado, né? Nós os italianos temos isso de querer sempre ser mais que o vizinho e isto aparece até na hora da festa, aliás, fica mais forte durante a gincana”.

#### 4.5. A CONSTRUÇÃO DO DESFILE

Uma das preocupações centrais dos grupos organizadores das equipes, para enfrentarem a competição, está na preparação do desfile de abertura, o “ponto alto” da Gincana. E não é por ser um momento de demonstração artística sem pontuação na Gincana que perde o caráter de rivalidade que permeia toda a festa. Um membro de uma das equipes, que há 23 anos está envolvido na organização, me revela que o desfile

*É quando a gente demonstra todo o nosso potencial enquanto equipe organizada e criativa. É com o desfile que começa a competição e como todos sabem nós, os italianos, temos isso de querer sempre fazer mais do que o vizinho. Se o outro faz eu tenho que fazer melhor, por isso é uma grande responsabilidade estar na frente da organização da gincana. (Líder atual de uma das equipes, natural de Farroupilha e descendente de imigrantes italianos)<sup>123</sup>*

Para a elaboração do Desfile, algumas pessoas se reúnem nos QGs para pensarem um tema e desenvolvê-lo numa dinâmica de alas e carros alegóricos que descreverei mais adiante. Para esta etapa é necessário ter um espaço de grandes dimensões – alguns utilizam prédios de empresários e industriais que fazem parte do grupo – onde os próprios membros da equipe, com habilidades específicas e disponíveis, se reúnem após seus expedientes de trabalho para elaborarem os elementos cênicos do desfile. É nesse pavilhão que os participantes confeccionam

---

<sup>123</sup> A emoção referida pelos participantes do evento para dar motivação à Gincana foi a rivalidade. Que juntamente com a inveja são atributos relacionados por eles à etnicidade italiana.

figurinos, adereços, enormes elementos de cena, e constroem os carros alegóricos. É tudo feito sob o maior sigilo, dizem eles. Porém, alguns me revelaram os seus temas e a forma como esses temas serão abordados. Alguns organizadores de equipes também já sabiam antecipadamente os temas das outras equipes quando conversei com eles. No entanto, o clima de mistério é mantido entre a maioria das pessoas envolvidas e, mesmo quando sabem de alguma coisa, esta é dita como se detivessem em poder o segredo do outro.

A música que acompanhará o desfile é lançada - juntamente com a nova camiseta-, em uma grande festa realizada com antecedência em algum clube da cidade. Essas músicas são chamadas de hinos e em geral constituem-se de paródias, ou seja, são compostas letras que acompanham o tema da equipe sobre uma melodia bastante conhecida. Após a divulgação dos hinos, estes passam a ser tocados na rádio promotora do evento. Os hinos, então, vão sendo aprendidos pela população, para que no dia da apresentação todos os integrantes e simpatizantes possam acompanhar cantando.<sup>124</sup>

Desta forma é certo que nesse mês que antecede a gincana, muitas e grandes festas são realizadas na cidade. Na festa de lançamento dos hinos, cada equipe se esforça para trazer uma banda melhor, para apresentar uma camiseta mais bonita, um hino que mais agrade. As pessoas referem que é nesta etapa da gincana que as rivalidades começam a se acirrar. A partir deste momento está deflagrada a competição. Os membros das equipes, durante esses dias, estarão representando a sua equipe acima e à frente de todas as suas outras identidades sociais. Assim é que alguns gincaneiros me relataram que uma pessoa devidamente identificada com a camiseta de uma equipe, não entra em QG adversário. Os farroupilhenses ligados mais diretamente à gincana se reconhecem por suas escolhas gincaneiras em qualquer época do ano, entretanto, no momento do evento, esta identificação encontra-se à frente de todas as outras identidades sociais. “Agora não dá mais pra ser amigo de quem participa em outra equipe que não a minha, nem irmão!” me revela um gincaneiro.<sup>125</sup>

---

<sup>124</sup> Estão transcritos nos anexos deste trabalho alguns hinos de equipes.

<sup>125</sup> As equipes fortemente emblematizadas dão lugar à criação de slogans, roupas acessórios. Assim como Segalen (2002) relaciona o jogo de futebol a um resumo simbólico dos dramas que marcam a existência dos atores na sociedade, observo que a gincana, com sua organização fragmentária de equipes, oferece aos moradores de Farroupilha elementos de seu cotidiano de cidade industrial: a divisão de tarefas, a adesão a

A gincana de Farroupilha também está presente através da internet. Todas as equipes dispõem de *sites*, nos quais oferecem históricos, hinos anteriores e o atual, mural de fotos e premiações ao longo de todas as suas participações. Uma agenda sempre atualizada faz os chamamentos para reuniões e festas. Uma das equipes este ano está inovando, colocou à disposição dos moradores de Farroupilha a possibilidade de inscreverem-se via internet.

#### 4.6. O DESFILE

A Gincana tem início sempre no sábado mais próximo à data do aniversário da rádio. A abertura ocorre pela manhã com o desfile das equipes pela rua central da cidade. O desfile é considerado pelos farroupilhenses como “um verdadeiro espetáculo”. Conversando com o promotor da gincana em uma sala da rádio da qual é diretor e proprietário, ele me informou que o desfile foi agregado à gincana por iniciativa dele, para que houvesse um momento em que o “pessoal pudesse se exhibir”. Este senhor esteve sempre ligado ao evento da Gincana, mesmo antes de tomar para si a responsabilidade de sua organização. Nas primeiras edições da competição ele participava como locutor do evento e conta que quando passou a ser o realizador, através da rádio, fez algumas mudanças no formato da gincana para que esta não viesse a “se perder”. “Aliás, todos os anos eu anuncio algo novo mantendo assim a expectativa da novidade a cada ano”, diz ele.

O desfile percorre as quatro quadras da rua principal, que correspondem ao coração da cidade. Desde cedo o trânsito é interrompido para automóveis, antecipando assim a expectativa da população em relação ao espetáculo que está para começar.

Os moradores da cidade comparecem em grande número às ruas. Enquanto não começa o desfile, o povo se acotovela nas calçadas por um lugar para assistirem ao espetáculo que por ali vai passar. Algumas pessoas esperam sentadas no meio fio da

---

equipes de trabalho – empresas – em competitividade com outras e a igualdade teórica de oportunidades. (SEGALEN, 2002,76) DaMatta, ao referir-se às comemorações nas sociedades industrial individualista e moderna, afirma que estas possuem caráter competitivo, mas que a “dialética da competição individualista acaba por firmar uma totalidade.” (DAMATTA,1979,27)

calçada, outras levam cadeiras de casa, os mais afoitos avançam em direção ao meio da rua para olhar de longe a vinda do desfile. O policiamento tenta conter a ansiedade das pessoas recolocando-as de volta às calçadas. Muitas pessoas assistem das sacadas ou mesmo das marquises dos edifícios, que ficam repletas de gente.

FIGURA 11- PÚBLICO DO DESFILE DE ABERTURA DA GINCANA



A ordem da passagem das equipes é sorteada momentos antes do início do desfile. Há algumas regras a serem cumpridas nesta tarefa, no entanto, não existe avaliação quanto a criatividade ou *performance* de cada equipe. O esmero dos seus membros para com o desfile fica por conta da vontade de se exibir “bem” frente ao público. É o momento em que a equipe “se mostra” a todos. Para eles, é no desfile que ficam evidentes a potencialidade das equipes, tanto no que concerne às habilidades artísticas quanto ao poderio econômico. Por isso fazem o melhor que podem, sem medir esforços nem dinheiro, no intuito de realizarem uma boa apresentação. Além disso, os organizadores acreditam que dependendo da qualidade do espetáculo levado às ruas, haverá uma maior ou menor adesão dos populares à equipe. “Se o desfile é bom, mais gente e maior empolgação vão estar ao nosso lado pra os desafios das tarefas que virão a seguir durante o desenrolar da Gincana” dizem os líderes das equipes.

O formato do desfile é muito semelhante aos desfiles das escolas de samba no carnaval de avenida, conhecido amplamente como um modelo de desfile de escolas de samba no Rio de Janeiro. Para a apresentação das equipes são tomados muitos elementos do carnaval carioca. O desfile de cada equipe tem como base um “tema”

escolhido livremente entre os grupos. Este “tema”, assim como nas escolas carnavalescas, é desenvolvido em um “enredo”, que se apresenta através de criações plásticas, como fantasias, adereços e alegorias.

O desfile é acompanhado pelo som do hino da equipe, em geral uma paródia, especialmente composta para sustentar o tema escolhido. Sobre uma melodia bastante conhecida para que todos possam acompanhar com facilidade, é criada uma letra no sentido de dar expressão ao espetáculo visual. A música é reproduzida por alto-falantes instalados nos postes da rua e se repete ininterruptamente durante todo o trajeto da apresentação.

As principais idéias do tema são pontuadas pelos carros alegóricos. Estes são bastante apreciados pelos espectadores, que vibram com a sua passagem e comentam muito a sua grandiosidade. Os carros são verdadeiras construções alegóricas, que fazem um espetáculo a um público que não possui cinema ou teatro na cidade. Cavalos de Tróia, naves espaciais, dragões cuspidos fogo e navios gigantescos atravessam as ruas, proporcionando à população uma experiência de apreciação artística ímpar na localidade.

FIGURA 12 – DESFILE DAS EQUIPES DA GINCANA



As fantasias mascaram as pessoas desta pequena cidade onde quase todos se conhecem, sem, no entanto, deixar de evidenciar o indivíduo que a veste. Os integrantes me revelaram frequentemente a satisfação de naquele momento, simples operários estarem como “um igual” - referindo-se às vestes - com seus patrões, grandes empresários.<sup>126</sup>

<sup>126</sup> Aqui mais uma vez aparece, no relato deste gincaneiro, aquilo que já foi abordado anteriormente como uma idéia trazida por Turner (1984) e apropriada por DaMatta (1979), para analisar o carnaval brasileiro. A

Como primitivos homens das cavernas, como deuses do Olimpo, reis Momos, ou ainda como pilotos futuristas de naves espaciais, os integrantes das equipes compõem um espetáculo que deixa o público maravilhado. Homens vestidos de mulher, mulheres seminuas, árabes, cowboys, ETs, palhaços, fantasmas e “brasileiros”. A Fantasia ocupa a rua para que seja celebrada a abertura da gincana, com este grande desfile ou, como eles costumam dizer, com o “nosso carnaval”.<sup>127</sup>

FIGURA 13 – FANTASIA<sup>128</sup>



O número de integrantes que passam no desfile das equipes variam de 800 a 2000, a maior delas. Estes desfilam segmentados em alas que obedecem, como no desfile do carnaval do Rio, a uma “evolução”. Alguns grupos passam com coreografias bem ensaiadas. A maioria das pessoas, no entanto, desfilam caminhando.

---

eliminação das desigualdades que caracterizam os momentos excepcionais, à margem da estrutura cotidiana, ao dramatizarem dilatadamente o cotidiano, recriam significados que podem vir a integrar o mundo da ordem.

<sup>127</sup> O desfile reproduz, em certo sentido, o mesmo Carnaval analisado por DaMatta (1979), uma vez que também aqui se dá a produção de carros alegóricos, fantasias, músicas, para desfazer o dia-a-dia na inversão do mundo ordinário. De forma muito similar proporciona um espaço e um tempo específicos para comportamentos que rompem com as regras da rotina e revertem os papéis sociais.

<sup>128</sup> Este homem interpelava os conhecidos para contar que estivera alguns dias no Rio de Janeiro e que voltara assim: “Queimadinho do sol” referindo-se a tinta preta com a qual cobrira a pele.



Como o formato do desfile é tomado do modelo do carnaval carioca, como eles referem, e como eu própria pude observar, não pude me ater a comparações entre as duas apresentações. O que mais me chamou a atenção foi a corporalidade expressada durante o espetáculo. As pessoas entram na rua visivelmente contidas corporalmente.

129

O público, que das calçadas assiste ao espetáculo, vibra, aplaude e às vezes dança ao som da música que vem acompanhando a equipe. Manifestações mais fervorosas acontecem entre as pessoas identificadas com a equipe que se apresenta. Estes em geral estão vestindo a camiseta da equipe.

As equipes, assim como as escolas de samba, têm trinta minutos para efetuarem o desfile. Esta é uma das regras que devem obedecer, sob pena de serem desclassificados na contagem final de pontos da gincana. Assim é que passadas no máximo duas horas e meia, a abertura da gincana está finalizada. O fim deste desfile, no entanto, não esvazia as ruas, evidenciando que a festa recém está começando. A cidade continua efervescendo.

Terminado o desfile, está dada a abertura da gincana, que passa a seguir a acontecer em diversos pontos da cidade. Cada equipe deve agora ocupar seu QG oficial. Eles estão espalhados em pontos mais afastados do núcleo central, levando a uma ocupação territorial mais abrangente. Por onde se anda há pessoas nas ruas.

#### **4.7. AS TAREFAS**

Na conversa que tive com o realizador da gincana, ele relatou ter um cuidado especial no sentido de que as tarefas sejam de naturezas diferentes, para manter a competição equilibrada entre as equipes. “Se a gente cria tarefas que só envolvam dinheiro, a equipes mais favorecidas não deixariam espaço para as equipes que têm mais dificuldades financeiras e que podem crescer. Assim é que ao lado das tarefas

---

<sup>129</sup> Ao presenciar o desfile das equipes pude observar que os integrantes não expressam total envolvimento com o ritmo ou com o personagem que trazem na roupa. Poderia dizer, pensando no carnaval de DaMatta (1979), que este é um carnaval bem comportado. A forma do desfile foi tomada emprestada sem que no entanto haja um carnaval – excesso, entusiasmo – internalizado e expresso pelos corpos dos sujeitos.

que envolvem custos, sempre inserimos outras que exijam somente habilidade da pessoa, como uma corrida de saco, por exemplo.”

Desta forma, as tarefas encontram-se divididas em diferentes tipos, “tarefas de procura”, quando as equipes devem achar coisas ou pessoas com determinadas características, em geral, raras; as “tarefas noturnas”, que são realizadas no sábado durante a noite e em localidades rurais, e as “tarefas artísticas” que são distribuídas desde a véspera e deverão ser apresentadas durante a tarde de domingo. Para estas últimas, é montado um palco em um grande terreno vazio, equivalente a um quarteirão, em frente à sede da rádio.

As tarefas mais lembradas pelos gincaneiros são as tarefas do tipo “procura”. Nestas tarefas parece estar a parte mais acirrada da disputa. Para conseguirem chegar ao objetivo pedido, muitas estratégias e muito dinheiro frequentemente entram no jogo. Nesta etapa da gincana as equipes devem trazer objetos antigos e raros, ou uma pessoa que possua algum atributo específico incomum, como o nome ou a nacionalidade, por exemplo.

As pessoas não cansam de contar algumas dessas tarefas em que as equipes se empenham em procurar coisas ou pessoas raras devido ao aparato que elas envolvem. Por exemplo, dizem que se necessário até “helicóptero” já conseguiram para cumpri-las. O realizador do evento me conta que houve um ano que a tarefa era trazer uma Romizeta, um tipo de carro importado raro hoje em dia. Uma das equipes conseguiu aquela que pensou ser a única no estado, em Novo Hamburgo. Quando o pessoal desta equipe ficou sabendo que havia outra Romizeta em outro lugar, foram em busca do automóvel. A equipe então comprou a segunda Romizeta para ter a certeza de seria a única equipe a cumprir com este trabalho.

Os moradores da cidade me contaram muitas histórias sobre essa acirrada competitividade e as estratégias “às vezes nem tão éticas” de que devem proceder para não ficarem “para trás”.<sup>130</sup> Nas conversas que tive com as lideranças das equipes, essas práticas sempre foram relatadas como comuns às outras, ou seja, a sua própria equipe aparece como vítima de outra e nunca como protagonista de atitudes

---

<sup>130</sup> Em nota inserida no capítulo I deste trabalho já foi referido, através de uma citação de Costa (1998), a satisfação e eficiência insuperável em fazer negócios como constituintes do *ethos* dos “italianos”.

competitivas mais agressivas. Nesses relatos as equipes transgridem a regra somente como reação ao ataque do outro.

Uma dessas histórias foi contada por um integrante de equipe. A tarefa exigida era a de apresentar à comissão organizadora da gincana no domingo, uma pessoa com o nome de Domingo.

*Isto foi fácil, alguém da equipe conhecia um senhor chamado Domingo, morador do Primeiro de Maio. Foram, alguns gincaneiros, atrás do homem, ele era inclusive gente nossa, simpaticante da nossa equipe. Acertaram com ele. Eu mandei o pessoal de volta para que isolassem o homem em um hotel de Caxias, com tudo pago. Afinal, era sábado, e o homem deveria ser apresentado só no dia seguinte. O problema é que o seu Domingo não queria ir pra Caxias. Então eu mandei que pelo menos ficássemos com os documentos dele. No dia seguinte, quando chegamos na casa dele, uma outra equipe, fazendo-se passar pela nossa já havia levado o homem. Voltamos para o QG sem saber o que fazer. Até que lembrei que estávamos de posse dos documentos dele. Olhei em torno da mesa onde estavam vários integrantes da equipe a matutar como sairíamos dessa. Apontei para m deles e disse: Tu é o Domingo, vamos lá! Apresentamos um colega com os documentos do Domingo verdadeiro. Ninguém poderia contestar os documentos eram legítimos! (Empresário, descendente de imigrantes italianos, líder de equipe da gincana de Farroupilha.)*

A satisfação com que contam histórias sobre essas tarefas competitivas que requerem estratégias criativas para vencerem o adversário é muito grande. Pode-se observar isso na excitação com que falam e gesticulam, pelo sorriso estampado nos rostos e pelos inúmeros exemplos. Quando terminam de contar a “trapaça” que em geral sofrem eu pergunto-lhes: a atitude tomada pelos adversários é considerada lesiva por vocês e isto não consta como regra da gincana, então porque não denunciam à organização?! Eles, sem exceção, me respondiam - alguns parecendo ser tomados de surpresa com a minha observação: “Mas é aí é que está a graça da gincana!”<sup>131</sup>

---

<sup>131</sup> A emoção que envolve os gincaneiros neste jogo competitivo que requer ações elaboradas para “deixar os outros pra trás” é tão visível durante o desenrolar da tarefa como em comentários tecidos posteriormente, quando os participantes as relatam com requinte de detalhes. Essa satisfação em vencer, em superar o outro, me lembrou de um depoimento dado por um empresário de Farroupilha. Não somente a prática comercial na qual estava se referindo é similar ao jogo da Gincana, como sua expressão de prazer pareceu-me a mesma dos gincaneiros. Disse-me ele sobre sua trajetória de colono à grande empresário que é hoje: “Eu consegui emprego para trabalhar no balcão. Era meu sonho! Daí foi o começo (...) arrumei um sócio e então, logo me tornei proprietário do armazém. Um dia fui a Porto Alegre comprar uma máquina registradora. O vendedor em Porto Alegre ofereceu-me 30% de desconto caso eu comprasse duas. Relutei um pouco, pra que? Eu não precisava de duas registradoras! Pensei... Comprei as duas. Aqui chegando instalei a minha e com a outra debaixo do braço atravessei a rua e ofereci ao negociante vizinho da frente. Vendi! Pelo preço cheio! Peguei um gosto por isso!

Os outros tipos de tarefas, que são propostas com o objetivo de recrutar os próprios gincaneiros a exporem suas habilidades, tornam-se muito divertidas aos espectadores. No espaço situado frente à rádio, na rua, são chamados integrantes das equipes para realizarem atividades diversas, criativas, na maioria das vezes, muito engraçadas. Por exemplo, na gincana anterior foi solicitado às equipes que enviassem um integrante vestindo luvas de box. Quando estes se apresentaram, achando que estava pronta a tarefa, foi-lhes informado que assim vestidos de luvas deveriam costurar um fino tecido com linha e agulha. Ou ainda a tarefa em que as equipes deveriam apresentar um casal vestindo a indumentária gaúcha. Lá eles então tinham que montar uma barraca e dentro desta trocarem de roupa. Saía de dentro da barraca o homem vestido de prenda e a mulher de gaúcho. As tarefas sempre trazem um fator inusitado que dificulta aos gincaneiros ao mesmo tempo em que as tornam divertidas. “A gente tem que ser esperto e sempre pensar o que pode estar vindo por trás”, reflete um líder de equipe.

As últimas tarefas são aquelas que resultam de criações artísticas que devem ser preparadas de véspera. Estas são apresentadas em um palco que é montado em frente ao prédio da rádio para esta finalidade e também para o show de encerramento. A tarde de domingo é tomada por estas apresentações que vai agregando um público cada vez maior. No momento das apresentações os gincaneiros, pessoas comuns da cidade, estudantes, operários, pequenos e grandes empresários, tornam-se, todos, artistas. Transformam-se - e com muita convicção - em atores, bailarinos, cantores, músicos, mímicos, enfim, no que for necessário para superar seus concorrentes. No fim da tarde, um grande público – alguns dizem 10mil - toma conta do local desta festa, que irá terminar à noite, com revelação da equipe vencedora e o show de encerramento.

Todas as etapas da gincana, desde o desfile até a entrega do troféu, são filmadas. Os vídeos ou DVDs são vendidos posteriormente, ou encontram-se à

disposição dos interessados nas videolocadoras da cidade. Estas gravações são, durante o ano, vistas e comentadas pelos moradores da cidade.

A última edição da Gincana, em dezembro de 2007, pela primeira vez, contou com a presença da TV UCS, uma emissora regional que pertence à Universidade de Caxias do Sul. Interessada no evento, esteve em Farroupilha gravando as várias etapas da festa para posteriormente veicular para toda a região o acontecimento. Isto, somado à participação cada vez maior de pessoas de outras cidades da Serra Gaúcha, pode estar sinalizando para um evento que pode vir a tomar proporções regionais.

#### **4.8. O ENCERRAMENTO**

FIGURA 14 – A FESTA DE ENCERRAMENTO



A festa de encerramento acontece no mesmo lugar destinado às apresentações artísticas das equipes. O local, então cheio de gente - espectadores, torcedores e

integrantes das equipes -, é o próprio palco onde o povo realiza a sua festa. A rádio proporciona então, um show musical, geralmente com uma banda de expressão estadual.

O clímax do evento acontece na revelação do vencedor, com a entrega do troféu. “Só duas equipes terminam satisfeitas: a que ganha e a que pensava ficar em último lugar e não ficou”, comenta o organizador da Gincana em sua sala de trabalho, enquanto folheamos álbuns de fotografias sobre o evento. Ele também me disse que a equipe vencedora não ganha premiação alguma além do troféu. A rivalidade entre as equipes por si só faz a competição. “Eles sabem que a única coisa que irão receber é o troféu, sem dinheiro ou qualquer outro bem material”. Mesmo assim empenham-se na disputa, que se sustenta somente pela vontade que eles têm de superarem uns aos outros.

FIGURA 15 –A ESPERA DO RESULTADO DA GINCANA



Fonte: Álbum de fotos da Rádio Espaço

Dois responsáveis por uma das equipes, conversando comigo no QG, tentaram me explicar sobre a sensação de ganhar a gincana. “Ganhar dá uma sensação incrível. Uma coisa assim... não dá pra explicar! Mas o bom mesmo quando a gente ganha, poder tocar flauta nos outros. É assim que nem Grenal<sup>132</sup>, o melhor de tudo é ver o outro perder.” Um integrante de outra equipe também me falou desse prazer que dá ver os outros perderem, “é melhor do que ganhar o troféu”. Vencer, portanto, significa para eles, menos do que ver o outro perder. Posso perceber claramente que o crescimento de cada um, para eles, é relacional. Só se percebem vencedores ao verem o fracasso do outro.<sup>133</sup>

Mas a festa é realizada por todos, inclusive pelos perdedores, que aproveitam a ocasião para beber, dançar e estarem uns com os outros em celebração. Assim a festa continua por muitas horas durante a noite de domingo. Ainda se escuta o barulho de automóveis, buzinas, cantorias de grupos de pessoas que passam pelas ruas.

No entanto, no outro dia, no amanhecer da segunda-feira, nada na cidade testemunha a festa do fim de semana. Impedida de permanecer em Farroupilha na noite de domingo da Gincana deste ano, não presenciei o dia seguinte da festa. Um amigo, morador de Farroupilha há 10 anos, natural da cidade de Pelotas, e que tem conhecimento deste trabalho, relatou-me em meio a uma conversa casual suas impressões do final da festa, através do MSN. Transcrevo aqui um trecho desse nosso diálogo:

**F diz: vou te fazer o relatório da festa do fim da gincana, q deu p/ ver ouvir e sentir aqui no camarote.**

=D diz:

**Ótimo!**

---

<sup>132</sup> Clássico do futebol gaúcho de grande rivalidade, o qual disputam os times da capital: Grêmio e do Internacional.

<sup>133</sup> Acho que o provérbio do negócio muito repetido entre os moradores naturais de Farroupilha pode ser lembrado aqui!

*Diz o italiano ao fazer negócios:  
Bom pra ti, ruim pra mim, não tem negócio.  
Bom pra ti, bom pra mim, não tem negócio.  
Ruim pra ti, bom pra mim, negócio fechado.*



F diz:

**hj p/ manha, incrivel, nao havia acontecido nada!**

=D diz:

**ahahaha**

=D diz:

**é mais q pontual**

F diz:

**era tudo imaginação pura....**

F diz:

**hj: ninguem nas ruas, silencio, ritmo acelerado no transito, comemoraram ontem aquela hora e acabou como os almoços de comunidade que tu sabes.....**

F diz:

**ate a comemoração é abril!**

F diz:

**tem linha de produção....**

F diz:

**tem horario de expediente,,,,,**

F diz:

**e tem q ser bom comemorador. qdo termina: é fim!**

F diz:

**ja'p/ casa !**

A dispersão rápida dos participantes não permite que haja um encontro das representações informais – de excesso – da festa com as representações formais dos papéis sociais vividos por esses sujeitos no dia-a-dia. Restabelece-se novamente a ordem cotidiana, sem resquícios da desordem experimentada durante a Gincana.



#### 4.9. OS SIGNIFICADOS DA FESTA

A Gincana é, certamente, o momento em que os moradores de Farroupilha vivem uma efervescência coletiva que está no oposto do ritmo cotidiano da vida social desta cidade em particular. É uma festa! E não é por se opor ao mundo da ordem, por ser uma festa, que deixa de constituir-se pelos próprios elementos que regem o dia-a-dia da comunidade. A festa surge de um repertório simbólico, da cosmologia do grupo, como um resumo cultural.

A Gincana, observada como festa da cidade, revelou as maneiras como os farroupilhenses expressam, informam, relembram e reatualizam uma visão modelar de si próprios. Pude constatar que este evento traz para a centralidade da cena idéias, crenças e símbolos forjados no processo histórico recente da industrialização e urbanização de Farroupilha.

Ao manipular os símbolos do pioneiro colonizador e gerenciar a inserção de outros, surgidos na transformação da vida social predominantemente agrária para o meio urbano industrializado, o evento evoca uma reatualização do mito do imigrante. O mito de origem do imigrante está assentado na figura do herói pioneiro. Homem de sacrifícios, sóbrio, econômico e perseverante, que através de seu árduo trabalho transformou a natureza – mata virgem – em cultura – colônias prósperas.<sup>134</sup> É a capacidade de trabalho inerente aos imigrantes e seus descendentes que justifica a prosperidade econômica da região. Assim, à luz dos valores capitalistas vigentes, as colônias passam a ser vistas numa trajetória ascendente, como bem sucedidas.<sup>135</sup>

A figura do herói civilizador é trazida para este novo cenário, para, então, a partir de seus comportamentos modelares, fundamentar os comportamentos atuais no contexto da cidade industrializada. O foco não está no pioneiro italiano, mas na sua trajetória - tida e vista como ascendente - de colono à grande empresário. A transformação de uma situação de pobreza em um estatuto de bem sucedidos, hoje, se encontra relacionada a modelos exemplares, que devem ser imitados por todos aqueles

---

<sup>134</sup> Cf. Azevedo (1975), Manfóí (1975), Battistel; Costa (1983), De Boni ;Costa (1984 ), Oro (1996 ), e outros.

<sup>135</sup> Mocellin (1993) demonstra a atualização desse mito já em contexto modernizado da região onde esses atributos dos pioneiros são acionados para estabelecerem paradigmas de ação.

que desejem fazer parte do grupo como um vencedor, inclusive os recém-chegados. É desta forma que a Gincana apaga algumas fronteiras entre os sujeitos, colocando-os em relação íntima com os valores predominantes do grupo.

A observação da Gincana como um ritual veio acentuar alguns elementos, levando-me a problematizar a ética do trabalho existente entre os descendentes de imigrantes italianos. Esta é atribuída tanto pelo senso comum como por diversos intelectuais.<sup>136</sup>

A cidade de Farroupilha – assim como toda a região de colonização italiana –, encontra-se muito identificada com o trabalho. É evidente ao olhar de quem chega a centralidade do trabalho na vida dos sujeitos desta região. Para estes, o progresso econômico conquistado significa “prestígio social não somente pela acumulação de bens e capital, mas também pelo reconhecimento social do esmero ao trabalho”. (ORO,1996,619) Portanto, para eles é importante serem vistos sempre em função do trabalho, pois isto lhes confere valor.

O trabalho, no entanto, não aparece como atividade prazerosa. Já nas narrativas resgatadas entre os pioneiros, a construção do lugar remete a muitos sofrimentos. Desta forma sou levada a considerar que o trabalho não apresenta um fim em si mesmo, ou seja, o que moveria estes sujeitos identificados com a italianidade não é simplesmente o desejo de trabalhar.

Weber (2004) trouxe-me algumas pistas quando questiona o “avanço dos italianos” diante dos descendentes de imigrantes alemães. A autora fornece algumas alternativas ao simples empreendedorismo baseado na ética do trabalho que o senso comum e os intelectuais apontam como fonte do crescimento econômico. Para refletir sobre o desenvolvimento da região, a autora sugere outros fatores – não relacionados às “atitudes étnicas” – que tenham contribuído para o desenvolvimento das colônias italianas. .<sup>137</sup>

Assim como Weber, penso que existem outros elementos atuando juntamente com esse impulso ao trabalho. Como penso também que há diferentes agenciamentos,

---

<sup>136</sup> Weber(2004r) nos alerta para o comprometimento do uso da noção ética do trabalho, uma vez que a intelectualidade a tomou do senso comum, dificultando as análises.

<sup>137</sup> Os autores que estudam a região de colonização italiana não deixam de comentar o comportamento centralizado no trabalho desses sujeitos. Veja-se os trabalhos de Manfró (1975), Balen (1981), De Boni;Costa (1985) axiando impulso ao trabalho à “italianidade”.

por parte desses sujeitos, que dão sentidos diversos a essa ethos do trabalho relacionada aos descendentes de imigrantes europeus, aqui em particular aos italianos. Esta análise não é o propósito desta pesquisa, no entanto, gostaria de salientar que a observação da Gincana me sugeriu outra possível forma de acessar e repensar a ethos do trabalho entre os moradores da cidade de Farroupilha.<sup>138</sup>

A competitividade tão exaltada e que tanto emociona esses sujeitos durante sua festa ritualística acabou por me fazer acentuar alguns dados encontrados em meu campo no dia-a-dia que até então não haviam suscitado para mim maior interesse. Uma vez que observei o grande prazer com que os moradores de Farroupilha celebram a rivalidade entre eles, não seria possível pensar a competitividade como um dos fatores a impulsionar esses indivíduos a atividades produtivas? Em outras palavras, não seria a emulação social um elemento importante para que esses sujeitos sintam-se impulsionados a “trabalhar mais e cada vez mais”?

A partir desta reflexão retomo conversas, entrevistas e depoimentos, quando eu ouvi por parte dos indivíduos naturais de Farroupilha que “a inveja é o motor do progresso”. Muitas vezes explicavam-me o desenvolvimento econômico da cidade a partir da “sagrada inveja”, outra expressão observada para exprimirem o sentimento motivador que, segundo eles, proporciona a riqueza distintiva da região.

Isto me traz de volta o relato de Marília (ver capítulo 2), quando conta que o vizinho da casa em frente à sua, ao ver seus filhos brincando com um bicicleta nova, compra uma outra bicicleta, mais moderna, maior e mais cara para os seus. Para a surpresa de Marília a bicicleta fica lá no alpendre da garagem, à mostra. Não é adquirida para que as crianças usufruam, mas “para ficar lá” “só pra gente ver que eles podem comprar uma melhor”. Quem sabe, sob a ótica oferecida pela gincana, se possa observar a cena como um diálogo em que a bicicleta é um elemento comunicativo que incita a dialética do desafio e da resposta, usado pelos vizinhos da frente –“italianos” – para convocar Marília para o jogo da rivalidade. Para o jogo da “sagrada inveja” onde

---

<sup>138</sup> Imbuída de categorias weberianas me pergunto como é possível um espírito capitalista entre ditos fervorosos católicos? DeBoni (1984), ao analisar a ética do trabalho à luz da religiosidade dos descendentes de imigrantes italianos, observa entre eles a existência de uma conduta extremamente similar à ética protestante, à qual Weber (2004m) atribuiu o surgimento do capitalismo. Diante da impossibilidade de axiar os preceitos religiosos católicos à conduta de vida racional, o autor conclui que existiria então duas éticas entre os descendentes de imigrantes italianos: uma atitude para com Deus, e outra voltada para o próximo.

todos tentam todo o tempo superar-se uns aos outros, através da aquisição de coisas. Esta atitude de comprar bens e não usufruí-los, como muitas vezes escutei como atitude incompreensível por parte dos novos imigrantes, pode ser uma maneira de esses sujeitos evidenciarem que estão inseridos no jogo social do lugar. O trabalho desta forma vem a significar a atividade que lhes dá condições de manterem-se em rivalidade. A coesão desses sujeitos altamente individualizados pode ser encontrada nessa emulação. Talvez por isso eu tenha presenciado reuniões tão formais, sem um encontro mais solidário entre as pessoas. Os novos imigrantes, muitos deles, vieram na esperança de ascensão econômica. Repetem e submetem-se às regras do jogo sem, no entanto, participarem emocionalmente dele, a percepção de falta de emoção deixa entrever o fato de que estes não lhe conferem os mesmos significados. A crença de que seguindo certos comportamentos poderão tornar-se bem sucedidos é seguida sem que isso faça muito sentido. Mas penso que é exatamente nesses interstícios de significados que se configura um espaço de negociação em que podem estar sendo construídos outros tantos significados, que levarão a novas transformações nos jogos identitários desses sujeitos.

Nesses diálogos não evidenciei nenhuma valoração negativa em relação a esse sentimento expressado e vivido por eles. Segundo eles, o desejo de ter o que o vizinho tem impulsiona-os a uma constante disputa pela aquisição de bens. Afinal, isto – o sentimento de querer superar o outro – é o que os diferencia e os valoriza como empreendedores bem sucedidos em relação às demais regiões do estado do Rio Grande do Sul e do Brasil. Os outros, os ‘brasileiros’, segundo eles, é que não dão certo porque se motivam por atitudes menos propícias à prosperidade.

Este comportamento, muitas vezes, choca e angustia os novos imigrantes com os quais convivi, que vêem o comportamento dos descendentes de imigrantes italianos como agressivo, anti-social e individualista. A inveja, como um dos elementos referidos pelos recém chegados para expressarem o “sistema daqui”, é um sentimento bastante negativo, mesmo entre aqueles que procuram reproduzi-lo.

A rivalidade, no entanto, é um dos jogos sociais mais marcantes entre os naturais de Farroupilha, e que encontrei ritualizada na gincana. Os descendentes de imigrantes italianos naturais de Farroupilha com os quais tive contato na pesquisa

sobre a gincana foram enfáticos em focalizar na rivalidade a emoção maior que dá sentido ao extraordinário da festa. A sensação de estar em competição para tentar superar o outro é sempre comentada com muita satisfação. Como um ritual, a Gincana possibilita iniciar, familiarizar, associar à satisfação essa ética da competitividade como motor social.

As práticas sociais do cotidiano, como as tarefas da gincana, são efetuadas pelo estímulo de que ao final destas, poderão vencer seus rivais. Este dado foi importante para que eu desviasse meu olhar do referido valor que estes sujeitos dão ao trabalho. Esta é uma noção tida pelos próprios sujeitos como pelos intelectuais que analisam as regiões de colonização européia. A valorização do trabalho entre os imigrantes é inquestionável, entretanto, a partir destas minhas observações, fiquei inclinada a pensar que este ímpeto ao trabalho entre os descendentes de imigrantes pode estar a serviço do prazer da competitividade.

O que torna a Gincana tão absorvente não é simplesmente a realização das tarefas, o trabalho, e sim a rivalidade. A partir daí sou levada a pensar que na sociedade de Farroupilha a valorização do trabalho pode estar representando uma prática social que permite aos atores se perceberem inseridos num mesmo universo, o da competitividade. Esta sim, a motivação que constitui um jogo informado pelo mito da ascensão social – do colono pobre que através de comportamentos “italianos” tornou-se empresário bem-sucedido.

Ao tomar a Gincana etnograficamente foi-me possível perceber mais claramente alguns elementos presentes nas relações cotidianas dos moradores da cidade, os quais eu, até então, estava tendo dificuldade em compreender. A Gincana, portanto, como um ritual que expõe, intensifica e focaliza, com maior brilho, os dramas sociais cotidianos locais, desfez alguns nós que eu havia encontrado durante minha pesquisa de campo.

A Gincana celebra valores considerados importantes para que o grupo tenha percorrido a trajetória de ascensão econômica e social que levou Farroupilha de uma colônia ao estatuto de cidade industrializada. Competitividade, trabalho, espírito empreendedor, foram os elementos centrais da festa, que percebi serem tomados do cotidiano, e que aqui se encontram de forma lúdica, para reforçar e, quase

didaticamente, informar sobre a importância dessas práticas e comportamentos modelares. O interessante é que a Gincana incita a pensar que, por dois dias, essa é a “ordem das coisas”, mesmo que hiperdimensionando aspectos e invertendo outros. Novos imigrantes, recém-chegados são expostos e convidados a ingressar nessa lógica.

Como todo o discurso simbólico, a Gincana destaca certos aspectos da realidade, tornando alguns mais presentes do que outros. O destaque desses elementos, no caso deste evento, evidencia mais continuidades do que discontinuidades. Desta forma, juntamente com a função de reiterar a ordem do grupo, a gincana proporciona um ambiente de excessos. Ao mesmo tempo em que reforça as regras do trabalho e da competição, dissolve regras que no cotidiano se opõem à vida de trabalhadores. Desta forma, aproxima comportamentos valorizados dos comportamentos interditos, como se aproximasse o sagrado do profano, criando, nesse tempo e espaço específicos, uma sociedade utópica. A competitividade, a racionalidade, a seriedade, podem, na organização da festa, conviver com a solidariedade, a fantasia e o riso.

O ritual que apaga os limites dos ditos e dos interditos, também dissolve as fronteiras entre os grupos, ao colocá-los ‘performativamente’ em relação íntima com valores que por ora deixam de pertencer a um ou outro segmento, uma vez que podem ser experienciados por todos. A Gincana, portanto, é esse momento ritual, como lembra Tambiah (1996), bom para pensar e para viver.

## REFLEXÕES FINAIS

Nessa dissertação trago algumas sugestões para pensar as interações entre imigrantes recentes e sujeitos identificados com a italianidade, observadas em meu trabalho de campo,

Iniciei esse trabalho contextualizando o cenário, mostrando que a região conhecida como Serra Gaúcha encontra-se localizada no nordeste do estado do Rio Grande do Sul. O território, então considerado devoluto, foi destinado a assentar os imigrantes italianos que aqui chegaram há cerca de 130 anos atrás. Num relativo isolamento em relação às cidades do entorno, a população que provinha de pequenas aldeias do norte da península itálica organizou-se em núcleos coloniais rurais e em sedes urbanas. O rápido desenvolvimento dessas colônias a partir da década de 50 transformou-as em verdadeiros núcleos atrativos, catalisadores do mercado e da força de trabalho. O crescimento do comércio, e posteriormente da indústria, gerou uma demanda de mão-de-obra bem maior que a capacidade de absorção dentre os trabalhadores locais. Foi, então, necessário buscá-la em outras localidades. Anúncios veiculados em jornais do estado e até mesmo recrutadores em contato direto tentavam atrair operários para a região.

A partir de então, as cidades que haviam crescido sob a hegemonia da população de descendentes de imigrantes italianos passaram a ter seus territórios compartilhados pela presença de outros grupos, advindos de outros lugares do estado do Rio Grande do Sul, como por exemplo, Lagoa Vermelha, Alpestre, Planalto, São Borja, Santo Ângelo, São Gabriel, Livramento, Bagé, entre outros. Inicialmente, a cidade de Caxias do Sul foi o principal pólo de atração dessa emigração. Porém, logo outros municípios vizinhos também buscaram, através de iniciativas públicas e privadas, incentivarem a implementação de fábricas.

Este foi o caso da cidade de Farroupilha – recorte geográfico deste estudo – onde em 1971 alguns empresários, juntamente com o poder público, inauguraram o primeiro Distrito Industrial do Rio Grande do Sul, oferecendo muitos incentivos para a instalação de indústrias. Com o sucesso do empreendimento, muitos novos imigrantes

acorreram ao chamado da oportunidade de trabalho. Entre 1970 e 1995, segundo dados fornecidos pela Câmara de Indústria e Comércio de Farroupilha, a população passou de 20 mil para 55 mil habitantes. Hoje, segundo estimativas do IBGE, a população é de 70 mil habitantes, sendo 77,3% destes moradores da zona urbana.

Não existem dados oficiais registrados que quantifiquem o número de imigrantes que chegaram ao município em período recente. Entretanto, um levantamento realizado nas escolas pela Secretaria Municipal de Educação revela uma taxa em que cerca de 60% da população usuária da rede de ensino do município, hoje, é proveniente de outras cidades.<sup>139</sup>

Meu objeto de estudo se constrói no contexto desse novo movimento populacional em direção à cidade de Farroupilha industrializada. Constatado o fato da presença do expressivo número de pessoas advindas de outras localidades, fui informada de que esta população recém chegada ocupa bairros populares no entorno da cidade, próximos às indústrias que inicialmente originaram este fluxo. Procurei observar as situações que estão sendo criadas e recriadas pelos sujeitos no enfrentamento de uma experiência de ruptura – com o lugar de origem -, e de inserção na sociedade de acolhimento, na qual já existe toda uma trajetória do movimento de reivindicação de uma identidade de descendência italiana como sinal de distintividade.

Para compreender o contato dos novos imigrantes com a “italianidade” na interação face a face, tomei como proposta metodológica empreender a observação minuciosa como sugere Goffman (2005). Durante o ano de 2007 convivi com os novos imigrantes, moradores do bairro Primeiro de Maio. Além disso, partia para um trabalho de campo que fizesse uso de várias maneiras de inserção, entre elas, algumas possibilidades de observação participante, como propõe Malinowski (1984) – aqui penso especialmente as visitas nas casas, a dinâmica de bairro e a gincana, que extrapolam a simples entrevista ou a observação de interações sociais.

O bairro observado surgiu em 1982, a partir de um loteamento, planejado para abrigar os recém chegados. Privilegiei, nesse convívio, além de entrevistas, a observação participante em muitos diferentes contextos e eventos para que eu também pudesse observar meus observados sob a observação uns dos outros.

---

<sup>139</sup> Diagnóstico da rede de ensino fundamental do município de Farroupilha, SMED, PMF, 2006.



Concomitantemente ao trabalho de campo no bairro, procurei resgatar, através de depoimentos e entrevistas, as diferentes noções de italianidade existentes entre os descendentes de imigrantes italianos.<sup>140</sup> Outro foco abordado nas entrevistas relacionou-se à visão dos estabelecidos para com os recém-chegados. Pretendi evidenciar as maneiras como cada um dos grupos elabora uma representação do outro e de si próprio frente ao outro. E, ainda, de que forma um conjunto de valores – identificados com a identidade italiana – consegue ser partilhado e reinterpretado por outros interlocutores.

As noções de identidade italiana, referidas pelos informantes, encontram-se descritas no primeiro capítulo deste trabalho, no qual estas foram mapeadas e relacionadas a diferentes momentos do percurso histórico deste grupo. A partir da idéia de que as fronteiras se constroem no contato com o outro (BARTH,1998), procurei salientar as relações entre as significações da identidade dos descendentes de imigrantes italianos e as diferentes aproximações destes com os grupos do entorno.

As reivindicações de italianidade apareceram sob duas perspectivas: uma diacrônica e outra sincrônica. Isto porque as diferentes formas com que os sujeitos se pensaram italianos ao longo do tempo podem ser evidenciadas nas simultaneidades de significados que conferem o pertencimento identitário do grupo. Desta forma, observei sujeitos acionando sua italianidade através de elementos que remetem a vida rural, ou que valorizam a sua italianidade aproximando sua genealogia aos pioneiros, outros ainda que buscam uma distinção ao pensarem-se italianos descendentes de comerciantes.

Os descendentes de imigrantes italianos relacionam suas trajetórias a condutas restritas à família, à fervorosa religião, ao impulso ao trabalho e à tenacidade. No entanto, muitos apreciam se comentarem jocosamente através do anti-herói Radicci, que paradoxalmente contraria todos esses valores.

Constatee, assim, um discurso amplamente veiculado e constantemente reforçado que informa ao grupo sobre atitudes e comportamentos exemplares a serem seguidos. A noção de italianidade guarda uma trajetória de definições e redefinições

---

<sup>140</sup>Moradores do centro da cidade que de alguma forma mantêm relações com os sujeitos provenientes de outras localidades. Empresários, funcionários públicos ligados à Secretaria de Habitação, à Secretaria da Saúde e à Secretaria de Educação, assim como o pessoal responsável pela segurança pública, vereadores e prefeitos que exerceram ou ainda exercem seus cargos, foram os meus depoentes.

que dão historicidade a essa identidade e permitem um leque amplo de usos no seu cotidiano pelos diferentes protagonistas da relação. Portanto, apostei em demonstrar uma variabilidade e a capacidade de um amplo repertório de valores referidos a italianidade serem constantemente redefinidos.

Esta abordagem, construída no capítulo um, permitiu também visualizar as oscilações do equilíbrio nas relações desses grupos. A construção da italianidade - que hoje coloca valores e dispositivos éticos e morais como sistemas dominantes nesta região - percorreu um caminho no qual, dependendo da maior ou menor aproximação com a cultura do entorno, não somente acionou diferentes reivindicações identitárias como se apresentou diferentemente valorada na relação.

A região colonizada por agricultores pobres e estrangeiros era inicialmente inferiorizada pelos sujeitos da aristocracia rural que ocuparam anteriormente o estado do Rio Grande do Sul com atividades pecuárias. Logo, os setores latifundiários viram-se decadentes, e as áreas coloniais de descendentes de imigrantes italianos foram tomando posições econômicas e políticas de importância. Na tentativa de agregar valor simbólico a esta ascensão, os descendentes de imigrantes tomaram elementos da cultura gaúcha, reivindicando, - naquele contexto -, para o grupo, uma identidade hifenizada, os ítalo-gaúchos. Hoje, entretanto, pude observar um enaltecimento da identidade italiana muito desvinculada da imagem dos brasileiros. O “caráter empreendedor” que os acompanha está em completa oposição ao “caráter indolente” com que identificam os sujeitos não vinculados à italianidade.

A superioridade reivindicada pelo grupo dos descendentes de imigrantes italianos em Farroupilha não se atém a evidentes vantagens materiais ou econômicas. A supremacia do grupo estabelecido frente aos novos imigrantes também não está assentada somente no fato da permanência anterior ou mesmo na idéia de fundação do lugar. Além desses fatores mencionados, a superioridade dos primeiros imigrantes sobre os últimos, recém chegados, é acionada através de virtudes auto-atribuídas pelos indivíduos do primeiro grupo e que estão presumidas como ausentes nos grupos recém chegados.

Como observa Elias (2000) o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características “ruins” de sua porção “pior” – de sua minoria

anômica. “Em contraste, a auto-imagem do grupo estabelecido tende a manter a se modelar em seu setor exemplar mais “nômico” ou normativo – na minoria de seus “melhores” membros.” (ELIAS,2000,23) Isso facilita ao grupo estabelecido provar suas afirmações a si mesmos e aos outros. Barth (1998), por sua vez, observa que os grupos étnicos constituem uma forma de organização social ao classificarem seus membros em pertencentes e não pertencentes. Esta classificação ocorre em relação a elementos culturais que os próprios indivíduos acionam. Se o grupo étnico se constitui ao acionar características que o diferencie, então sua identidade se constrói na relação com o outro. Ela não se afirma isoladamente. (...) ela se afirma ‘negando’ a outra identidade. Para utilizar uma expressão de Cardoso de Oliveira -, ‘etnocentricamente’ por ela visualizada”.

Desta forma, compreendi que a identidade, além de ser construída na interação com o outro, carrega juntamente um componente ideológico. Ou seja, penso que, nas relações interétnicas que observei entre os “italianos” e “brasileiros”, a interação acontece realçando a preponderância do grupo da italianidade, inerente à negação dos sujeitos vindos e tidos como “de fora”.

A veiculação – na escola, nos atendimentos públicos, nos eventos festivos – de uma vasta literatura exaltando a imigração e reafirmando o valor do “colono” que ascendeu, social e economicamente, subsidiam as noções mais comuns encontradas nos debates informais e nas compreensões maneiradas corriqueiramente sobre a italianidade. Estes discursos circulam na sociedade regional como um conjunto de idéias que informa os sujeitos sobre seus atributos e papéis sociais, fundamentando os jogos identitários entre as pessoas de “origem” e os “outros”. Assim, valores compreendidos como importantes pela comunidade, como a religiosidade, o apego à família, o impulso ao trabalho, e no caso deste estudo em Farroupilha, a competitividade, são constantemente lembrados como atitudes “italianas”, imprescindíveis ao sucesso dos empreendimentos da cidade.

Os novos imigrantes que se deslocaram para Farroupilha para atender a demanda dos empreendimentos dos estabelecidos, são vistos pelos sujeitos do grupo estabelecido como um problema social. Nas falas destes, parece que recém chegados vêm usufruir de uma riqueza já estabelecida. Desta forma, a diferença é também

concebida como desigualdade. Poucos se referem aos recém chegados como trabalhadores que disponibilizam a mão-de-obra necessária para o sucesso econômico da região. Conceber a etnicidade como categoria implica desnaturalizá-la, contextualizá-la e questioná-la no vínculo da agenda política em que se encontra atrelada no momento. Parece-me oportuno, então, lembrar que a riqueza produzida na região não acontece pela ação exclusiva de descendentes de italianos. O trabalho de milhares de operários e operárias que sustenta os grandes empreendimentos encontra-se silenciado pelo discurso étnico difundido entre os moradores do lugar. A evocação de um *ethos* do trabalho, como inerente à italianidade, diante da falta desta característica entre os “brasileiros”, não estaria excluindo uma percepção aí presente que é a da relação empreendedores/patrões e operários? Até onde este discurso que coloca em estatuto de superioridade aqueles que têm o impulso ao trabalho atrelado à sua origem não estaria manipulando operários a se inserirem em um ritmo fabril?

Em uma visão “macro” de análise, percebe-se a dominação constituinte do capitalismo de exploração do trabalho. Entretanto, evidencio a reapropriação, por parte dos operários recém chegados, da crença no mito do pioneiro que ascende a grande empresário. Para eles - esta leitura está contemplada no quarto capítulo -, as chances de vencerem e tornarem-se patrões é muito palpável. Afinal o grande empresário, muitas vezes, o seu próprio patrão, também já foi pobre, colono. Esta é a ficção do lugar e a realidade de alguns. A sombra do patrão<sup>141</sup> que mantém a ordem fabril mesmo entre os muros da vila operária, neste contexto de Farroupilha, aparece como sonho. Ou seja, muito mais do que por coerção externa, os recém chegados partilham o desejo de também, quem sabe, com muito esforço, persistência, trabalho, - comportamentos tidos como “italianos” – chegar a percorrer a mesma trajetória do patrão.

Os valores reivindicados pelos descendentes de imigrantes italianos e reconhecidos pelos recém chegados como valores atribuídos aos italianos, traz, portanto, elementos que constituem a pauta a ser negociada nas interações entre esses sujeitos, como “bons” operários e remete a um controle – e auto-controle – moral. É a esse contexto social e a partir desses jogos simbólicos que os novos imigrantes,

---

<sup>141</sup> Lopes refere-se a esta imagem da sombra do patrão trazida na obra de Brandão. (LOPES, 1987?, 151)

atraídos pela oferta de trabalho, são chamados a se inserir, se auto-reconhecer e a referendar um amplo repertório de qualidades morais da italianidade e do bom trabalhador.

No segundo capítulo, demonstrei as diferenças a que os imigrantes recentes – em nome da italianidade - se sentem subitamente chamados e pressionados a negociar. Até então, estes não haviam experienciado uma identidade étnica da mesma forma como é acionada na região. Referem que em suas cidades também existiam muitos italianos, poloneses, alemães, mas isso não estava na agenda das relações sociais da maneira excludente como se encontra *aqui* em Farroupilha. Eles percebem que, ao serem considerados brasileiros, diferentemente dos italianos naturais daqui, estão sendo considerados *estrangeiros* ao lugar e destituídos de algo que lhes é precioso, uma conduta, ou o prazer de viver.

Os novos imigrantes refutam a idéia da diferença étnica, dizendo: “brasileiros todos nós somos, ou por acaso eles nasceram fora do Brasil?” (César, natural de Quaraí, mora em Farroupilha desde 1988.) No entanto, afirmam-se diferentes dos moradores estabelecidos de Farroupilha, valorizando a vida mais prazerosa que levavam em suas cidades de origem em oposição à centralidade do trabalho que vivenciam agora.

As virtudes reivindicadas pelos “italianos” estão muito centralizadas em comportamentos que valorizam a vida restrita ao trabalho, a capacidade de empreender e de sempre querer mais bens materiais. Os novos imigrantes vivenciam esta situação criticando a ausência de um bom viver entre os “italianos” acusando-os de não saberem aproveitar os frutos de seu trabalho com momentos de descanso e prazer.

Em outras palavras, os jogos identitários e o idioma da identidade de “origem” permite verbalizar e veicular reflexões sobre modos de vida, sobre as noções correntes do “bom trabalhador” e do “bom viver”.

Os novos imigrantes afirmam-se diferentes dos moradores estabelecidos de Farroupilha. Pude encontrar uma unidade entre eles na referência à exclusão, ou seja, todos se sentem iguais por serem “de fora”. No entanto, logo, sempre salientam que são muito diferentes entre eles próprios e buscam suas identidades atrelando-as às regiões de origem, dizendo-se da fronteira, ou da campanha, ou ainda um missioneiro.

Parece que diante da desvalorização que enfrentam quando identificados como brasileiros, procuram não acionar esta identidade, a não ser que seja para englobar a todos.

Encontrei, desta forma, um ambiente reflexivo bastante instável, no qual diferentes configurações constituem as estratégias que constroem este complexo cenário de relações sociais. Em determinadas ocasiões, a distintividade, que num certo contexto singulariza, gerando e multiplicando fronteiras, em outros momentos desloca esses limites para englobar estes sujeitos sob a idéia de um pertencimento comum.

Deste amplo repertório de valores destacam-se os temas que inspecionam a qualidade moral dos interlocutores: a avareza, a inveja, e os modos de trabalhar e de divertir-se.

Enquanto em minha pesquisa de campo as falas dos novos imigrantes traziam insistentemente referências a um grande descontentamento com o “sistema daqui” a observação que eu fazia apontava para uma internalização desse “sistema” por eles próprios. Dessa forma, no terceiro capítulo, mostrei como os recém chegados se dizem diferentes dos moradores de Farroupilha, enquanto agem de forma que não se distinguem desse amplo repertório identificado com a italianidade.

As “queixas” dos novos imigrantes sobre os limites do bom viver italiano expressam na verdade os limites do bom viver operário. Ao queixarem-se dos comportamentos atribuídos aos italianos, invisibilizam a prática desses mesmos comportamentos por eles próprios. O não dizível sobre si aparece na crítica ao “outro”. Os recém chegados, sem serem italianos, restringem seu lazer, sua sociabilidade pública, inúmeras vezes em detrimento da valorização das atitudes relacionadas ao trabalho e assim, mesmo que involuntariamente, vivenciam uma adequação ao “sistema daqui”.

Aqui parece estar havendo uma sobreposição de uma identidade étnica a uma identidade operária. Mas como isso é possível? Por trás, sobreposto ou reforçando a etnicidade, está a difícil enunciação da identidade operária, que se instala em suas vidas e se realiza no projeto da cidade ao se industrializar e nos projetos individuais de cada um ao imigrar em busca de melhores condições de vida.

Mesmo vivenciando essa trajetória comum, a imagem que os novos imigrantes têm de si próprios não traz para eles a idéia de grupo ou de operários. Quando se referem a “nós, os de fora” sentem-se como pessoas isoladas sem estarem a compartilhar suas experiências de deslocamento e inserção. Nesse mesmo capítulo, mostrei que os sujeitos sofrem no processo de afastamento de sua experiência de intensa sociabilidade e solidariedade, tida e vista como algo deixado para trás, no local de origem. Agora, na vivência de operários, se sentem isolados uns dos outros, sociabilizando-se numa vida mais centrada no ‘eu’ do que no ‘nós’, referindo-se a si mesmos como pessoas “falhadas”, haja vista a vida reclusa no convívio da família nuclear que constatei entre eles. Costumam *queixar-se* com frequência da falta de espaços e momentos que propiciem o convívio social e o lazer. A “queixa” não é “reivindicação” e sim uma expressão de um desajuste na ordem das coisas.

Os recém chegados vivenciam as diferenças aqui encontradas trazendo sempre relatos sobre o modo de vida que levavam em suas cidades de origem. Como num ‘jogo de espelhos’, ao trazerem em suas falas o estranhamento com os padrões vivenciados aqui, deixam transparecer os padrões de vida em suas cidades de origem. A comparação que fazem entre os dois lugares (o antes e o agora) revela as diferenças entre os dois universos distintos de inserção social e remete a comparações entre aquilo que na literatura encontrei como um deslocamento de sujeitos provenientes de cidades onde predomina um modelo hierárquico, tradicional - onde as relações pessoais de solidariedade são mais fortes -, para Farroupilha, uma cidade que se transforma em uma localidade onde a industrialização e a intensa urbanização do projeto capitalista estão se constituindo e preconizando um modelo moderno, individualista (no sentido dado por Dumont).

A partir destas constatações, penso que as diferenças negociadas nas relações desses sujeitos contêm elementos fortemente relacionados a um universo informado pelo patriarcalismo agrário das cidades de origem dos novos imigrantes e elementos ligados a esta sociedade industrializada, onde são valorizadas ações de um mundo moderno, capitalista. Assim, no capítulo 3, sugiro algumas reflexões para pensar que o deslocamento dos novos imigrantes não somente os coloca diante de uma identidade étnica distinta, mas também frente a uma distinta identidade social, devido às

diferentes noções de Pessoa que estão implícitas na construção dos universos simbólicos de cada uma das sociedades. Trago, assim, para o contexto desta pesquisa, a idéia de que Farroupilha pode estar sendo vista, pelos novos imigrantes, como parte desse outro contexto “estranho”, através de uma cultura singularizada na preeminência do Valor do indivíduo. Os recém chegados, no entanto, são sujeitos que comparativa e situacionalmente trazem a não-ênfase nesse Valor, mas no privilégio à totalidade, o que pode estar ocasionando muitos mal-estares entre eles. Esse é mais um dos aspectos dessa fonte de mal entendidos e de discrepâncias entre os interlocutores.

No quarto capítulo, a descrição e a análise da Gincana permitem que se compreenda mais facilmente como está acontecendo a “familiarização”, com diferentes aspectos do ethos italiano e do bom empreendedor que vai além do “bom” operário. A Gincana é vista pelos proponentes como uma forma de integração. Para mim, este evento proporciona uma experiencição de um sistema de valores em sua multiplicidade, de maneira divertida e lúdica. É um “mundo invertido”, finalmente festivo, mas também é “mundo concentrado”.

A Gincana, portanto, está, aqui neste trabalho, considerada como um domínio privilegiado para observar alguns elementos que se encontram presentes nas relações entre os membros da italianidade e os “de fora”. Extraídos das interações sociais, percebe-se esses elementos sendo manipulados, dramatizados e valorizados durante a festa. Ou como diz Geertz, um comentário público que nos permite entender uma “história que eles contam a eles próprios sobre eles mesmos”. (GEERTZ,1989)

Fiz da Gincana a minha “Briga de Galos” na tentativa de fazer um comentário metassocial (GEERTZ,1989) da sociedade em Farroupilha e passei a pensá-la como uma disputa que coloca em foco experiências comuns do dia-a-dia como “apenas um jogo”. Um jogo extremamente competitivo que se realiza através de muito trabalho na execução de tarefas.

A relação que os moradores de Farroupilha fazem com a origem da Gincana demonstra que esta é uma festa forjada no processo histórico recente da industrialização e que, portanto, carrega idéias e símbolos deste processo, que envolve também a imigração contemporânea. Não somente reflete as condições sociais do grupo e suas visões de mundo, como também contribui para transmiti-las, reorganizá-



las e, muitas vezes, criá-las. A cidade de Farroupilha - assim como as demais cidades da região - está relacionada à imagem construída e constantemente reafirmada do herói pioneiro que abateu a mata selvagem, através de sua tenacidade e ímpeto ao trabalho.

O advento da Gincana permitiu observar esses símbolos reatualizados no processo de transformação da colônia em cidade industrializada, quando a sociedade se recria e se afirma tomando consciência das crenças que sustentam essas mudanças. A festa assume um caráter simbólico, no qual, a partir de um fundo comum de crenças, a comunidade se “oferece em espetáculo”. Propõe uma performance (TAMBIAH,1996) que mantém atualizados comportamentos e atitudes valorizadas para a permanência e reconstrução do mito. A Gincana, portanto, é uma festa urbana que ritualiza ações como a competitividade e a capacidade de empreendedorismo.

Os valores modelares dos imigrantes italianos pioneiros, que permitiram a ascensão econômica do novo contexto, são lembrados e reforçados durante o evento. A idéia da trajetória do colono pobre e estigmatizado que se transformou em grande empresário bem sucedido traz concomitantemente a necessidade de reproduzir os elementos comportamentais que possibilitaram essa transformação. Ou seja, aquelas atitudes que possibilitaram a ascensão social e econômica dentro do contexto moderno.

A gincana é uma oportunidade de conhecer como os recém chegados que já internalizaram os comportamentos do lugar passam a ser considerados incorporados aos italianos.

A vitalidade da referência da identidade étnica italiana pode ser observada na Gincana, ali os valores alcançam as pessoas que não necessariamente são “de origem”. Os novos imigrantes, de diferentes formas, vão se apropriando desse repertório da italianidade. Desta forma, estes experienciam aquilo que Sayad (2000) aponta como uma dupla referência, comportando dentro de si mesmos os fazeres das cidades de origem e os novos padrões que, identificados com uma cultura do “outro”, em outros cenários, deprecia o estilo de vida deles próprios. Os recém chegados, assim, vivenciam sofrimentos constituindo relações de hostilidade para com o “outro” que muitas vezes é também um imigrante recente.

Em suma, a noção de italianidade se faz acionando um amplo repertório de valores ligados ao “caráter”, à “ética” e à “conduta” que remetem ao valor do trabalho.

Aparentemente, constitui-se aí uma fronteira de valores morais intransponíveis aos “outros”. No entanto, os novos imigrantes, na tentativa de uma inserção e reorganização de suas vidas sociais, procuram invisibilizar comportamentos que os evidenciem como “de fora”. Assim, passam a conscientizar atitudes, gestos e comportamentos, que devem ser desempenhados nas interações do novo contexto.

O esforço observado entre os novos imigrantes para uma assimilação ao “sistema daqui” pode ser relacionado ao compartilhamento da crença do mito atualizado do pioneiro. O mito do colono pioneiro, que aqui chegou como agricultor pobre e se transformou em empresário bem sucedido, parece estar informando linhas de diálogo e ordenando as relações com os novos imigrantes. Tomar, como dizem alguns moradores de Farroupilha, o “trabalho como estilo de vida”, significa estar atuando no jogo competitivo que o qualifica como sujeito empenhado em fazer parte do esforço para se tornar um empreendedor, ou seja, um italiano.

De que maneira está se dando a incorporação de elementos de um grupo pelo outro? A partir da observação da Gincana pode constatar uma fronteira inclusiva focalizada e exacerbada pelo ritual. Este evento demonstra que não só os recém chegados estão se apropriando de um repertório de valores da italianidade. Os estabelecidos, aos poucos, também vão internalizando hábitos que, acionados na resistência dos novos imigrantes, vão moldando um novo cenário aos valores da italianidade nas relações sociais locais.

A noção de italianidade, portanto, entre os novos imigrantes, passa a ser abrangente a todos aqueles que venham a participar das ações modelares que, segundo eles, possibilitaram trilhar a mesma trajetória dos descendentes de imigrantes. Por isso, os recém chegados já familiarizados com os comportamentos do lugar podem passar a ser considerados italianos.

Diante de um contexto aparentemente estruturado por “italianos” e “brasileiros”, foi possível constatar poros de permeabilidade, nos quais as fronteiras simbólicas entre os grupos se tornam bem mais fluídas e negociáveis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Rita. Os sentidos da festa. **Travessia. Revista do Migrante**. Centro de Estudos Migratórios, São Paulo, 1998.
- AZEVEDO, Thales de. **Italianos e Gaúchos**. Porto Alegre : IEL / A Nação, 1975.
- BALEN, Ítalo. **Os Pesos e as Medidas**. Porto Alegre : EST / UCS, 1981.
- BARTH, Fredrick. “Grupos Étnicos e suas Fronteiras”. In: Org. Poutignat & Striff-Fenart.
- \_\_\_\_\_. “Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade” In: Vermeleun & Govers (org). **Antropologia da Etnicidade, Para além de “Ethnic Groups and Boundaries”** Lisboa : Fim de Século, 2003. pp.19-44.
- \_\_\_\_\_. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In:LASK, Tomke. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro : Contracapa, 2000. pp.107-139.
- BATTISTEL, Arlindo; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos v.2** Porto Alegre : EST ; Caxias do Sul : EDUCS, 1983.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes,1985.
- BERGSON, Henry. **La risa: ensayo sobre la significación de lo cómico**. Buenos Aires; Losada, 1962.
- BLAY, Eva. **Eu não tenho onde morar : vilas operárias na cidade de São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1985.
- BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. São Paulo: Papyrus,1996.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto **O índio e o mundo dos brancos**. São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1964.
- \_\_\_\_\_. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira, 1976.
- \_\_\_\_\_. Os (des)caminhos da identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ano 11, n.32, p.6-17,1996.

CAVALCANTI, Helenilda. O desencontro do ser e do lugar: a migração para São Paulo. In: Joanildo A. Burity (org.). **Cultura e identidade**. Rio de Janeiro : DP&A, 2002.

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: Guimarães, Alba Zaluar (org.). **Desvendando máscaras**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. pp.87-121.

COHEN, Abner. Introdução: The Lesson of ethnicity. In: **Urban Ethnicity**. New York: Tavistock, 1974.

COSTA, R.; DE BONI, L.A.. Nós os gringos. In: Maestri, M. (Org.) **Nós os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre : EDUFRGS, 1998.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo : Brasiliense, 1986.

DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz P. (orgs). **Imigração Italiana e Estudos Ítalo-Brasileiros**. Anais do Simpósio sobre Imigração Italiana e XI Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Rio de Janeiro : Zahar , 1979.

\_\_\_\_\_. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

D'APREMONT, Bernardin; GILLONAY, Bruno. **Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul (1896-1915)**. Porto Alegre : EST; Caxias do Sul : UCS, 1976.

DELGADO Ruiz, Manuel. "Quién puede ser "inmigrante" em la ciudad? In: **Exclusión social y diversidad cultural**. Donostia : Tercera prensa, 2003. pp.9-24.

DE BONI, Luís A.; COSTA, R.. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : EST / EDUCS, 1984.

DEJOURS, Chirtophe. **A Loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2000.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da Vida Nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. The notions of the person and the individual in the experience of health and illness. **Ciência, saúde coletiva** , Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.org/scielo.php?>> Acesso em: 15 ago. 2007.

\_\_\_\_\_. Os Nervos e a Antropologia Médica Norte-Americana: Uma revisão crítica. **Physis, Revista de Saúde Coletiva**. Vol 3, n2, 1993.

DUMAZIEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUMONT, Louis. **O Individualismo**. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro : Rocco, 1985.

DUNCAN,SCHMIDT&GIUGLIANI. **Medicina ambulatorial**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996.

\_\_\_\_\_. **Homo Aequalis**. Bauru: EDUSC, 2000.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Movimento; Caxias do Sul : UCS, 1975.

GASPERIN, Alice. **Farroupilha, ex-colônia particular Sertorina**. Caxias do Sul: edição do autor, 1989.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

\_\_\_\_\_. **A Nova Luz Sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Saber Local**. Petrópolis: Vozes, 2006.

GIRON, Loraine. **As sombras do Littorio. O fascismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : Parlenda, 1994.

GODBOUT, Jacques Homo donator versus homo oeconomicus. In: MATINS Paulo Henrique. **A dádiva entre os modernos**. Petrópolis : Vozes, 2002, pp63-97

GOLIN, Cida. Radicci apresenta demo via let's go : o colono falastrão. In: XXVI CONGRESSO ANUAL EM CIENCIA DA COMUNICAÇÃO, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003. Disponível em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4625/1/NP6GOLIN.pdf>. Acesso em out. 2007.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOVERS, C. & VERMEULEN, Hans. Introdução. In: Vermeleun & Govers (org). **Antropologia da Etnicidade, Para além de “Ethnic Groups and Boundaries”**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte : EDUFMG,2003.

HERÉDIA, Vânia B.M. **Processo de industrialização da zona colonial italiana**. Caxias do Sul : EDUCS, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

HUBERT, H.; MAUSS, M. **Sobre o sacrifício**. São Paulo : Cosac & Naify, 2005.

ISAAC, Joseph. **Entrevista com Isaac Joseph para o BIB**. <http://lemetro5.blogspot.com/2005/08/entrevista-com-isaac-joseph-para-o-bib.html>. Acessado em: março/2007.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. Porto Alegre : Artmed, 2002.

JARDIM, Denise F. **Palestinos no extremo sul do Brasil: Identidade étnica e os mecanismos sociais de produção da etnicidade**. Chuí/RS. Rio de Janeiro, 2000, 492f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional.

\_\_\_\_\_. Diáspora, Viagens e Alteridades: as experiências familiares dos palestinos no extremo sul do Brasil. In: **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 6, n.14, nov.2000.

KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil**. São Paulo : Brasiliense, 1997.

LANNA, Marcos. Festa e Política In: **Vivência Revista da CCHLA**. V.13. n.1. Natal: UFRJ/CCHLA,1999.

LE GOFF, Jacques. O Riso na Idade Média. In: BREMMER, J.; ROODENBURG, H. (orgs). **Uma História Cultural do Humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 65-82.

LEWGOY, Bernardo. **A invenção de um patrimônio: um estudo sobre as repercussões sociais do processo de tombamento e preservação de 48 casas em Antônio Prado**. Porto Alegre, 1992,329f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - PPGAS-UFRGS.

LOPES, José Sergio Leite. **O vapor do diabo**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. **A tecelagem dos conflitos de classe. Na cidade das chaminés**. São Paulo: Marco Zero, 1988.

LOPES, José Sérgio Leite (Coord.). **Cultura e identidade operária**. Aspectos da cultura da classe trabalhadora. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987?

MAESTRI, Mário (org.). **Nós, os Ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 1996.

MAGNANI, O Lazer na cidade. In: **Os Urbanitas. Revista Digital de Antropologia Urbana**. Ano 1, v.1, nº 0, out.2003. Disponível em <http://www.aguaforte.com/antropologia/osurbanitas/revista/urbanitas1.html>. Acesso em set.2007.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MANFROI, Olívio. **A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : IEL / Grafesul, 1975.

**MARCELLINO,**

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo : Cosac & Naify, 2003.

MELLO, Eliane de. **“Esses alemão tem que se convencer que não mandam mais na cidade ...”** relações entre sociedade receptora e (i)migrantes em Panambi na década de 1970. São Leopoldo, 2006.179f. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH, UNISINOS.

MERLOT, Christian. Festas, Máscaras e Sociedades. In: **Vivência. Revista UFRN/CCHLA**. V.13, n.1. Natal : UFRJ/CCHLA,1999.

MIRCEA, Eliade. **Mito e realidade**. São Paulo : Perspectiva, 1972.

MOCELLIN, Maria Clara. **Narrando as origens:** um estudo sobre a memória mítica entre descendentes de imigrantes da região colonial italiana do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1993. 202 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS - UFRGS.

\_\_\_\_\_. “Trajetória de Grupos Empresariais e Construção de Identidades em meio à Região Colonial do Rio Grande do Sul”. **Cadernos de Pesquisa. Universidade de Caxias do Sul**, v. 6, n. 5, 1998.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias em Rede:** representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul. Campinas, 2008, 207f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

NOVAES, Sylvia. **Jogo de espelhos.** São Paulo: EDUSP,1993.

NYGAARD, P.D.. **Planos Diretores de cidades.** Discutindo sua base doutrinária. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Uma etnologia dos "índios misturados"?** Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Mana* [online]. 1998, vol. 4, no. 1 pp. 47-77.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010493131998000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493131998000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 03/08/2006.

OLIVEN, Ruben G. **A parte e o Todo.** Petrópolis: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. De olho no dinheiro nos Estados Unidos. **Estudos Históricos.** Vol.15,n.27. Rio de Janeiro, 2001.

ORO, Ari. "Mi son talian": considerações sobre a identidade étnica dos descendentes de italianos do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, L.A. (Org.) **A presença italiana no Brasil.** Porto Alegre: EST, 1996.

PEIRANO, Mariza. **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais.** Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2001.

\_\_\_\_\_. **Rituais ontem e hoje.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade.** São Paulo : UNESP, 1998.

PROPP, V. "Quem ri e quem não ri". In: **Comicidade e Riso.** São Paulo, Ática, 1992, p. 31-36.

RABINOW, Paul. **Antropologia da razão.** Rio de Janeiro : Relume-Dumara, 1999.

SANTIN, S. Dimensão social do trabalho e da propriedade do imigrante na ex-colônia de Silveira Martins. In: DE BONI, L. A. (Org.) **A presença italiana no Brasil.** Porto Alegre : EST, 1990. v. II

SANTOS, Miriam de Oliveira. **Bendito é o Fruto:** Festa da Uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul-RS. Rio de Janeiro, 2004. 314 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional.



SAYAD, Abdelmaleck. *A Pobreza Exótica: a imigração argelina na França*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. nº17, out, 1991.

\_\_\_\_\_. **A Imigração**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração, Colonização e Identidade Étnica*. **Revista de Antropologia**. Volume 29, São Paulo: USP, 1986.

\_\_\_\_\_. *Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso)*. **Anuário Antropológico 91**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

\_\_\_\_\_. *A identidade étnica, assimilação e cidadania – a imigração alemã e o Estado Brasileiro*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº 26, ano 9, 1994.

\_\_\_\_\_. *Construindo a nação : Hierarquias raciais e o papel do racismo na política de Imigração e Colonização*. In: **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, CCBB, 1996. pp.41-58.

\_\_\_\_\_. **As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional**. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n.14, 2000.

SCHEPER-HUGHES, N. *Nervoso: medicine, sickness and human needs*. In: SCHEPER-HUGHES, N. **Death without weeping**. The violence of everyday life in Brazil. Berkeley, University of California Press, 1992.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização**. Contexto, 1998.

\_\_\_\_\_. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

SOUZA Jessé de. (Org.) **O Malandro e o protestante**. A tese weberiana e a singularidade cultural brasileira. Brasília: UnB, 1999.

TAMBIAH, S. **Leveling crowds: ethnonationalist conflicts and collective violence in south Asia**. Berkeley: University of California Press, 1996.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. **Os recados das festas**. Rio de Janeiro : FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.

THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica. Investigação social e enquête operária*. São Paulo : Polis, 1980.

TRPIN, Verônica. **Aprender a ser chilenos**. Identidad, trabajo y residência de migrantes en el Alto Valle de Rio Negro. Buenos Aires : Antropofagia, 2004.

TURNER, Victor W. **O processo ritual** : estrutura e antiestrutura. Petropolis: Vozes, 1974.

VARGAS, Patrícia. **Bolivianos, paraguayos y argentinos em la obra**. Identidades étnico-nacionales entre los trabajadores de la construcción. Buenos Aires : Antropofagia, 2005.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Notas para uma antropologia contemporânea. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1997.

WEBER, Max. "Relações Comunitárias Étnicas". In: **Economia e Sociedade**. Brasília: Editora da UnB, 1994. pp.267-277.

\_\_\_\_\_. **A ética protestante e o espírito capitalista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.m

WEBER, Regina. **Os operários e a colméia**. Trabalho e etnicidade no sul do Brasil. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002.

\_\_\_\_\_. "O Avanço dos Italianos". **História em Revista**; v. 10. Pelotas, UFPEL/Núcleo de Documentação Histórica. (VII Encontro Estadual da ANPUH-RS). Dez., 2004.r

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a cultura operária. In: **Humanas**. Londrina, PR Vol. 1, n. 1. Mar., 1999.

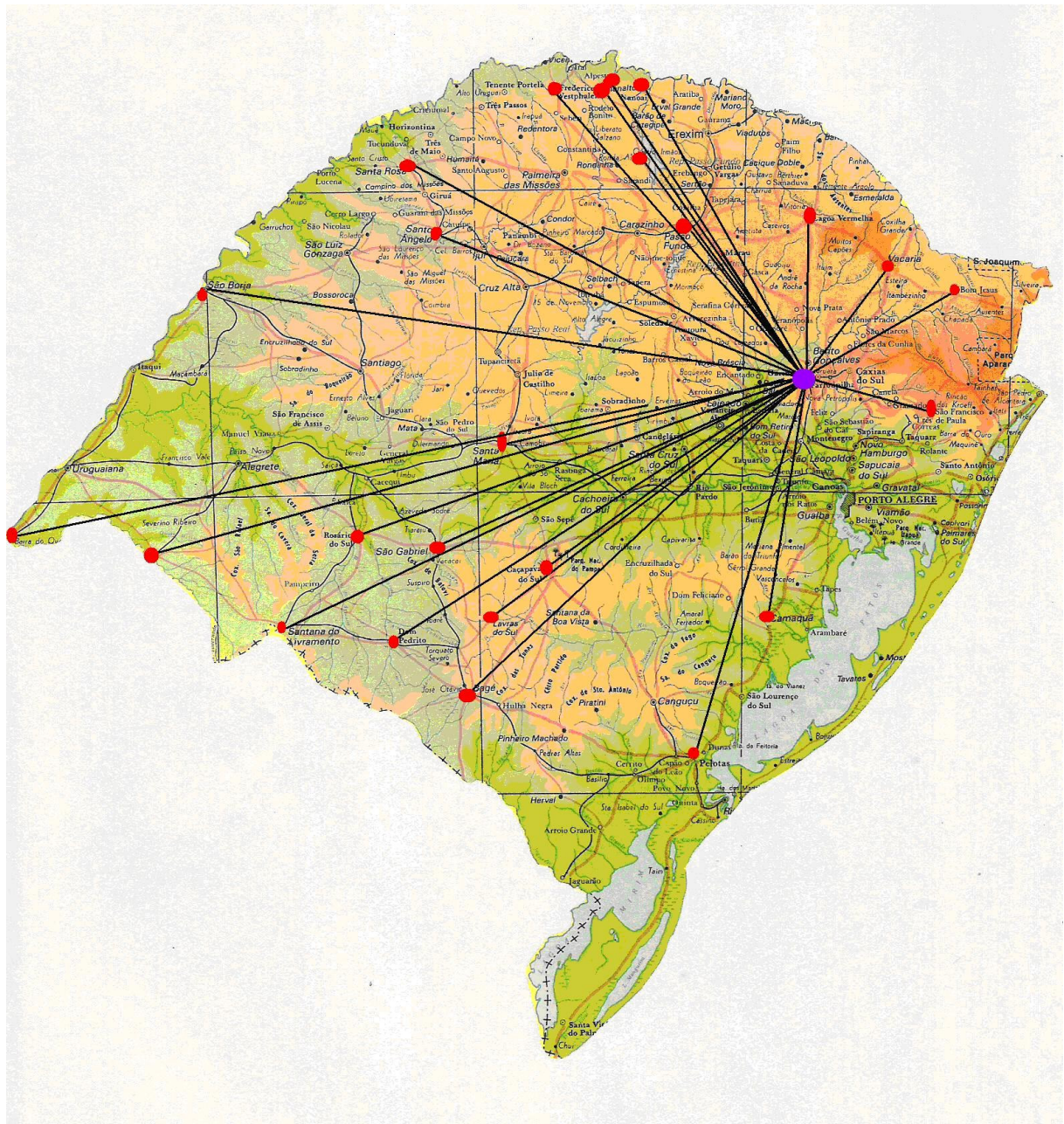
\_\_\_\_\_. Estudos étnicos e historiografia. In: Simpósio Nacional de História (22: 2003: João Pessoa, PB). Anais eletrônicos. João Pessoa: ANPUH, 2003. 1 CD-ROM 4 p.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre : Palotti, 2004.

ZANINI, M. C. C. **Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS**. Santa Maria:Ed.da UFSM, 2006.

**ANEXOS**



TRAÇADO DOS DESLOCAMENTOS DOS NOVOS IMIGRANTES DESDE SUAS CIDADES DE ORIGEM EM DIREÇÃO A CIDADE DE FARROUPILHA. Mapa construído a partir das informações obtidas entre os novos imigrantes integrantes que fizeram parte da pesquisa – 2007.

**HINO DA VEIA SECA – 2005**

Alô você  
 Sou Veia e to feliz da vida  
 Sou gincaneiro eu sou, sou da cidade  
 Sou veia seca e o meu lema é honestidade

De vermelho eu vou, da luta não sei fugir  
 Espalhando amor, abraçando o que há de vir  
 Basta se conscientizar  
 A família se unir pra lutar  
 Pro sonho se realizar  
 Vem brincar também, sem magoar ninguém  
 Com a veia seca no seu coração  
 De braços dados com a alegria  
 Jogo é blefe, é ilusão  
 Aposto tudo nesse dia

Brincar sem medo de errar  
 Querer, difícil ganhar  
 Jogar, vencer ou vencer  
 É tão bom viver

Vamos lá então  
 Pra gincana que é o nosso carnaval  
 Tendo sorte e competencia  
 Buscamos os nossos ideais  
 Nas ruas da cidade cores  
 Nossa equipe vem de amores  
 Lembrando de momentos especiais  
 Com as glórias do passado  
 E os aplausos desta multidão  
 Agora entro na avenida  
 E pra sempre no seu coração  
 Alô você

**HINO DA PILEQUE - 2007**

Eu sou Pileque, eu sou...  
 Eu sou Pileque, eu sou...  
 Eu sou Pileque, eu sou  
 Essa é nossa equipe, que é sempre um show  
 Toda Farroupilha ta ficando quente  
 Com esse clima bom que enlouquece a gente  
 Gincana Rádio Espaço é pura emoção  
 Segura Gincaneiro, vai na palma da mão

Eu sou Pileque é assim que a gente é  
 Que é Pileque sabe o que quer  
 Eu sou Pileque é assim que a gente é  
 Quem entra nessa sabe o que quer

Eu sou Pileque, eu sou...  
 Eu sou Pileque, eu sou...  
 Eu vim lá da Arábia, só pra dar um show  
 A Pena de Moraes ta ficando quente  
 Com esse clima bom que vem lá do Oriente

O Gênio da Lâmpada perdeu o Aladim  
 No meio da multidão que cantava assim...

Ah! Eu sou Pileque, eu sou...  
 Ah! Eu sou Pileque, eu sou  
 Eu sou Pileque, aha, eu sou  
 Eu vim lá da Arábia e vou dar um show  
 Até a Jeannie é um gênio ta ficando quente  
 Com esse clima louco  
 Que enlouquece, que bum, a cabeça da gente

Tem Odalisacas gostotsas  
 Que dançam, que dançam  
 Que mexem, que mexem  
 Que pira a cabeça da gente

Ah! Eu sou Pileque